

Neve em Outubro, coisa rara



Num outono atípico, a meses de calor, mesmo em Outubro, houve um arrefecimento brusco na última semana de Outubro, tendo mesmo caído neve em Castro e no Pernidelo, entre outros locais do nosso concelho. Foi no dia 28 de Outubro. Aurora Soares, de Lobiô, fez-se eco desse facto em fotos que publicou no facebook e de onde extraímos esta.

Escola Superior de Desporto e Lazer com recorde de alunos



pág. 25

Provedor Jorge Ribeiro fala dos 4 anos do mandato na Santa Casa



pág. 22-23

Congresso do Ozono, em Melgaço

págs. 18 e 19



SC Melgacense estreia-se no futsal feminino

pág. 16



Valença entregou imagem de São Teotónio ao Papa

pág. 3

Melgacense Eurico Silva, autor de famosas novelas brasileiras

pág. 6

Pintora residente na Gave dinamiza a Branda da Aveleira

pág. 12

Obras de Santa Rita e Santa Casa em vias de serem adjudicadas

pág. 14

Turistas de Israel e Rússia escolhem Castro Laboreiro para férias

pág. 21

Encerramento da Estação dos Correios de Melgaço

pág. 24

Seminário de Nossa Senhora da Conceição de Braga agraciado pelo Presidente da República

pág. 28

Dr. José Lima intrevem no III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses

pág. 33

Crónicas de Viagens

Eslovénia e Croácia p. 14

Mosteiros da Geórgia p. 34

Expresso da Malásia(3) p. 35-36

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
 4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
 comercial@quintadoregueiro.com



Presidente da Câmara Municipal de Melgaço reconhece, anos após, razão aos eleitos da oposição

Num dos pontos da ordem de trabalhos da Assembleia Municipal de 29 de setembro último constava, concretamente, o assunto "Análise e deliberação dos Contratos Interadministrativos com as Juntas de Freguesia de São Paio e União das Freguesias de Chaviães e Paços no âmbito do transporte escolar para o ano letivo 2018/2019".

Tal assunto contedia com os contratos interadministrativos relacionados com o transporte das crianças e jovens em idade escolar, entre o local das suas residências e os estabelecimentos de ensino que frequentam, transporte esse a ser assegurado, neste caso, pelas viaturas das próprias Juntas de Freguesia, nos percursos previamente definidos.

Na intervenção que fizeram a propósito, os deputados eleitos pelo PSD no Grupo da Coligação principiaram por dizer que não tinham absolutamente nada contra a celebração de tais contratos, tendo presente que o transporte dos alunos tem de ser assegurado, e sem falhas, por tal contender com o direito constitucional à educação e, bem assim, por se concordar que a promoção da escolaridade deve ser uma aposta primordial do Município (independentemente do transporte vir a ser realizado pelos meios afetos às Juntas de Freguesia, por Associações ou Agremiações, desde que licenciadas para o efeito, ou por agentes profissionalizados ligados à área dos transportes).

Em tal Assembleia ficou-se, porém, a saber, por via da intervenção do deputado Manuel António Fernandes, que ocorreria um decréscimo acentuado dos custos, no preço por quilómetro (passando dos ajustados 1,74 Euros por km para um mínimo de até 0,61 €/km), acaso o transporte viesse a ser efetuado por agentes transportadores, mormente por taxistas, e desde que realizado em veículos com um mínimo de 9 (nove) lugares, significando, no conjunto dos vários percursos, e no total do ano escolar, uma poupança de vários milhares de euros (números estes

que não vimos rebatidos ou desmentidos pelo senhor Presidente da Câmara ou alguém do Executivo Camarário).

A consulta aos demais agentes eventualmente interessados no transporte, sejam taxistas, empresas de transporte público, ou outros, afiurar-se-ia, por outro lado, um imperativo decorrente dos princípios que devem subjazer à delegação de competências, nos termos do que estabelecido vem no artigo 121º da Lei nº 75/2013, de 12 de junho, entre os quais, e com particularidade, os princípios da igualdade, da não discriminação e da prossecução do interesse público, sendo ainda de notar que o artigo 120º, nº 2, do referido diploma legal consagra que o Código dos Contratos Públicos e o Código do Procedimento Administrativo são igualmente aplicáveis, em via subsidiária, à negociação, celebração e execução de tais contratos interadministrativos.

Tem-se bem presente que a celebração deste tipo de contratos, na área dos transportes, visa, também, possibilitar a arrecadação de algumas receitas suplementares, que possibilitem aos executivos das freguesias prosseguir os fins, as competências legais, e o plano de atividades inscrito em cada exercício anual.

Só que, e isto mostra-se incontornável, as Juntas de Freguesia não tem a estrutura, seja em meios humanos ou parque automóvel, nem a organização especializada e vocacionada para a realização deste tipo de atividade que, aproveitando as vantagens próprias das economias de escala, lhes permita praticar preços mais competitivos, comparativamente com os agentes profissionais que laboram nesta área de atividade.

Cumprido, de outra banda, lembrar que às Juntas de Freguesia devem ser disponibilizados os meios financeiros necessários a que possam as mesmas cumprir cabalmente aquelas que são as suas incumbências legais e próprias (que não o serviço de transportes, para o qual apenas poderão ser chamados

por via da delegação das competências que estão reservadas ao Município), devendo ser o Executivo Municipal, entre outras fontes, a proporcionar-lhes esses meios, não de uma forma exígua ou miserabilista mas antes reforçada, até porque, nas áreas de atividade que lhe são próprias, as Juntas de Freguesia conseguem fazer o seu trabalho junto das populações que representam com ganhos de proximidade e de eficiência.

Tendo presente o exposto, os eleitos da Coligação que se absteram neste ponto da ordem de trabalhos propuseram que as poupanças ou mais-valias resultantes da entrega dos transportes a agentes profissionalizados fossem entregues a tais Juntas, sem que, para tais verbas conseguirem, se vissem as mesmas na contingência de ter disponíveis meios humanos e parque automóvel, com os inerentes custos em termos de licenciamento, seguros, capital humano e serviços de manutenção.

Foi ainda feita uma chamada de atenção ao Executivo Camarário no sentido de que os eleitos da Oposição, neste como em anteriores mandatos, vem, ao longo dos anos, pugnando e defendendo que as delegações de competências em matéria de transportes, a acontecerem, devê-lo-iam ser por via de contratos interadministrativos, no que agora, anos após, vêm ser-lhes dada razão.

De facto, durante anos a fio o senhor Presidente da Câmara, assim como um ou outro deputado eleito pelo PS na Assembleia Municipal, insistiram que não havia, que não conheciam, outra forma de efetuar tal delegação de competências (do Município nas Freguesias) que não fosse através dos chamados "Acordos de Execução" (como aconteceu na Assembleia Municipal de 26 de junho de 2015, em cuja Ata nº 10, a fls. 13, parágrafo segundo, consta que, após abordagem desta matéria por um deputado da Oposição, e dada a palavra ao senhor Presidente da Câmara, este referiu que "todas as delegações de competências tem que passar por acordos de execução").

A delegação de competências pode, efetivamente, ser feita por duas vias, ou seja, pela via legislativa, através da celebração dos referidos Acordos de Execução (previstos e regulados nos artigos 133º e seguintes da mencionada Lei 75/2013), mas apenas quanto às matérias que estão tipificadas ou elencadas no artigo 132º do referido diploma, e a chamada delegação "tradicional", ou contratual, por via dos ditos contratos interadministrativos, em outras áreas de atividade.

Não é, de facto, como o senhor Presidente da Câmara insistente-

mente defendia, sendo incontornável que, nos termos do previsto no artigo 120º, nº 1, da referida Lei 75/2013, a delegação de competências em matérias que não possam ser objeto de Acordos de Execução tem que se concretizar através da celebração de contratos interadministrativos, sob pena de nulidade.

Sem se querer aproveitar do desrespeito pelo consignado na lei, ou arvorar tal incumprimento como uma bandeira concedente de algum tipo de glória, não deixou de se confrontar o senhor Presidente da Câmara com esta evidência, tendo o mesmo respondido não ter problemas em assumir que estava errado na inserção das delegações de competências na área dos transportes nos Acordos de Execução, mais acrescentando que Melgaço não era o único Município que fazia tal enquadramento, tendo assim, e ao fim de vários anos, sido reconhecido que a Oposição tinha razão nesta matéria.

Acerca de tal resposta, importa dizer que, desconhecendo-se, embora, se tal sucedia ou não com outros Municípios, e desconhecendo-se se aí alguém, dos eleitos da Oposição ou não, alguma vez que fosse teria levantado esta questão, certo é que o Executivo Camarário de Melgaço, perante a reiterada chamada de atenção que lhe foi feita pela Oposição, deveria ter tido o cuidado de se informar me-

lhor acerca do que é que a lei prescreve nesta matéria, o que lhe teria permitido, *ab initio*, redireccionar os procedimentos e agir em conformidade (em vez de se limitar a rechaçar, como quase sempre acontece, as propostas e os contributos dos eleitos da Oposição, por mais válidos ou valiosos que sejam, tão só porque é deles que provém, e com o resultado que depois se vê).

P'los Eleitos da Coligação, o deputado municipal,

(José Albano Esteves Domingues)

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 Braga
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa

Membro da:
AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

IMPRESSÃO E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, nº 1 - 4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal - 20 Euros
Estrangeiro - 25 Euros

Disseste que voltavas...em breve.
Espero que não demores
Quando vieres, vem pela manhã
Traz o perfume a erva molhada
Pelo orvalho que cai das folhas verdes.
Toma cuidado com flores,
que não percamos as pétalas frescas
para não serem calcadas sem respeito.
A porta estará aberta
Entra e serve-te....
Não te esqueças
É primavera.

Armando Coelho Rodrigues
Vila Chã, 27Fev15

Melgaço é o anfitrião do Monção e Melgaço Granfondo em 2019

Impacto da primeira edição garante continuidade da prova

Com cerca de 2000 inscrições contabilizadas no ano em que lançou a sua primeira edição, o Monção e Melgaço Granfondo, realizado no dia 23 de Setembro, é já o segundo maior evento cicloturístico do país. Apenas o Douro Granfondo, com mais de 3000 inscrições, supera os números registados na prova da sub-região, que aliou (e de que maneira!) o Alvarinho ao ciclismo.

A análise à dimensão do evento foi avançado ainda no rescaldo da prova pelo jornal "O Jogo", num levantamento que dá nota de outros números, alguns curiosos, como é o caso das "99 bem contadas garrafas de vinho Alvarinho" que, segundo o desportivo "voaram literalmente" (?) durante as 'sessões de prova', em plena corrida". Afinal, talvez nem só os energéticos tenham contribuído para que 1643 participantes tenham conseguido cortar a meta.

Além dos atletas de renome nacional e internacional que "apadrinharam" a prova, também os clubes de cicloturismo da região participaram em grande número. Por entre os melgacenses que participaram, alguns individualmente, fica a especial nota para a melgacense Rosa Rodrigues (CCM), que ficou em 2º lugar na categoria Masters B Feminino.

"Confirmou-se uma excelente iniciativa e uma prova desportiva de grande qualidade. Tivemos quase 2000 participantes, mais as pessoas que os acompanharam e isso teve muito impacto no território", notou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.



A primeira edição do Monção e Melgaço Granfondo teve ponto de partida e chegada em Monção – em 2019 será Melgaço o anfitrião da prova – no entanto, o autarca indicou que esta atenção especial ao território teve impacto "na restauração e alojamento nos dois municípios e até nos municípios vizinhos", portugueses e galegos.

O Monção e Melgaço Granfondo regressa a 22 de Setembro de 2019, com percurso diferente e com Melgaço a receber os dois grandes momentos da prova. "Os atletas gostaram do trajecto, das paisagens e houve um bom acolhimento das populações. As coisas correram muitíssimo bem, espera-

mos que se mantenha com o mesmo nível ou porventura com um nível superior e com mais inscritos na prova", considerou o edil.

Manuel Zeferino, director e organizador da prova, apontou, em declarações ao desportivo "O Jogo", o objectivo de chegar aos 2500 participantes em 2019. E fez a promessa: "Vamos mudar os percursos, mas o grau de exigência manter-se-á". Vontade seja feita!

O evento é uma organização conjunta das Câmaras Municipais de Melgaço e Monção juntamente com a Bikeservice, entidade promotora e o apoio de diversas entidades.

João Martinho

Valença entregou São Teotónio ao Papa



Jorge Mendes, Presidente da Câmara de Valença, entregando a imagem ao Papa Francisco que manifesta toda a simpatia

Valença entregou uma imagem de S. Teotónio ao Papa Francisco, no Vaticano, em 24 de outubro. A imagem de São Teotónio, primeiro santo português, passou a constar, pela primeira vez, na Galeria dos Santos, no Vaticano.

Valença cumpriu a missão e o desejo antigo de que a sua figura maior e um dos grandes obreiros de Portugal e da nacionalidade estivesse no coração da Cristandade. Para Jorge Salgueiro Mendes "Divulgar São Teotónio é promovermos os valores do humanismo, da portugalidade e da terra que foi o berço de uma das grandes figuras inspiradoras de Portugal".

São Teotónio foi levada, para o Vaticano, por uma delegação de Valença constituída pelo Arcipreste, presidentes da Câmara e Assembleia Municipal, presidente da Junta de Ganfei e pelo deputado valenciano Luís Campos Ferreira.

Presidente da República associou-se

O Presidente da República associou-se ao gesto, evocando um "santo padroeiro de Portugal". "Fomos e somos importantes porque fomos sempre fiéis à nossa história, aos nossos costumes e àquilo que nos define. Somos conhecidos por todo o mundo. E começou aqui, na vossa capacidade de luta e na vossa capacidade de acreditar e também na inspiração de São Teotónio que, curiosamente, acabou por ser alguém próximo do começo da nossa nacionalidade", referiu.

1º Santo Português – O Inspirador e Protetor da Nacionalidade.

Para Portugal, São Teotónio é o primeiro santo; para a Cristandade é o padroeiro dos cristãos escravizados; para Valença, a figura maior; para os tempos da nacionalidade, o homem que deu força espiritual à fundação do país.

Nasceu em 1082, na freguesia valenciana de Ganfei, e faleceu em Coimbra a 18 de Fevereiro de 1162. São Teotónio é o primeiro santo português, celebrado como o reformador da vida religiosa. Conhecido como padroeiro dos cristãos escravizados, por ter amparado 1000 moçárabes, capturados numa incursão à Andaluzia por D. Afonso Henriques.

PROCURA-SE



Cão pequeno (10 KG), 10 anos, pelo comprido. Tem chip.
Perdido em Cortegada (OURENSE) a 25 de abril 2018

CONTACTOS:
251 466 028 / 919 130 865

Na Esthetic Smile temos à sua disposição a
Terapia de Ozono .
Marque a sua Consulta.



INDICAÇÕES CLÍNICAS DO OZONO NA MEDICINA DENTÁRIA:

- NO TRATAMENTO DE CÁRIES
- NA DESINFECÇÃO CIRÚRGICA
- NA PERICOONTITE
- NO TRATAMENTO DE AFTAS
- NA SENSIBILIDADE DENTINÁRIA
- NA ENDODONTIA
- DE SALIENTAR QUE A MAIORIA DOS TRATAMENTOS COM OZONO NÃO NECESSITA ANESTESIA.

Saiba mais na
EstheticSmile

Tlf. +351251404002
808215415



Reunião do Clero natural de Melgaço



Em 22 de Outubro, na Casa Sacerdotal de Braga, onde estão a residir três sacerdotes naturais de Melgaço: padre António Domingues, natural de Alvaredo; padre Manuel Lobato, natural de Paços e padre José Zeferino Esteves, natural de Parada do Monte, teve lugar a eucaristia presidida pelo padre Carlos Vaz, também presidente do Instituto Diocesano de Apoio ao Clero (IDAC), responsável pela Casa Sacerdotal. Dava-se a feliz coincidência de esse dia ser em Braga, liturgicamente falando, dedicado a São Martinho de Dume, padroeira principal da Arquidiocese de Braga e patrono também da Casa Sacerdotal.

A eucaristia foi concelebrada por 14 sacerdotes, 12 oriundos de Melgaço e dois que a Melgaço estão profundamente ligados: o padre Ildefonso Xavier, natural de Timor, mas que adoptou Melgaço como sua segunda terra-mãe; e o padre Vasco Gonçalves, actualmente pároco de Monserrate, em Viana do Castelo, mas que a Melgaço ficou profunda e amigavelmente ligado, dos tempos em que foi pároco de Parada do Monte, Gave, Couso, Cubalhão e também Lamas de Mouro, durante algum tempo. O padre Rogério Rodrigues justificou a ausência, pois tinha consulta médica que não conseguiu adiar, mas prontificou-se a organizar a reunião do próximo ano. O Padre Joel também justificou a ausência por afazeres inadiáveis. O padre José Cândido Marques, com muita pena dele, não pôde contar com quem lhe desse boleia. O padre António Fernandes, que até há poucas semanas era pároco de Fontoura, em Valença, também faltou.

Melgaço tem 16 sacerdotes nativos do concelho: 4 de Rouças, 2 de Parada do Monte; 2 da Gave; 1 de São Paio, 1 de Cubalhão, 1 de Couso; 2 de Paderne, 1 de Alvaredo, 1 da Vila e 1 de Paços.

Nas renovadas instalações do outrora refeitório do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, por onde todos passaram, menos o padre Ildefonso Xavier e o padre Marco Caldas, teve lugar o almoço de confraternização, não faltando o vinho 'Casa do Cerdedo' e outras lembranças da nossa terra natal. O ambiente de sadia camaradagem e sincera amizade tornou-se acalentador, reforçando a ideia de que é preciso manter estes encontros, para os quais, aliás, se repetirá o convite aos párocos actuais de Melgaço, como aliás se fez também para este encontro.

Grande final do Campeonato de Portugal de Drift disputa-se em Melgaço

Paulo Nunes lidera categoria Semi-Pro e é forte candidato ao título



Melgaço recebe a última prova do Campeonato de Portugal de Drift (CPD) 2018. A quinta ronda da modalidade está agendada para os próximos dias 17 e 18 de Novembro e Melgaço, além de ser palco da última grande prova nacional de perícia automóvel, poderá ver um dos seus no pódio.

O melgacense Paulo Nunes, em competição desde a primeira prova do CPD 2018, ocupa o primeiro lugar da tabela geral da categoria Semi-Pro com 420 pontos – com

uma margem de 73 pontos sobre o 2º classificado – colocando-o na lista de favoritos ao troféu da sua categoria. Há por isso muita expectativa em torno desta última prova do campeonato, que pode ser a cereja no topo do bolo para o concelho se conseguir consagrar um dos seus participantes.

Além deste forte candidato ao pódio, em Melgaço haverá ainda mais dois pilotos em competição. Francisco Ranhada e Fábio Cardoso, a competir também na categoria Semi-Pro, têm apenas uma participação, na 4ª prova do CPD, realizada no Circuito de Baltar (Porto), mas prometem contribuir

para o espectáculo automóvel na sua terra natal.

Na sua entrada para a quarta ronda, não passaram os oitavos-de-final, não chegando a classificar-se na geral, mas voltam à pista em Novembro para contrariar o desaire de Baltar.

O Centro de Estágios de Melgaço será o local da prova, ainda sem percurso definido. O CPD é promovido pelo Clube Automóvel do Minho e pela Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting (FPAK) e conta com a colaboração do Município de Melgaço na realização da prova final do desafio.

João Martinho

Terapia con Ozono
Generación de O₃ y métodos de aplicación








OZONO
La Odontología del Futuro
Incorpórese a la Odontología Biológica

Utilización del Ozono
en Odontología

Beneficios y Ventajas

Saiba mais na
EstheticSmile

Tlf. +351251404002
808215415

Largo da feira - Melgaço

Amores cruzados

Amores cruzados (continuação)

A mãe do cachopo aparecia todos os dias invariavelmente à mesma hora. Se tivesse um relógio incorporado não seria mais pontual, mas a verdade é que não tinha relógio nenhum e quais daquelas criaturas precisavam de contar o tempo? A vida decorria ao sabor da satisfação das necessidades básicas, guiavam-se pelo sol, pela lua e pelas estrelas, pelos sons da natureza, explicava o tradutor de Macua, a língua da região. Nazarena aparecia após o almoço do Marcelino e mesmo depois de se certificar que a criança era bem alimentada e dispensava a mandioca e a banana ou a manga e o leite de caju que ela transportava numa alcofa de junco, continuou a apresentar-se diariamente no hospital do aquartelamento. A comunicação passava mais por gestos e sorrisos do que por palavras e a ela bastava-lhe ver como o seu menino melhorava de dia para dia. Este era muito engraçado a tentar ensinar à mãe as palavras novas que conhecia de cada vez que ela aparecia. E ria-se a corrigi-la, os sons sibilantes que se utilizavam na língua deles não cabiam na doçura da língua dos brancos. E se o português era difícil para os africanos, o macua era cem vezes mais complicado para os portugueses, pior do que grego, dizia o Xicão, sempre atento à interação entre mãe e filho. Havia de aprender e dizer àquela mulher que o fascinava como desejava comunicar com ela. Começaria pelas expressões primárias, cumprimentar, boa tarde, até logo ou até amanhã, o Marcelino dormiu bem, comeu bem, já se levantou da cama, pediu *matzi* (água, a primeira palavra que aprendeu). Não ia pedir ao menino que lhe ensinasse a dizer mulher bonita, não lhe parecia correto, por isso perguntou ao intérprete quando o encontrou e ficou a repetir dentro da cabeça *muthiana orera, muthiana orera, muthiana orera*.

Sem dar por isso e nada fazer para que acontecesse, pensou mais tarde o Francisco, quando viria a ser confrontado com o descalabro da sua vida, a relação entre ele e o menino, por um lado, e com a mãe, por outro, transformou-se em algo profundo que ele não controlava e que o fazia sentir-se pertença daquele núcleo. Quando a criança teve alta, sentiu-se desorientado, não podia ser verdade que o ia perder e deixar de esperar a mãe pelas duas da tarde e acompanhá-la na visita diária. Nem os aerogramas da Teresinha e da mana que chegavam sem atrasos duas vezes por semana mitigaram a ansiedade que o invadiu. Era como se tivesse a cabeça a andar à roda, uma

espécie de galinha tonta que não sabia o que fazer. O seu lugar era no quartel, onde era uma peça de uma engrenagem montada para cumprir objetivos precisos, onde as ordens eram para cumprir sem discussão, convinha que as regras fossem respeitadas para o sucesso da missão que lhes incumbia e para proteção de todos. Afastada que estava a dupla, mãe e filho, deu por si a pensar que aquela separação significava mais para ele do que a partida do cais da Rocha do Conde de Óbidos oito meses antes.

Teve alta e logo de seguida, em consequência de ter sido ferido, não importava a natureza das lesões, recebeu autorização para ir de licença à Metrópole antes da data prevista. Após o primeiro embate da notícia, era maior o entusiasmo dos camaradas com quem mais privava do que o seu. Ficou cabisbaixo e evitava as palmadas no ombro, a felicitá-lo pela sorte de ir passar o Natal com a família, de trocar o calor pesado e húmido que se lhes entranhava na pele até ao tutano pelo frio do inverno português.

À primeira oportunidade que teve, arranjou um guia para o levar à aldeia do Marcelino e da Nazarena. Não faltavam à volta do quartel rapazes e raparigas prontos a fazer qualquer coisa por umas migalhas prodigalizadas pelos tucas. Havia quem se aproveitasse da situação e nem sempre agisse com a lisura que se espera de adultos responsáveis mas esse não é assunto para aqui chamado. O Francisco pos-se a caminho, com um bernal cheio de víveres diversos, uma espingarda a tiracolo, a cartucheira à cintura e ainda um revólver. Nunca um militar saía do quartel sem estar armado e pronto a usar as armas para se defender. Isso era verdadeiro quando saíam em missão ou quando se afastavam por conta própria.

As duas filhas do Francisco nasceram com diferença de um mês. A Teresinha sempre lhe dissera nas longas cartas que lhe escrevia que se fosse menina se chamaria Francisca, como o pai, e se fosse menino seria João, como o avô materno. Era a vontade da mãe e ele não tinha por que discordar. Também não pensava muito nisso, sempre que podia estava com a Nazarena e a cabeça centrava-se naquela *muthiana orera* que tomara conta do seu coração e do seu querer. Que lhe importava dormir numa esteira sem conforto nenhum, os mosquitos a comerem-no vivo, rodeado dos filhos dela, com o Marcelino sempre colado a ele? A vida ali tinha outro significado, não havia nada a complicar, era como se estivesse

embarcado num rio tranquilo que o conduzia ao paraíso. Foi nessa pacatez que a mãe da sua filha lhe anunciou que se chamaria como o pai, decisão do irmão.

A comissão chegou ao fim, todos ansiavam pelo regresso a casa e se atarefavam na busca de recordações para levar. O Francisco ficou meio atordoado, partilhava naturalmente do entusiasmo geral e também se via a chegar vitorioso à Pátria. Dois anos longe de casa num cenário de guerra, sem vítimas mortais, eram motivo para comemorar. Porém, a realidade mais pungente prendia-se com o afastamento da Nazarena, da Xiquinha, dos outros meninos que não conheciam outro pai desde que ele entrara na cubata. Sabia que tinha de partir, queria regressar, mas uma parte de si não aceitava desprender-se daquela família, que ele amava e onde se sentia pai, marido, amante, amigo, protetor. A separação foi difícil mas era inevitável, não se pode fugir ao destino. Ainda soube antes de partir que um segundo filho seu crescia no ventre da sua *muthiana orera*. Um Francisco para honrar o nome do pai ausente, Nazarena assegurou-lhe que seria homem e ele acreditou.

A adaptação à vida civil não chegou a fazer-se. Pouco depois de regressar, por intermédio de uma mãozinha que não se deu a conhecer, surgiu o convite para ingressar na polícia e sendo o regulamento outro não deixava de haver alguma similitude. Em breve foi o concurso para a polícia de fronteiras, onde a componente de vigilância era diversa e o trabalho menos monótono, sobretudo por ocasião das férias dos emigrantes. Garantia-lhe o chefe Felizardo, que não queria outro posto, pois além da diversidade de contactos havia os proventos que se arrecadavam. Não havia mês de dezembro e de agosto que não ficasse com a sua adega bem recheada de todo o tipo de bebidas estrangeiras. Há muitos anos que não gastava um centavo em álcool e o mesmo com a sua partícula. Dava para todos.

Tudo parecia combinar-se para que o futuro lhe sorrisse e à família, chegava o tempo da vida conjunta com a mulher e a filha, sem a asa protetora dos pais da Teresinha e da tia Filomena. Dali em diante era ele o chefe de família, cabia-lhe cuidar e preservar e assumir tudo o que Deus houvesse por bem enviar-lhe. Não pensasse que seria sempre um mar de rosas, ninguém faz esta viagem sem sobressaltos, garantia-lhe o tio, e desejava-lhe muita sorte. O passado era passado, o presente logo virava passado também, importava empenhar-se no futuro e agir em prol do bem,



(continuação)

um pai de família tem diante de si o projeto mais nobre, não precisa de outro.

A Teresinha esperara ansiosamente o fim da comissão, ansiava por se acertar com o Xico, viver em comunhão e ser uma esposa a tempo inteiro. Tinha vinte anos, amadurecera, para o que a filha muito contribuiria. Começou a mostrar o que queria e não era ficar confinada à cozinha e à saleta, às visitas ao domingo a casa de um colega do Francisco, uma vez por mês a casa dos pais ou dos tios dele. Já que o Xico tirara a carta de condução na tropa, tinham de ter um automóvel. Ficavam com mais liberdade para ir ao Porto, ver as lojas, assistir a uma revista ou ir ao teatro. Também podiam ser dos primeiros a ter um aparelho de televisão, já que frigorífico e máquina de tricotar todas as suas amigas tinham. Ideias não lhe faltavam e o Xico não entendia, não fora aquela a donzela que levava ao altar. Estava com a mania das grandezas! Pensava nisso e no segundo seguinte fugia-lhe o pensamento para Moçambique onde a sua *muthiana orera* se contentava com a sua presença sem nada lhe pedir. Bastava uma tablete de chocolate, uma lata de leite em pó ou um saco de farinha para ela fazer uma festa e o cobrir de sorrisos e olhares ternos.

Mil novecentos e setenta quatro, ABRIL. Tudo mudava em Portugal, tudo indicava que o mesmo iria acontecer nas províncias ultramarinas, que passaram a ser tratadas como colónias. Ouvia-se tanta coisa que era difícil dar um nome ao que ocorria mas parecia não ser nada tranquilizador. O Francisco guardava para si as suas preocupações mas pensar que a sua *muthiana orera* e os seus filhos e os dela, que ele sentia como seus, podiam correr perigo era uma tortura. E não poder abrir-se com ninguém... Foi o capelão da companhia que lhe disse o que ele não queria saber e temia: os negros que podiam ser relacionados com brancos e os brancos que se criam filhos daquela terra e não estavam prontos para regressar à Europa não estavam em bons lençóis. Ninguém podia prever o futuro mas tudo podia acontecer, o pior também. Havia muitos mestiços e indianos que se sentiam receosos, a mulher dos seus filhos teria a sua rede de proteção mas com crianças filhas de branco...

Os aviões e os navios chegavam em contínuo cheios de fugitivos. Sabiam o que deixavam para

trás, com uma mão à frente e outra atrás a maioria só queria preservar a vida. Neste ambiente de confusão generalizada, o Francisco aprestou-se a fazer a viagem inversa para garantir a segurança dos seus. Não sabia o que faria, esperava que a situação lhe ditasse a ação. Não teve coragem de falar com a mulher, à época muito ocupada com novo enxoval para o bebé que iria nascer em breve. Abriu-se com o tio para lhe pedir auxílio e para acalmar a esposa. Da boca do sacerdote ouviu tudo o que imaginara e mais ainda. No final, chegou também a compaixão e o perdão e quando se despediu dele no aeroporto, um sentido abraço e algumas palavras de orgulho pelo sentido de dever que demonstrava. O que quer que decidisse estaria certo, porém a escolha que se impunha só a ele cabia. Seria a sua viagem só de ida ou de ida e volta?

Voltou algumas semanas depois e não chegou sozinho. A sua *muthiana orera* confiou-lhe os Francisquinhos, o lugar dela era entre os macuas, com os outros filhos. *Mwana otteela*, criança branca, estava melhor com *nkunya*, pessoa branca. Ele era homem bom, pai bom, tomasse conta dos filhos dela, talvez um dia voltassem para o seio acolhedor da mãe, para a terra quente de África. Quando a guerra acabasse e os brancos e os negros pudessem todos dar as mãos e viver em paz.

A Teresinha informou o tio Jacinto que não estava disposta a encontrar-se com os bastardinhos, se lhe aparecessem em casa faria as malas e ia para casa dos pais, uma desfeita daquelas não tinha igual. Amoleceu um pouco quando nasceu o segundo filho e a tia Filomena lhe prometeu ocupar-se dos Francisquinhos, mantendo o pai o mais longe possível deles. Achava a Teresinha que podia manter cama separada do marido e viver em harmonia com ele sob o mesmo teto, no interesse do seu bem-estar e da paz familiar, os seus filhos não eram menos merecedores do que os dele. Como o que se passa dentro de portas lá deve permanecer e o tempo faz milagres, acabaria por pedir à tia Filomena para conhecer os Franciscos; encontraram-se várias vezes, sem o conhecimento do pai, cria ela, e sem qualquer mágoa sua, como confessou ao tio Jacinto. Afinal as crianças não tinham culpa dos erros dos adultos.

Olinda Carvalho

MEMÓRIAS (XXII)

Operação Terceiro Ano

Esta operação teve lugar em Fevereiro de 1964. Fazia 3 anos que se iniciara a Guerra em Angola com a revolta dos indígenas nos Dembos. Com sucessivos adiamentos para despistar o inimigo, mas que este controlava perfeitamente no Quartel - General em Luanda. Dizia-se, um pouco em jeito de brincadeira, que a informação ao IN era recebida, mas que tinha o seu fundo de verdade, através do pessoal da limpeza que tinha o cuidado de ver os rascunhos que os Oficiais do Estado Maior, alterando as datas, atiravam para o cesto de papéis...

O certo é que no dia inicialmente marcado, a operação estava sobre rodas. Os efectivos eram na região de Nambuango, coração dos Dembos, os seguintes: 3 companhias do Batalhão 460, (o meu Batalhão), uma Companhia de Paraquedistas, um Corpo de Fuzileiros Navais vindos do Zaire (que pela primeira vez iam actuar em terra) e um Pelotão de Comandos. Toda esta gente se juntou em Nambuango com uma azáfama fora do comum. Aliás, Nambuango tinha uma simbologia especial: fora a primeira terra aonde chegara a tropa portuguesa, ali caíra o avião que transportava o General Silva Freire, (o melhor General do Exército Português) e por lá tinham passado batalhões famosos como, por exemplo, o Batalhão 191, o chamado "Batalhão do Aço". Concretamente, a minha Companhia, que liderava a Operação, saiu acompanhada da Companhia de Fuzileiros, seguindo um trajecto que nos primeiros passos era já meu conhecido. Ficava a umas cinco horas do quartel, de viaturas, e era uma espécie das "portas da guerra". Fora ali, justamente, que em Dezembro do ano passado, durante uma operação a nível de Batalhão, soara de uma qualquer árvore um tiro de canhango dado por uma "senti-

nela". Mas ao chegarmos próximo, metemos à esquerda por uma zona em declive, a meia encosta, que ao fundo era orlada por denso arvoredo. Fomos, pouco depois, surpreendidos pelo ataque de um indivíduo que, tendo feito fogo para um fuzileiro a meio da coluna, de imediato se sumiu na mata. Via-se nitidamente que, para fazer isto, se tratava de indivíduo bem preparado, pois não fizera tiro de bate e foge, mas sim fizera para a cintura do dito militar, acertando na zona da virilha, e ultrapassara a coluna de um para o outro lado em jeito de cambalhota, enrolado sobre si mesmo, e de tal modo hábil que a todos nos deixara de boca aberta... Enfim, pediu-se um helicóptero para evacuação do ferido e continuámos a nossa marcha. Era já ao fim da tarde. Dormimos em qualquer lado, por sinal de uma forma muito desconfortável, pois de noite a chuva atacou-nos de forma impiedosa, e no dia seguinte prosseguimos secando a roupa no corpo, sempre em fila indiana. Os fuzileiros, muitos deles de barba crescida, como prova do seu bom comportamento, tratavam os Comandantes por Chefe. "Ó Chefe, olhe isto, Ó Chefe, olhe aquilo"... E foi assim que, ao terceiro dia, tendo passado por um aldeamento impecavelmente limpo, com toda a tropa em fila indiana, no maior silêncio, mais quatro tiros soaram compassadamente: dois para a cintura do 2º Tenente, e um para o seu guarda-costas imediatamente a seguir. Estava comprovada a categoria dos atiradores. Primeiro, que os tiros iam sempre para a cintura, porque era ali que eles transportavam, presas com adesivos, as granadas de mão ofensivas; por outro lado, eles distinguiam bem quem eram os comandantes, entre cerca de uma centena de militares. Mas fizeram mais: na noite posterior à da nossa saída, vie-

ram flagelar, nas nossas costas, o quartel de Nambuango onde estávamos aquartelados. Afastaram as populações e ficaram os melhores guerrilheiros, os melhores atiradores, talvez vindos de propósito com essa Missão, o que prova o conhecimento antecipado que tinham da operação. No mais, todos os quartéis que topámos se apresentavam impecáveis, alguns com Escolas, Catequese, Zona de Comando... Ah, e não faltaram as botas mexicanas engraxadas e os Bilhetes de Cinema em Luanda respeitantes ao fim de semana anterior... Porque o preto era assim: através dos trilhos andava muitos quilómetros! Quantos não andava para "visitar o família"...

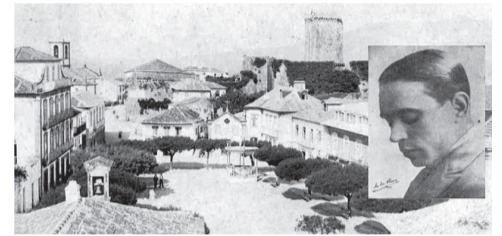
Foi justamente, num destes "quartéis", ao quinto dia, que eu resolvi atirar com a toalha ao chão e pedir um helicóptero, pois já não podia mais. Estava exausto. Aliás, não era eu o primeiro... Mas de balde. O Capitão Afonso acercou-se de mim, exacerbou o meu orgulho e eu lá continuei, vingando-me nas conservas e nas bolachas, já que não tinha outro remédio... A Operação resultara num grande fracasso: três feridos graves e nem um terrorista apanhado ou morto para amostra... Não déramos nem um tiro. Foi, por isso, de toda a inconveniência, a pergunta que, passados dias, veio do Quartel - General de Luanda, perguntando pela conduta do 2º Tenente fuzileiro que levava dois tiros que fizeram a m... a sair pelas costas junto ao cantil. É que havia uma razão superveniente. Ele era filho do Director - Geral da Companhia de Navegação. Mas tudo fora tão clarinho que a sua atitude, passiva, não tinha ponta por onde se lhe pegasse. Como, aliás, concluiu, sorridente e irónico, o Comandante da Companhia, Capitão Faria Afonso...

Alberto Pereira de Castro



Eurico da Silva, um melgacense autor de algumas das mais famosas novelas brasileiras da sua época.

Eurico António Crispim da Silva nasceu na Vila de Melgaço, no dia 16 de Setembro de 1900. Artista multifacetado, foi ator, autor de teatro, roteirista de rádio, roteirista de cinema, autor de telenovelas, produtor teatral, produtor de rádio, diretor de cinema e dramaturgo luso-brasileiro, célebre autor de radionovelas durante a era dourada da rádio, tendo uma rua com o seu nome no estado do Rio de Janeiro (Brasil).



Eurico da Silva emigrou de Melgaço para o Brasil em 1916, e em 1919 iniciou a carreira de ator com a peça "O Mártir do Calvário" (de Eduardo Garrido), apresentada no Teatro Carlos Gomes.

A mudança para o Rio de Janeiro dera-se por ter ali alguns amigos padeiros, mas logo Eurico Silva se interessa pelo meio artístico. A primeira das 15 peças que escreveu estreou em 1932, pela companhia de Procópio Ferreira, para quem traduziu outras tantas.

Em 1939, transferiu-se para o rádio, atuando no programa "Teatro em Casa" da Rádio Nacional como ator e produtor. Dois anos mais tarde voltou para o teatro e em 1945 voltou à emissora.

Como produtor tornou-se responsável por vários programas famosos à época, como Versos e Melodias, Casa da Sogra, Neginho e Juraci, e foi autor de 28 radionovelas, além de ter traduzido outras, como "O Direito de Nascer", de Félix Caignet, transmitida em 1951 em 273 capítulos, e que veio a ser o maior sucesso do género já registado no país.

Com a estreia da televisão, é um dos redatores das novelas da Rede Tupi, onde escreveu "Olhos que Amei", em 1965, ano em que faleceu. No cinema, foi roteirista parceiro de J. Rui em filmes como "Não Adianta Chorar" (1945) e com Oscarito no elenco. Dirigiu ainda três filmes.

Fundou e dirigiu a Companhia de Comédias Cazarré-Elza-De-lorges, administrou a companhia do Procópio Ferreira e a de Joracy Camargo, tendo ainda nos anos 40 participado da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

A sua obra é quase interminável. No arquivo Miroel Silveira, constam 33 peças de teatro escritas por Eurico António Crispim da Silva, escritas entre 1933 e 1964. Fez também diversas traduções de peças de teatro, algumas já atrás mencionadas.

O melgacense Eurico da Silva faleceu em 1965, conforme atrás citado, no Brasil.

Valter Alves (Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

VENDE - SE
QUINTINHA COM ± 7000m²

Monção
(a 4 kms da Vila - E.N. n° 304)

CASA DE MORADA (T4)
Casa das Garagens com
Eira e Canastro
Água corrente de mina
Corte de gado/alboio; e
Tanque em pedra.

BONS ACESSOS
Contacto: 93 222 69 69

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562



Um projecto criado por Alda Barreiros e Maria Alves

CASTANHAS



– Come-xe uha mantcheia de castanhas home?

– Stiano hai poucas mais inda hai pra dejaguar. Bou buscar a panela e bôta-xe uha prêja delas.

– Bai, bai, mais nun xe pode comer muitas xe nôn despois ê uha festa:).

– Botamos um xulbato de jor-piga que ja nun nos fazem mal. E ja que bou à adega, ponho-le o batoque às pipas porque “Por o Xan Martinho, abatoca o teu binho”.

– Puis ê! Bai la entôn q’eu tamén bou arrinjar o bibo e ó bir trato de pôr as castanhas ó lume.

É tempo delas e a um magustinho, por esta altura, ninguém perdoa. Comêmo-las cozidas ou então assadas no forno com uma mancheia de sal.

No “sargaço” ou numa panela furada em cima das “têmpras” já pouco há quem o faça. Mas foi sempre assim que se fez. Outra, o único fogão era a lareira; o forno, esse servia para cozer o pão ou para assar um cabrito no dia da festa. Não se acendia para assar castanhas.

Antigamente, comer castanhas era quase um luxo. Toda a fruta no seu tempo era devidamente vigiada porque fazia muita falta para comer e para vender.

Dizem os mais velhos que “Agôra hai couja cun fartura e tchêga tudo pra todos”. No tempo deles, as castanhas, por exemplo, eram o “prejigo” de muitas casas. Alguns lavradores comiam e davam de comer às jornaleiras batatas com castanhas. Dizia-se que, quando cozidas com castanhas, as batatas não precisavam de azeite. Tudo lucro.

Havia também quem as vendesse na feira do Curro. Por tudo isto eram aproveitadas até à última e vigiadas dia e noite (ou quase).

Era comum a mocidade fazer magustos nos lugares. Os dias (e principalmente as noites) anteriores eram passados a roubar castanhas aos vizinhos. Dizem-nos eles que “ixo tamén fazia parte da tradiçôn”.

Havia uma vizinha que tinha uns “castinheiros mi grandes” ali perto da casa. Como era rica, pagava para lhos vigiarem durante o dia. À noite, era um olho aberto e outro fechado. Um grupo de rapazes foi-lhe de noite às castanhas e pediu a um que vigiasse, não fosse ela aparecer. O malandro viu a roupa da mulher a secar debaixo dum canastro, vestiu uma saia rodada comprida e um lenço traçado ao pescoço e vê-lo aí vai campo fora em direção aos “larápios”.

“Ah rapazes ou raio a correr! Um estava em cima do castinheiro e atirou-xe abaixo. Nun xei c’me nun xe matou ou aleijou ben aleijado”. Doutra vez, uns moços resolveram fazer um magusto e o pai de dois deles tinha sempre muitas castanhas que costumava “alargar” no soalho da sala. Então, tudo combinado com os filhos, à noite, enquanto a família passava o terço na cozinha, os amigos entraram sorrateiramente e levaram quantas quiseram.

“Minha mai inda tchigou a oubir um barulho mais eu dixele que eram os gatos e ela acreditou.” “Nun habia cafês nin discotecas, eran estes os noxos adbertimentos”, dizem-nos eles!

COSER UM PÉ OU UM PULSO



Ter um pé ou pulso aberto é ter, devido a algum esforço, um tendão fora do sítio. Ora, noutros tempos, a única forma de fechar esse pé ou esse pulso era...cosê-lo. Como?

A primeira coisa era, está claro, procurar quem o soubesse fazer. A “especialista” começava por ferver um “panêlo” (de barro) de água e “debrocaba-o” numa bacia (de barro), deixando-o ficar nessa posição.

O “doente” punha o calcanhar (ou o pulso) por cima do “panêlo” a apanhar os vapores e a mulher pegava numa agulha, num pente, numa tesoura e num dedal. A tesoura e o pente ficavam pousados à beira do pé (ou pulso); a agulha e o dedal ficavam na mão da mulher que os passava por cima do pé (ou pulso) fazendo um gesto de quem o cosia, enquanto ia dizendo: “Agulhinha de cojer, dedalzinho de tanger, tijoirinha de cortar, pentinho de pentear lubai estas juntinhas ó xeu lugar, por a graça de Deus e da Birge Maria, um Padre Noxo e uha Abe Maria.” Se a água voltasse ao “panêlo”, era sinal que o pé (ou pulso) estava realmente aberto.

Posto isto, a rezadeira retirava o “panêlo” e deixava ficar na bacia a água à qual acrescentava um grande punhado de sal. Mexia muito bem e, para terminar, lavava com essa água o pé (ou pulso) aberto.

A mezinha fazia-se três dias seguidos.

FLASHS DO CICLO

Governo, Forças Armadas e Roubo nos Paióis Uma comédia em três atos

Quem estiver a seguir atentamente, o que se tem passado, com os Paióis, se não fosse tão grave, pelo perigo que representava, de certeza que, se divertia com a forma, como os seus responsáveis tratam o assunto. Com efeito, desde o dia em que foi divulgado o roubo, os seus responsáveis, do mais baixo, ao mais alto, tem contribuído, o suficiente, para realizar um belo filme. Efectivamente, primeiro apareceu um general a dizer que, quem assaltou, conhecia bem os paióis, visto ter escolhido o paiol, onde existia o melhor material. Porém a seguir apareceu, outro general e diz que, o material era obsoleto, pelo que estava para ser destruído. Depois, aparece o ministro da defesa, a por em dúvida, um dia a dizer uma coisa e no dia seguinte o contrário, chegando a mostrar, que duvidava da veracidade de haver roubo. Este ministro, com respeito a trapalhadas, foi um colosso, originando a que os portugueses, estão admirados, por se manter ministro num ministério, onde se torna necessário, um ministro competente e com credibilidade e não um mentiroso. Com efeito, bastava a declaração que fez em Bruxelas, onde aplicou a palavra “categóricamente,” várias vezes para mentir. Efectivamente, quando lhe perguntaram, o que tinha a dizer sobre as declarações do major Brazão, respondeu, não comentar, pois não conhecia o major Brazão. Eu digo que mentiu, porque tenho a certeza, que mentiu, visto que, se fosse verdade não o conhecer, a situação era pior. Com efeito, o Major Brazão não é um oficial qualquer, era o Porta Voz da Polícia Militar, única unidade, que está sob a alçada directa do ministro da Defesa, sendo a escolha e a posse, dos seus elementos, da sua responsabilidade e, dizer desconhecê-lo, considero impossível. Até porque, há poucos dias, o ministro acompanhou o Presidente da República à República Centro Africana, visitar o contingente militar português, que ali se encontra, cujo comandante era, precisamente, o Major Brazão. Outro facto que também estranhei, foi as relações, Polícia Militar com Ministério Público, por a Polícia Militar dizer que considerava um Crime Meramente Militar... Estranho, porque a Polícia Militar foi formada em 1953, precisamente quando eu fui para a tropa e tive o Privilégio, de ser selecionado para a primeira Polícia Militar. Durante a instrução, foram-nos ministrados, os Códigos de Justiça Militar (CJM), Penal (CP), Processo Penal (CPP) e Regulamento de Disciplina Militar (RDM). Em referência ao CJM, os crimes têm duas vertentes: Crime Militar e Meramente Militar. Ora o que nos foi ensinado, sobre o Meramente é que, este crime, só pode ser cometido por militares.

Assim, o caso de Tancos não podia ser Meramente. Visto que a primeira versão da notícia do assalto dizia que havia buracos na rede, por onde entrariam os assaltantes, pelo que apontava para um assalto por civis, ou nele tomar parte, como aliás, parece ser o mais provável, visto encontrar-se preso um civil, considerado o mentor da operação. Assim eu entendo que a Polícia Mi-

litar, devia com urgência, informar o Ministério Público, sem prejuízo, do seu trabalho, nomeadamente em colaboração, com o MP, até porque, além dos previsíveis crimes, também é previsível faltas, abrangidas pelo RDM. Mas, parece que o interesse foi outro. Efectivamente, analisando os zig zagues, quer das Forças Armadas, quer do Governo, consubstanciavam que, o interesse era abafar o caso. Estou certo que, se o MP não agisse, morria mesmo. Efectivamente, este caso dava uma comédia em três actos interessante. Com efeito, a primeira parte, os factos antes do assalto, ou seja, as facilidades que foram dadas, com a falta de vigilância. Este sim, meramente militar. Segundo, o roubo e a sua entrega, considerado o das trapalhadas, entre os militares e o governo.

Efectivamente, quem ouvia o ministro e a forma como o primeiro ministro, o segurou tanto tempo. Depois aparece o memorando. O Major Brazão declarou que havia entregue, no gabinete do ministro, ao seu chefe, um memorando, referente ao roubo e à sua entrega, acrescentando que o chefe do gabinete, na sua presença, informou telefonicamente o ministro. Porém, nos dias seguintes ninguém tinha conhecimento de tal memorando. Depois aparece o chefe de gabinete, um General a dizer que, efectivamente, havia recebido o memorando mas o metera na gaveta.

Alguém acredita isso? Eu não acredito, acho isso inverosímil. Acredito sim, que o Major informou o chefe de gabinete, este informou o ministro e o ministro informou o primeiro ministro e este informou o PR, ou seja, todos sabiam. Curiosa a resposta que António Costa deu ao deputado Fernando Negrão, quando lhe perguntou se conhecia o memorando, considerando-o um documento importante, Costa perguntou-lhe, como sabia que o documento era importante. Ora o memorando apareceu com estrondo, por ser referente a um caso grave. Haverá quem não consider aquele documento importante? Agora o terceiro acto, que é o dos efeitos está a começar. Já há o ministro e o chefe do Estado Maior demitidos e oficiais e um civil presos. Aguardemos mais episódios.

O Presidente da República foi há dias festejar os 25 anos, da equipe de aviadores da Marinha e. no discurso de elogio, disse que os portugueses, tinham orgulho, nas suas Forças Armadas. Numa altura, em que as Forças Armadas, causaram por desleixo, um choque nos portugueses, pelos casos tristes que tem assolado, o Exército, principalmente as mortes nos Comandos e o caso do assalto aos Paióis, Penso, que lhe ficava melhor assumir a sua parte na culpa, visto ser o Comandante Supremo, pedir desculpa aos portugueses e, prometer, que ia tomar o cuidado, para casos destes não tornarem a acontecer. Penso, que dadas as trapalhadas que se seguiram ao roubo, quer por o ministro, quer pelos chefes militares, com um PR, com bom senso e sentido de Estado teria imposto, a demissão de todos, sem deixar dilatar, tanto tempo, o triste espectáculo, que o ministro e os che-

fes militares, produziam diariamente, com as suas versões, só trapalhadas.

Agora, vamos ver, como vai correr o Inquérito Parlamentar. O partido comunista, mostra estar nervoso, porque concorda com o Inquérito, mas está enervado, por haver sido solicitado, pelo CDS. Efectivamente, culpar, como já ouvi, a vários comunistas, atribuir culpas do roubo aos cortes, do governo anterior, é tão ridículo, que só do partido comunista. Efectivamente, quem oiça os comunistas e não saiba, fica a julgar que, as Forças Armadas, não foram roubadas, mas sim, as Forças Armadas, é que roubaram, devido à miséria em que o anterior governo as deixou.

Se o Inquérito, for conduzido com rigor doa a quem doer, vai dar muito que falar. Há sinais de muitas responsabilidades. Não são aceites desculpas como o primeiro ministro dizer que o ministro não podia ir vigiar os paióis. É óbvio que, quem vigia os paióis, são os soldados. Mas, não são os soldados, quem determina o método, nem quem tem de verificar se a segurança, está em ordem que isso pertence, desde o soldado, até ao presidente supremo, cada um com a sua responsabilidade. Para já, tenho dúvidas, que corra bem. Com efeito, o relator é um deputado do PS. Como comunistas e bloco estão acorrentados, ao PS veremos como se portam no Inquérito.

Para terminar, não posso passar, sem comentar declarações do Presidente da República, no dia 20 de Outubro, findo. Em respostas a perguntas, que lhe fizeram, respondeu o seguinte: Que nada sabia, sobre o furto de Tancos, bem como, da sua entrega, que não teve, qualquer reunião, cm o Chefe do Estado Maior do Exército, porque ele nunca a solicitou e que falará aos portugueses, sempre que tal o impuser. Primeiro, não acredito que nada sabe, depois dizer, que não falou com CEME, porque ele o não solicitou, é caso para perguntar: - Era o PR que, no momento em que teve conhecimento do furto devia convocar o CEME, à sua presença, ou era o contrário e dizer que só quando houver factos que o justifiquem, falará ao povo português. Os factos passados mostram que não justifica!!! Ai que saudades eu já tenho, de ouvir o comentador Marcelo Rebelo de Sousa comentar o sentido de Estado e o senso do actual Presidente da República.

E, termino, com a ansiedade de ver o ex ministro da defesa, como vai ultrapassar o imbróglgio em que está metido. Com efeito, este ministro sempre negou, categoricamente, ter conhecimento, do memorando, sobre o caso dos paióis. No entanto, o Major Brazão declarou que o seu chefe de gabinete, General Martins Pereira, o informou, no momento em que fez a entrega, agora confirmado pelo General, na Procuradoria da Justiça. Efectivamente, o ministro está entalado. Se continua a negar, obviamente, que ninguém acredita, muito menos, a Justiça. Se resolve falar verdade, a bola passa para o primeiro ministro e este, será obrigado, a dizer, se informou o Presidente da Republica. Em conclusão, todos sabiam. Uma vergonha.

Arménio Melo

Vida eterna, esperança cristã e sufrágios

Este mês de Novembro, iniciado com a celebração de Todos os Santos e Fiéis Defuntos, é um mês especialmente dedicado também ao sufrágio de todos quantos, nossos familiares e amigos, queremos recordar com carinho na oração mais intensa e na caridade mais operosa.

Na sua encíclica «Salvos na Esperança», Bento XVI trata aprofundadamente do problema da vida eterna, do juízo e demais novíssimos, com uma delicadeza e profundidade que bem merece ser repetidamente revisitado para que nos inebriemos com as suas sábias e iluminadoras considerações.

Uma das primeiras noções a clarificar, dentro do que é possível, é a de 'vida eterna'. Marko Rupnik, que também é um refinado perscrutador da Sagrada Escritura, cujas homilias a Congregação do Clero apresenta como subsídios para a pregação, na do 28º domingo, de 14 de Outubro, a propósito do jovem rico que pergunta a Jesus o que deve fazer para ter em herança a vida eterna, distingue entre a vida como bíos, baseada sobre as coisas e as minhas forças; a vida como psiché, entendida como vontade de viver, e a zoé, a vida com dom recebido, a vida eterna, melhor, a vida do Eterno, a vida que jamais acaba, um modo de ser que não é ameaçado pelas sombras da morte. Isso significa compreender a vida, não como o faz um pagão, pois a imagina dependendo do empenho pessoal de cada um. Não, a vida é um acto de fé que significa acolhimento da obra de Deus. Já diz São João, 6,63, que é o Espírito que dá a vida (zoé). É portanto a vida do Filho, um dom, pelo que a única maneira de a viver é como dom. Se há qualquer coisa que nos torna tristes, que nos fecha em nós próprios, é porque ainda não estamos a viver o dom como dom. Estamos a tentar fazer qualquer coisa pela qual julgamos 'merecer' o dom. Não é para isso que fomos criados, mas para vivermos na gratuidade do dom, pois o Espírito é que vivifica... as palavras que vos digo são espírito e vida (zoé). Por isso Pedro pergunta: «A quem iremos, Senhor, só Tu tens palavras de vida eterna». (rémata zoés aióniu) (Jo 6, 68)

O que mais profundamente nos habita é o desejo insaciável de «vida bem-aventurada, a vida que é simplesmente vida, pura 'felicidade.» (Spe Salvi, nº 11) «Não sabemos realmente o que queremos; não conhecemos esta 'vida verdadeira'; e, no entanto, sabemos que

deve existir algo que não conhecemos e para isso nos sentimos impelidos» (nº 11)

A eternidade será algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Será o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria». (nº 12)

Precisamos ainda de clarificar o que entendemos por juízo final. Não pode ser visto como algo de aterrador, mas como a imagem decisiva da esperança. É uma imagem que apela à responsabilidade e onde «todo o nosso medo tem lugar no amor. Deus é justiça e cria justiça. Tal é a nossa consolação e a nossa esperança. Mas, na sua justiça, Ele é conjuntamente também graça». (nº 44). A imagem do fogo purificador não pode ser materializada no fogo físico, como todos os artistas de antanho pintaram o purgatório e também o inferno, mas na purificação no encontro com o fogo do amor de Deus. Bento XVI cita alguns teólogos recentes, segundo os quais: «o fogo que simultaneamente queima e salva é o próprio Cristo, o Juiz e Salvador. Ante o seu olhar, funde-

se toda a falsidade. É o encontro com Ele que, queimando-nos, nos transforma e liberta para nos tornar verdadeiramente nós mesmos. As coisas edificadas durante a vida podem então revelar-se palha seca, pura fanfarronice e desmoronar-se. Porém, na dor desse encontro, em que o impuro e o nocivo do nosso ser se tornam evidentes, está a salvação. O seu olhar, o toque do seu coração cura-nos através de uma transformação certamente dolorosa, 'como pelo fogo'. Contudo, é uma dor feliz, em que o poder santo do seu amor nos penetra como chama, consentindo-nos, no final, sermos totalmente nós mesmos e, por isso mesmo, totalmente de Deus... O momento transformador desse encontro escapa à cronometragem terrena: é tempo do coração, tempo da 'passagem' à comunhão com Deus no Corpo de Cristo». (nº 47) «Às almas dos defuntos pode ser dado 'alívio e refrigério' mediante a Eucaristia, a oração e a esmola... Nunca é tarde demais para tocar o coração do outro, nem é jamais inútil». (nºs 47 e 48)

Como cristãos, devemos perguntar-nos: «o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal». (nº 48)

Carlos Nuno

Associação de Apoio ao Doente Oncológico lança pedido de ajuda

Há um ano que os Bombeiros Voluntários de Melgaço garantem o transporte para Viana, Braga e Porto aos doentes oncológicos que precisam de tratamentos que só nesses hospitais podem ser prestados. As despesas são pagas pela Associação de Apoio ao Doente Oncológico que lançou um pedido de ajuda na angariação de fundos para poderem fazer face às despesas com as deslocações.

Daqui deixamos o nosso alerta. Quem quiser ajudar, pode fazê-lo directamente na sede, na avenida das Tílias, ou combinando pelo telemóvel a melhor maneira de o fazer, bem como dando ideias de possíveis iniciativas que se possam realizar para angariar fundos.

Telemóvel: 932 682 636

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril

PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com

Umhas breves palavras sobre... santidade

Estamos em Novembro, mês das almas, mês dos Santos. E em muitas das nossas paróquias, por conveniência, associamos a celebração da Solenidade de Todos os Santos, feriado nacional, com a visita e romagem aos nossos cemitérios, comemorando todos os fiéis defuntos, cujo dia é o dia 2, este ano sexta-feira. E tem o seu sentido teológico, pois todos nós (vivos e defuntos) somos e fomos chamados a sermos santos, a fazer da nossa vida um modelo de santidade. Certamente que cada um de nós conhece alguém, sepultado em determinado lugar, que viveu uma vida com verdadeira autenticidade e se tornou um verdadeiro exemplo para os outros e não está canonizado, não está nos nossos altares. Mas isso não deve causar nenhum problema. A Igreja, inspirada pelo Espírito Santo e depois de possuir dados relevantes, canoniza as pessoas para que sirvam de exemplo à Igreja inteira, para que sejam "faróis", para que nos ajudem a viver uma vida autêntica segundo o Evangelho de Cristo. E o mais importante não é termos muitos santos nos altares. O importante é sabermos retirar deles o exemplo para as nossas vidas.

O ser santo não é estar isento de pecado. Ser santo é viver a nossa vida pondo em prática a mensagem de Jesus no nosso dia-a-dia. A santidade é para todos, está aberta a todos. Cada um é que tem que descobrir a forma de transformar a sua vida, a sua entrega a Cristo numa santidade que possa repartir pelos outros e ser exemplo que os outros possam ver, seguir e confirmar. O Papa Francisco muito fala disto, até escreveu uma Exortação Apostólica dedicada a este tema da santidade, chamada *Alegrai-vos e exultai*, isto porque como dizia, a santidade é vivermos a

nossa vida com os ideais que Jesus propõe a cada um de nós.

Possuímos tudo para caminhar na santidade. Basta deixarmos-nos contagiar por Jesus Cristo. E não cairmos em beatices, proselitismos ou falsa santidade. Vivamos a nossa vida conforme o Evangelho. Sem outros interesses. E estaremos a caminhar no caminho da santidade, o tal caminho que Jesus falava: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Bem-haja!

Rogério Rodrigues

AGENDA DE NOVEMBRO DE 2013 DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO

- Dia 1 – Todos os Santos – Solenidade
- Dia 2 – Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos
- Dia 3 – 41º Aniversário da Instituição Canónica da Diocese de Viana do Castelo
- Dia 4 – Domingo XXXI do Tempo Comum
- Dia 4 – Encerramento da Semana da Diocese – Sé Catedral – 15h30
- Dia 6 – S. Nuno de Santa Maria, Religioso – MO
- Dia 9 – Dedicção da Basílica de Latrião – Festa
- Dia 10 – S. Leão Magno, Papa e Doutor da Igreja – MO
- Dia 11 – Domingo XXXII do Tempo Comum
- Dia 11 – Início da Semana dos Seminários
- Dia 12 – S. Josafat, Bispo e Mártir – MO
- Dia 17 – S. Isabel da Hungria, Religiosa – MO
- Dia 18 – Domingo XXXIII do Tempo Comum
- Dias 19 a 22 – XXIII Semana de Estudos Teológicos do Instituto Católico de Viana do Castelo
- Dia 21 – Apresentação de Nossa Senhora – MO
- Dia 22 – S. Cecília, Virgem e Mártir – MO
- Dia 24 – S. André Dung-Lac, Presbítero, e Companheiros, Mártires – MO
- Dia 25 – Domingo XXXIV do Tempo Comum – Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo (Cristo-Rei)
- Dia 30 – S. André, Apóstolo – Festa



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Bar da Alameda abriu no Verão... mas precisa de fechar-se ao Inverno

Após abertura no início do mês de Agosto, com pompa, circunstância e até uma figura de referência do *showbiz* nacional, o Bar da Alameda, localizado na Alameda Inês Negra, continua a precisar de adaptar-se para a época baixa... em temperaturas.

Aquele que é um dos locais mais de referência do concelho quando se trata de desfrutar de uma bebida durante o dia ou aos fins de tarde, quando o estio nos brinda com um calor tolerante e uma brisa moderada, fica à mercê das ventanias e chuvadas de Outono e Inverno, que naquele ponto estratégico – para o bem e para o mal – parecem mais intensas.

Aproveitando a renovação e a cozinha equipada, Bruno Gonçalves, gerente do Bar da Alameda, apostou na criação de lanches ligeiros, para aquele 'rato' que ataca à hora do lanche ou à noite, quando é preciso dar sustento às bebidas que os momentos de convívio acabam por pedir.

"O bar abriu com muito melhores condições, tem uma arquitectura moderna, bem enquadrada e com tudo a funcionar, mas a esplanada, que é boa durante o Verão, no Inverno só nos é útil se a pudermos fechar", reconhece o proprietário.



Assim, se o equipamento da cozinha permite pensar melhor o serviço, enfrenta uma menor rentabilidade de recursos pela restrita área reservada aos clientes. "Com as condições que a casa tem, podemos trabalhar todo o ano, mas temos de aperfeiçoar o serviço na esplanada de forma a conseguir fechá-la, não definitivamente, mas de forma que se possa abrir no Verão e fechar no Inverno, que seja funcional".

Uma vez que o projecto não contempla a possibilidade de fechar com vidro a restante estrutura, Bruno Gonçalves considera ser necessário encontrar uma solução

intermédia que não altere a imagem inicial do projecto, mas permita rentabilizar a área intervencionada. "Antigamente era uma casa que trabalhava nas alturas em que tinha mais gente, agora tem que trabalhar todo o ano", sublinhou.

Note-se que as obras de reconstrução total do Bar da Alameda e requalificação da envolvente representaram um investimento na ordem dos 125 mil euros por parte do Município de Melgaço. Parte desta estrutura está ainda pensada para exposição e venda de produtos locais, embora actualmente desactivada.

João Martinho

Onde estás Outono?...

Deambulo procurando os teus sinais,
Nas árvores, ainda tão vestidas
Nas flores, ainda tão coloridas
Nos jardins, ainda tão estivais.

Evoco o tempo, de infantas recordações
Em que se definiam todas as estações
Com características, a si inerentes
Ilucidando assaz todas as gentes.

Onde estás Outono?...
O calendário, diz que já chegaste
Porém não te sentimos, ainda não regressaste!

Onde estás Outono?...
Não vês que já por ti ansiamos?...
Não te faças rogado...já te necessitamos!

Armanda Urze

Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt



ESPECIALIDADES:

- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL*
- *(NA ÉPOCA)



42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W



Clínica OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

Consultas de **OSTEOPATIA**
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**
Dra. Vanesa Alvarez

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

Reunião de Curso de Seminário 1953/1965



A busca de Deus é penosa e marcada pelo sofrimento. Mas o encontro do rosto de Deus enche-nos de alegria, de paz, de entusiasmo (...)

Sexta-feira, dia cinco de Outubro de 2018. Manhã cheia de sol em céu azul e calor outonal a prometer. Há sessenta e cinco anos atrás, todos nós nos estávamos ainda a ambientar à nossa nova casa, estranhando ainda as camas dos enormes dormitórios, ouvindo cá fora, o vento buliçoso nas folhas das ramadas de uvas brancas e o baque no chão das castanhas a desprender-se dos ouriços. Pouco depois, a “cabra” no corredor quase à entrada da capela se encarregava de nos fazer sair da cama, fazermos a nossa higiene matinal e em comboios de filas estávamos a entrar na capela.

Passados esses sessenta e cinco anos, quais linhas de água deslizando pelos seixos formando regato, vindos uns de cada lado estávamos a congregar-nos no adro em frente à igreja de Azurém, Guimarães. Alguns, tidos como certinhos, falharam. Em compensação, reapareceram o Vilaça (e esposa). E é sempre uma alegria rever-se discípulos há muito ausentes.

E deu-se início à nossa reunião do curso dos seminários diocesanos de Braga, de 1953/1965. Quando a nossa caminhada começou, éramos cento e trinta e sete. E ao fim, quantos chegaram? hoje, quantos somos?... E quantos chegaram? Vinte e sete. E de todos quantos fomos, quantos é que apareceram?... Alguns – um ou outro! – até nem virão porque a este convite de reencontros dos nossos “encontros no caminho”, estarão mais preocupados com as vindimas, quando todos devíamos ter a docilidade e contemplação de Madalena aos pés do Senhor, a ouvi-l’O.

Começada a Eucaristia, orámos por um dos ausentes – pelo Maciel, a atravessar momentos difíceis em termos de saúde. E parece que não só ele: um filho também. E por

isso, o nosso líder carismático, o sacerdote Carlos Vaz, nos fez o apelo de comunicarmos com ele para lhe darmos o testemunho da nossa união que nem a distância nem a ausência separam. O POVO diz que uma desgraça nunca vem só. E a primeira leitura da Eucaristia foi a do “Livro de Job” (38, 1.12-21; 40, 3-5), onde o Sofrimento, a Dor, a Angústia são todo o seu percurso de leitura. A Job Voltaremos no momento oportuno.

Ao todo, teremos estado cerca de quarenta presenças, das esposas às companheiras e aos demais que se nos juntaram no “Encontro no Caminho”, em 1990, pelas comemorações dos vinte e cinco anos de curso, celebrados ao redor da Basílica de S. Pedro, em Roma. Então, na capela de quatro rodas, cantámos a plenos pulmões e empolgados pelo entusiasmo do Zé Bernardino “Oh, Roma Eterna, dos Mártires dos santos/ Oh, Roma eterna, acolhe os nossos cantos (...) Paz sobre a terra, Justiça e caridade (...) Salve, Roma! O teu sol não tem poente (...)”. E todos, então vibrámos, alguns até emocionados e com lágrimas nos olhos! E chama-se a isto, o quê?... FÉ!

De alguns que se nos juntaram nesse “Encontro no Caminho”, a memória de bastantes já nós invocámos no começo da Eucaristia quando o nosso anfitrião Américo Soares, do ambão próprio evocou a sua memória e nos deixou (a nossa pessoa) meditando no salmo “caminharei na terra dos vivos - e quem dera que sempre! - na presença do Senhor (...). E por isso cantámos logo a seguir “Nós somos as pedras vivas do templo do Senhor (...) na magnífica Igreja Santa de Deus em Azurém. De construção contemporânea, pois se ergueu logo a seguir ao Concílio Vaticano II. Concílio que foi uma janela aberta na Igreja por onde entraram a LUZ e lufadas de ar fresco. Numa Igreja que se desejou renovada mas a certa altura – e na nossa maneira de pensar – lhe aconteceu o mesmo que ao jovem rico e nobre que perguntou a Jesus, depois Lhe haver dito que já cumpria todos os mandamentos:

– “Mestre, que devo fazer para Te seguir (na vida eterna)?...” E Jesus, o que respondeu? – Vai, vende tudo quanto tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”.

Ora, isto e na nossa interpretação, também aconteceu à Igreja pós-conciliar Vaticano II na sua viagem para o Futuro: parou, olhou para trás e esqueceu-se da sua vanguarda de Futuro. Acomodando-se ao conforto de uma igreja deste mundo quando Jesus disse que “O Meu Reino não, é deste mundo (...). A Igreja-Cúria do Vaticano, estrutura de homens, fechou-se em sindicato onde o Espírito Santo não entra e onde o Papa Francisco, hoje outro Jesus contestado nas sinagogas, prega no deserto. Como assim foi também, mas no sofrido silêncio, com Bento XVI, que o levou à resignação..

Desta nossa caminhada iniciada em 1953 e dos que, tendo andado próximos de nós é possível ter-se conhecimento, foram já bastantes os que faleceram deixando de caminhar na “terra dos vivos”, mas agora, de certeza na presença do Senhor – vinte e quatro. E dos que se nos juntaram em 1990, já foram sete. Porém, aos já idosos e a nós caminhantes na terra dos vivos, continua sendo esta súplica (salmo 138/139) a nossa: “*conduzi-nos, oh Senhor, no caminho para a vida!*”. Na verdade, “*Senhor, Vós me sondais e conheceis e sabeis quando me sento ou me levanto. De longe penetrais meus pensamentos e percebeis quando me deito e quando eu ando e os meus caminhos são todos conhecidos. Em que lugar me ocultarei do Vosso Espírito (...)?*”

No decurso das leituras e da meditação do salmo, nós (a nossa pessoa) íamo-nos revendo e meditando também na figura de Job, que viveu em si todas as provações e todas as desgraças que Deus lhe enviou para o testar na sua capacidade de aceitação e resignação. Porém, ele de tudo se lamentando por ser a criatura mais desgraçada sobre terra. E nem por isso deixamos de estar atento à linda homilia

do Carlos Vaz enquanto (a nossa pessoa) nos revíamos quando constantemente somos torturados pelos porquês da existência a respirar sempre dor nas diversas expressões do Sofrimento da vida. Não poderia ser a nossa vida sem dor?... Não é este Sofrimento o inferno de Betsaida e Corozaim do Evangelho?... Contudo, ainda mais que isto nos atormentam os nossos pensamentos: até que ponto os sacerdotes de hoje ainda estarão investidos na autoridade de Jesus Cristo quando lhes disse “quem vos ouve é a mim que ouve, e quem vos rejeita é a mim que rejeita; mas, quem me rejeita, rejeita aquele que Me enviou.» E hoje, Senhor, a Vossa Igreja, em vez de apóstolos tem “profissionais”! E eis que é este o nosso clamor: “Mandai, Senhor, o Vosso Espírito e renovai a terra (...)! Impõe-se a radicalização revolucionária do sistema e de ideias também!

Por também isto, as nossas reuniões de curso, para além da alegria e de um necessário e são convívio, onde se reveem e reforçam amizades e outras se ganham ou recuperam, devem ser um momento singular para um bem reflectido exame de consciência colectivo. Não para se atirar pedras, mas para entrarmos no nosso íntimo e revermos os caminhos percorridos, nem que isto venha a ser a pedrada no charco. E então, a Eucaristia será o momento certo para nisto reflectirmos, nos perdoarmos e nos darmos as mãos na oração do Pai Nosso “perdoai-nos, como nós perdoamos”, e isto só depois de termos suspenso a nossa oferta, nos termos ido reconciliar com o irmão a quem ofendemos, e assim rejuvenescidos, então sim, o regresso à nossa oferta para a deixarmos sobre o altar.

Quanto a nós ainda, as nossas eucaristias destes nossos convívios, perderam dois momentos para nós fundamentais: a oferta de nós mesmos e das nossas angústias no momento da oblação. Ao menos, cantámos “tomai e recebei, as horas do meu dia, alegrias e dores, penas e trabalhos!... Fora eu rico, Senhor! E tudo Vos daria.

Mas sei que nada valho!” Que testemunho de humildade nossa neste cântico ao Senhor! E mais adiante, no “memento, Domine”, a recordação com evocação dos nomes, para além dos nossos condiscípulos e companheiros do “encontro no caminho”, de todos quantos gostaríamos de lembrar ao Senhor. Esta evocação foi feita logo no começo?... Pois foi! Todavia, por que não também no “memento Domine”?... Nesta Eucaristia, cantámos ainda de alegria “cantai comigo, povos da terra e anjos do céu!” E aqui, faltou-nos a oração-poema do nosso místico Zé Bernardito. E por fim, neste Seu mês, cantámos à Senhora do Rosário. Melodias que tão bem ecoaram na redonda e alta abóbada da igreja, com imitações da basílica do Vaticano e “traça” do vetusto castelo de Guimarães, ali quase ao lado!

Cheios assim de Deus num templo quase vazio para a enormidade da sua dimensão, mas connosco todos cheios de Deus, regressámos ao mundo cá fora. Com um bem saboroso e succulento “verde honra” e também saboroso convívio e de onde subimos a montanha Sagrada da Penha, “santuário da Natureza” e numa não menos saborosa e succulenta refeição, mas sem requintes, se ampliou o diálogo e o convívio entre todos. Com um senão: se a sala era majestática e com uma soberba vista sobre a cidade, falhou um cantinho só para nós, para a partilha de testemunhos nossos. Quem não recorda, ainda, as pétalas de flores do inesquecível e saudoso Vale Ferreira?... Digam lá se não eram momentos de maravilha!

Mesmo assim, são de reconhecer e louvar o enorme esforço e generosidade do anfitrião Américo Soares que se desdobrou em atenções e preocupações para que nada faltasse. E por isso, tivemos até bolo de aniversário dos nossos sessenta e cinco anos!

E aqui fica, amigos, a nossa humilde colaboração para memória futura nesta nossa muito própria maneira de nos expressarmos. E... até ao ano, se Deus quiser!

Zé Pedro

Magusto Solidário



No passado sábado, 20 de outubro, a convite da Quinta de Soalheiro, mais de duas centenas de pessoas juntaram-se, em Melgaço, num Magusto Solidário, com o objetivo de apoiar o projeto "Raios de Sol" do Movimento Lírio Azul (MLA) e da Fundação Portuguesa a "Comunidade Contra a Sida" (FPCCS), apostando numa dinâmica de Enoturismo diferente que contribuiu para fazer a diferença na vida das crianças e respetivas famílias apoiadas pela Fundação. O projeto visa a luta contra a discriminação, exclusão social e pobreza, com grande destaque para as crianças em risco social ou com graves problemas de saúde.

IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO NA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS

A iniciativa arrancou com uma conversa descontraída, onde foi possível perceber a importância da cooperação e sinergias como foco do desenvolvimento social, a importância do voluntariado na construção de projetos sociais e o impacto da motivação no desenvolvimento. Odete Costa – Presidente Movimento Lírio Azul, Filomena Frazão de Aguiar – Presidente da Fundação Portuguesa "Comunidade Contra a Sida" e João Carlos Mota - Strendure – Trail Running Endurance Coaching aceitaram o desafio e juntaram-se aos produtores do Soalheiro num sofá com vista para o vale do Rio Minho e falaram de coração aberto sobre estes projetos. A Melgaço Radical juntou-se igualmente ao evento colaborando na organização da caminhada pelas vinhas, onde foi possível desfrutar das belezas naturais do município mais a Norte de Portugal, num momento de networking fundamental para o desenvolvimento sustentável destas instituições.

Da parte da tarde, Hugo Roby – Educador Canino e Treinador de Animais demonstrou como amarração de cães de assistência é fundamental na ajuda social. O dia terminou com um magusto tradicional e muita animação ao bom espírito Soalheiro.

"É uma grande satisfação conseguir convívios improváveis entre pessoas tão diferentes... e tão iguais... dando as mãos para que a nossa sociedade fique mais justa, mais igualitária e liberta de preconceito." – afirmam os produtores.

Real Confraria do Vinho Alvarinho tem 36 novos confrades em Melgaço

A cerimónia do XII Capítulo da Real Confraria do Vinho Alvarinho, realizada no mês de Outubro em Melgaço, trouxe ao ponto mais a Norte do país individualidades dos mais variados sectores, provenientes do continente, ilhas e da vizinha Galiza, com a qual se estabeleceu um vínculo especial através da gemação com a Confraria dos Vinhos das Rias Baixas.

16 confrarias báquicas e gastronómicas convidadas desfilaram pelas ruas da vila de Melgaço, após a qual foram recebidas nos Paços do Concelho da Câmara Municipal, em breve acto de boas-vindas, antes de se dirigirem ao edifício da fonte principal das Termas de Melgaço, onde decorreram as entronizações dos 36 novos confrades.

A **Secretária de Estado da Saúde, Rosa Matos Zorrinho, e o empresário Carlos Dias, investidor na área dos vinhos**, saúde, turismo e relojoaria, foram entronizados com o título de Confrades Honorários, assim como o Grão-Mestre da Confraria dos Vinhos das Rias Baixas, Jesús Paz Parracho.

António Barbosa, presidente da Câmara Municipal de Monção, foi apadrinhado pelo Presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, em ato simbólico de união do território.

A oficialização da gemação da Real Confraria do Vinho Alvarinho com a Confraria dos Vinhos das Rias Baixas realizou-se em acto simbólico levado a efeito pelos Grão-Mestres António Rodrigues (RCVA) e Jesús Paz Parracho (CVRB), que consiste em depositar



num decantador porções iguais de vinho das duas regiões, que depois de engarrafado é lacado e guardado para memória futura.

Neste XII Capítulo, Melgaço entronizou oito dos seus elementos propostos, naturais ou a residir em Melgaço, integrando-se agora enquanto confrades Enófilos da RCVA.

"Foi a entronização melhor preparada e com mais qualidade, naquilo que foi o seu desenvolvimento enquanto sessão e enquanto evento. Foi também a que conseguiu maior expressão dos dois municípios, quer pelo envolvimento de novos confrades e de confrarias" notou o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, no final da sessão.

A adesão de confrarias de todo o país, ilhas e Galiza assinalam

"notoriedade que a confraria está a ter", mas também "a notoriedade do território que é referencia na produção de vinhos", considerou o autarca.

O autarca diz que há "uma grande parceria com a confraria, embora respeitando a sua autonomia" e que o seu trabalho de complementaridade na promoção do território tem por base "o trabalho fundamental e único dos produtores. Contrariamente aquilo que porventura se tem dito, tenho um enorme respeito pelo sector e desejo que este seja cada vez mais forte e se saiba organizar cada vez melhor. Que saiba agarrar com as suas próprias mãos uma série de questões, iniciativas e acções que só ao sector dizem respeito", observou.

João Martinho



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



TOURS & ATIVIDADES



- Canoagem
- Rapel
- Slide
- Canyoning
- Kart Cross
- Arvorismo
- Escalada



Camping de Lamas

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041

Mini Zip muda de "horizontes" em 2019

"Era o sonho do meu pai. Devo tudo isto a ele"



Vânia Dantas é o rosto do restaurante Mini Zip, há cerca de 23 anos. Localizado numa das principais ruas de Melgaço – a Alameda Inês Negra, bem no coração do centro urbano da vila, é por si só um ex-líbris do concelho – o espaço é um habitual ponto de paragem para quem trabalha por perto e visitantes pontuais, mas em 2019 haverá uma mudança substancial no registo, público-alvo e até na localização.

As obras do novo Mini-Zip, a decorrer no Monte de Prado, próximo do Centro de Estágios, estão em fase avançada e já há até uma pré-visualização 3D das instalações, mas que a impaciência não nos mace, pois a mudança só acontecerá após o mês de Agosto de 2019.

Esta será, para todos os efeitos, a segunda mudança de casa desde o seu surgimento, junto ao Largo da Misericórdia, onde esteve durante oito anos. Agora, como nos conta a proprietária, "a mudança é para melhor". "Vou mudar o conceito para melhor, por isso esta mudança não me está a preocupar nada. Quem gosta, vai procurar".

Assegura-nos que consegue manter, em "época baixa", uma média de "80 diárias por dia e disponibilizar na 'carta' 15 pratos, "a maior parte já conhecidos". A atenção aos clientes frequentes manter-se-á no contexto do novo espaço, mas com uma apresentação mais cuidada. "Será mais um prato económico, não propriamente diária", diz Vânia Dantas.

Mas porquê toda esta mudança, com uma base de trabalho diária considerável e uma localização privilegiada no centro da vila?

A motivação de Vânia Dantas continuará, agora em jeito de homenagem ao seu pai, falecido no mês de Outubro, após doença prolongada. "O meu pai queria ver-me a trabalhar noutros horizontes, era o sonho dele e tudo isto devo a ele", salientou. "Começou por comprar o terreno e a ideia inicial que ele tinha era fazermos um restaurante e hotel, mas



entretanto adoeceu, acabamos por ficar penas pelo restaurante", revela com alguma emoção.

E a verdade é que o sonho da família está a ganhar forma e a gerar expectativa. Mesmo após quatro anos desde os primeiros traços, "com alguns tropeços na burocracia", o novo espaço era uma necessidade antiga. "Mando muitos grupos para outros restaurantes porque de momento não tenho capacidade para os receber", notou Vânia Dantas.

Na área nobre do Monte de Prado abrirá, por isso, uma churrasqueira, "mas não uma churrasqueira banal. É preciso apostar noutros menus, para além do frango e da costela". O que, associado às vantagens que a área oferece em termos de estacionamento, fará com que aquela zona até agora frequentada maioritariamente por praticantes de desporto, turistas e alunos da escola superior, ganhe agora (ou melhor, a partir de Setembro 2019) a frequência dos apreciadores da boa mesa.

João Martinho

Pintora da Gave mostra que a arte pode expressar-se na tela e na telha

'Mélita' pinta a cidade e o campo com cores quentes e objectos curiosos

Amélia Domingues, ou Mélita, como é conhecida, é um exemplo de renovação de hábitos, hobbies e até interesse pelas culturas que não lhe foram berço.

Natural de Espanha, casou com um melgacense, mas passou grande parte da sua vida em França, onde trabalhou cerca de 33 anos. Trabalhou numa agência de viagens, e por cá, num consultório médico, mas é a pintura e as manualidades que lhe dão mais prazer.

A vontade de pintar, sobre tela ou outros materiais, começou ainda em França, mas foi em Melgaço que, a propósito de uma formação – que era para ser algo completamente diferente, acabou por ser de pintura – descobriu as técnicas e a sua aptidão para as executar nas mais diversas plataformas.

A sua única mostra pública acontece a cada ano na Branda da Aveleira, freguesia da Gave, onde reside desde que voltou para Portugal com o marido, José Gaspar, que por sua vez tem como hobbie a criação de licores, muito requisitados pelas habituais visitas de casa.

Assim, enquanto o marido faz a preparação das ervas e frutos para maceração, que dá origem aos licores, Amélia Domingues dá azo aos pincéis para criar, sobre tela, telha ou ma-



deira. Quanto mais diferente for a base de trabalho, maior o interesse, como é o caso das telhas antigas que se transformam em inusitadas 'telas' para as cores e motivos imaginados por Amélia Domingues. "Pinto por gosto, mas como me começaram a pedir, comecei a fazer também para venda, claro. Pinto um pouco de tudo, não tenho es-

pecial preferência", esclarece.

A Mélita que os locais conhecem é também uma das promotoras da inovação da novena da Senhora da Guia da Aveleira, que até há bem pouco tempo não tinha mais do que imagens e terços para que o visitante levasse algo como recordação. Agora, além dos licores e outros produtos locais, pode também levar pequenas recordações em loiça, personalizados com o nome da Branda ou mesmo com excertos de versos da novena. A comunidade está a criar propostas para que a freguesia e o seu maior activo turístico, a Branda, saiba apresentar-se aos novos públicos.

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

Melgaço em processo de desaceleração Sócio-Económica e Demográfica

Na sessão ordinária da Assembleia Municipal de Melgaço, que teve lugar no passado dia 29 de setembro de 2018, contando com a presença do número total de deputados eleitos pela Coligação "Prá Frente Melgaço", não constavam da ordem de trabalhos assuntos ou temas que, pela sua delicadeza, tivessem gerado um especial confronto político ou divergências de maior no momento da votação, tendo os eleitos pela Oposição votado favoravelmente a generalidade dos assuntos, com a única exceção do constante sob o ponto nº 4.

Não obstante o que ficou dito, e como já vem sendo habitual, muitos dos assuntos levados à Assembleia geraram acutilante discussão, com a colocação de questões, interpelações e respostas.

Hoje, gostaríamos de aqui dar nota de que em dois desses temas ou assuntos se reconheceu que Melgaço se encontra a atravessar um processo de desaceleração aos níveis sócio-económico e demográfico, e mesmo de declínio de grande duração e estagnação urbana.

Um desses assuntos, veiculado na "Informação Escrita do Presidente da Câmara Municipal de Melgaço", e em que tal reconhecimento se encontra implícito, tem a ver com a parceria celebrada entre o Município de Melgaço e o Município de Altena, na Alemanha, sob o lema "Encontrar oportunidades, ou estratégias, para reverter o processo de declínio de grande duração e estagnação urbana".

Protocolaram também tal parceria Idrija (na Croácia), Athienou (no Chipre), Aluksne (na Letónia), Isernia (na Itália), Manresa (na Catalunha), e Igoumenitsa (na Grécia).

Trata-se de uma experiência ou projeto piloto, que se desenvolveu, com relativo sucesso, na referida cidade alemã de Altena, e com o qual se pretende fazer a transferência de boas práticas e estratégias de gestão urbana no sentido da reversão de processos de declínio de grande duração e

de estagnação urbana, seja demográfica, social ou económica.

Questionado pelo líder da bancada da Coligação, sobre se tal parceria constitui a admissão ou o reconhecimento de que Melgaço preenche os pressupostos que conduziram à sua assinatura, ou, caso assim não seja, como se justifica tal parceria, o senhor Presidente da Câmara admitiu que, de facto, no que à realidade de Melgaço concerne, "não estamos no melhor dos mundos", "que existe trabalho a fazer", mormente no tecido urbano e empresarial, e "que é preciso fazer estas ligações sem assumir dramas".

O outro dos assuntos em que tal desaceleração e estagnação foi expressamente admitida contende com a proposta de revogação do Plano de Pormenor da Zona da Escola Secundária e da Encosta das Carvalhiças, proposta essa na qual se admite, enquanto seus fundamentos, a "desaceleração da iniciativa pública e privada", assim como a inexistência de "desenvolvimentos urbanísticos significativos", o que "contribui para a estagnação de parte do território abrangido pelo Plano", conduzindo a que, ao menos no tocante ao Plano de Pormenor da Encosta das Carvalhiças, a execução se tenha mostrado verdadeiramente residual, tendo, das edificações previstas no Plano (que entrou em vigor em 21 de Janeiro de 2003) sido executado apenas 13% das operações urbanísticas de iniciativa privada destinadas à habitação.

Contra a promessa de que tal revogação, a subsequente suspensão do PDM nessa Zona, enquanto medida preventiva, e o Plano de Urbanização projetado ou a projetar, apresentam como objetivos programáticos reorientar o planeamento e adequá-lo à realidade atual, bem como simplificar e agilizar, os eleitos da Coligação votaram favoravelmente, lembrando ao senhor Presidente da Câmara que esta é a hora de aproveitar a oportunidade para regulamentar o planeamento e a gestão urbanística de forma a, dentro do respeito pela lei, fomentar a construção e facilitar o investimento, evitando que os cidadãos Melgacenses e os investidores privados continuem, lamentando-se dos entraves que

a Câmara Municipal invariavelmente lhes coloca, a remeter-se à inércia ou a ir construir e investir para concelhos limítrofes.

Constitui este reconhecimento, ademais, a confirmação de que tinham razão os eleitos da Coligação, assim como a Oposição, que há anos vem alertando para o decréscimo populacional, ou desertificação, para a falta de investimento privado e para a falta de criação de emprego ou de postos de trabalho gerados por tal iniciativa privada, assim como para a urgência na criação de medidas que alterem rapidamente tal estado de coisas.

Tal admissão de desaceleração, declínio ou estagnação, mais confirmam, de resto, que não foram os eleitos da Coligação, a Oposição, ou quem integrou as listas de candidatura da Coligação "Prá Frente Melgaço" nas últimas eleições autárquicas, quem assustou os investidores, como o senhor Presidente da Câmara ou sou dizer na primeira Assembleia Municipal que teve lugar no pós eleições.

O problema existe, de facto, há mais tempo do que o atual Presidente da Câmara possa pensar ou dizer, e tem outros responsáveis ou atores que não, obviamente, a Oposição ou os eleitos pela Coligação.

P'los Eleitos da Coligação, o deputado municipal

(José Albano Esteves Domingues)

GAZETILHA

Às vezes dá cá uma vontade de pôr a boca no trombone!...
Há que denunciar o que não está certo e falar sobre assuntos que dizem respeito a todos e não ter medo.

- **ARRE, BURRO!**

- Por vezes lembro a serra onde vivi e dos desabafos do Ti Zé lá da terra:

**Quero tanto ao meu gerico
Que por gente o não trocava!
O seu nome é Mangerico
Mas às vezes cheira a fava!**

- Outras vezes lembro do burro que costuma ir na procissão:

**É um burro com chalaça
O estafermo do animal!
É sabido que por onde ele passa
Deixa sempre algum sinal**

- Mas engraçado era ouvir a Beatriz Costa dizer:

**Vem cá, mê estapor
Tu tens má valor
Que munto senhor casmurro!
É digo-te aqui
Q`hà homes p`rái
Más bestas cá ti, mê burro!**

- E o entusiasmo que dá ouvir gente atrevida?!...

**Esta besta é reinadia
E é rambóia, o malandrete!
Quando o levo à romaria
Também deita o seu foguete!**

- Quando se trata de certos figurões eis o que diz certa política:

**E se vai comigo ao lado
Gosta tanto que inté zurra!
Fica tão intusiasmado
Que eu esconho que sou burra!**

- O Zé Povinho acrescenta:

**Só me rala o dia
Quando o trago prà cidade!
Tem azar ao sinaleiro
Que o não deixa ir à vontade!**

- Mas é o manda-chuva que afirma:

**Puxa a corda em pura perda,
Mas eu trago-a bem sujeita!
Se ele aparta para a esquerda
Eu viro logo p`rá direita!**

Verdade é que estão fazendo do Povo burro e se o Povo continuar a dormir na sombra qualquer dia, ao chegar ao faval descobre que não há nem nunca houve favas contadas neste Reino da Geríngonça.

Álvaro Carvalho

Sou filho....

Pequeno prólogo de memórias partilhadas... porque "uma pessoa idosa tem o direito (e o dever?) de contar a história da sua vida a alguém que entenda o que é a vida".

Sou filho dos meus pais...

E neles descobro-me filho de Deus, donde procede toda a paternidade e filiação.

Sou filho de tanta gente boa (impossível identificar cada um) que aconteceu na minha vida!

Sou filho duma aldeia que conheci medieval (eu nasci na idade média e numa aldeia medieval, sim senhor!...).

Sou filho dos caminhos estreitos e ladeiros, dos carreiros, das eiras, das fontes, das levadas e das pontes, dos moinhos e engenhos, dos campos, dos prados, dos barbeitos e das coutadas, das carvalheiras e das bouças de giestas.

Sou filho das brandas e dos gados nas cortes ou a pastar, dos carretos de lenha, de tojo e de feno (muitas vezes encarregado de apanhar as cunhas que se desprendiam dos apeladoiros).

Sou filho do monte e também um pouco da ribeira, e depois da cidade e das viagens pra lá e pra cá, no desce e sobe da Minhoteira, na camioneta e no comboio.

Sou filho de paisagens mas também de livros.

Sou filho de sonhos, nem todos cumpridos.

Sou filho (ainda estou em gestação) da esperança firmada na fé, do amor partilhado.

Sou filho da Fonte que é Ele, o Senhor da Vida.

P. M. Domingues

O melhor da Croácia, Eslovénia e Bósnia (1)

No Verão passado, condicionado por compromissos inadiáveis e indeclináveis, a minha disponibilidade para viajar ficou confinada à primeira quinzena de Agosto. Não pude, por isso, socorrer-me, como de costume, do conforto de uma viagem organizada para um grupo específico. Procurei, então, com alguns, poucos, amigos, os serviços de uma agência de viagens. E, entre as propostas apresentadas, a mais apelativa foi a que assumi como título desta crónica.

Assim, numa experiência de viagem nova, em princípios de Agosto, rumei até à região dos Balcãs, em busca do melhor de três dos sete países que, em finais do século passado, se autonomizaram da antiga Jugoslávia, proclamando a sua independência, e, após mais ou menos longas, sangrentas e devastadoras guerras civis, começaram nova vida, senhores do seu destino: a **Croácia**, a **Eslovénia** e a **Bósnia e Herzegovina** (os outros quatro são a **Sérvia**, a **Macedónia**, o **Kosovo** e o **Montenegro**).

Croácia

Fazendo fronteira, a norte, com a **Eslovénia** e a **Hungria**, a nordeste, com a **Sérvia**, a leste, com a **Bósnia e Herzegovina**, e a sul, com o **Montenegro**, a **Croácia** é longamente banhada, a oeste, pelo **mar Adriático** e possui ainda uma fronteira marítima com a **Itália**, no golfo de **Trieste**.

Em 1991, após um bem sucedido referendo, separou-se da Jugoslávia e tornou-se independente. Adoptou, então, como capital a cidade de **Zagrebe**. O processo não foi, porém, pacífico, pois teve de enfrentar dura e devastadora guerra, que se prolongou até 1995, ano em que conseguiu abraçar a paz.

A sua população, maioritariamente composta de croatas (uns 90%), mas acolhendo no seu seio alguns grupos minoritários, como sérvios (4,5%), bósnios (0,5%) e húngaros (0,4%), entre outros, professa predominantemente o **Cristianismo** (com 87,8% de católicos, 4,5% de ortodoxos e 0,4% de outras confissões cristãs), contando o **Islamismo** com apenas cerca de 1,5% de praticantes.

Sua língua oficial é o croata, um idioma eslavo meridional, que usa o alfabeto latino.

Desde a constituição de 1990, a **Croácia** constitui uma **república democrática**, inicialmente com um sistema de governo semipresidencialista, que em 2000 abandonou em favor do **parlamentarismo**.

Eleito para mandatos de cinco anos, o Presidente da República, que além de chefe do Estado é também o comandante-em-chefe das forças armadas, nomeia o primeiro-ministro com a anuência do parlamento e assume papel de algum relevo na condução da política externa do país.

Membro das **Nações Unidas**, da **NATO**, da **Organização para Se-**

gurança e Cooperação na Europa, e do **Conselho da Europa**, a **Croácia** apresentou, em 1 de fevereiro de 2003, a sua candidatura à **União Europeia (UE)**, tendo-se a **adesão verificada, um pouco mais de dez anos depois, em 1 de Julho de 2013** (assim se tornando o segundo país formado a partir do território da ex-Jugoslávia a ingressar na UE, depois da **Eslovénia**, em 2004).

Estado-membro da União Europeia, a **Croácia** ainda não aderiu, contudo, ao euro, mantendo nas suas transacções como moeda a **kuna croata** (convertido em moeda croata, **1 euro** dará aproximadamente **7,43 kunas**).

Com uma população de pouco mais de **4 milhões de habitantes**, dispondo de mais de mil ilhas semeadas ao longo do mar Adriático, agraciada com elevado número de dias de um sol quente e luminoso e senhora de um extenso litoral de águas calmas e claras, a **Croácia** tem investido fortemente no turismo, que reconheceu como relevante factor de dinamização da sua economia: o país recebe, ao longo do ano, centenas de cruzeiros e inúmeros turistas idos de todos as partes do mundo.

Eslovénia

Pequeno país do leste europeu – ocupa uma área de **20.251 km²**, onde habitam aproximadamente **2 milhões de pessoas** –, a **Eslovénia** (em esloveno *Slovenija*) faz fronteira, a norte, com a **Áustria**, a leste, com a **Hungria** e a **Croácia**, a sul, com a **Croácia**, e a oeste, com a **Itália** e o **mar Adriático**.

Tendo integrado, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, (juntamente com **Sérvia**, **Croácia**, **Montenegro**, **Bósnia e Herzegovina**, e **Macedónia**) a **República Socialista Federativa da Jugoslávia**, a **Eslovénia** declarou unilateralmente a sua independência, em 25 de Junho de 1991, na sequência de um referendo adrede realizado em 23 de Dezembro de 1990: referendo em que, com uma participação de 60% do eleitorado, 88% dos votantes se declararam favoráveis à declaração de independência. Apanhada de surpresa (a declaração tinha sido anunciada para o dia seguinte, 26), a contestada governação jugoslava reagiu, seguindo-se um penoso, ainda que breve, conflito – de 26 de Junho a 5 de Julho de 1991 –, conhecido como **Guerra dos Dez Dias** ou **Guerra da Independência** ⁽¹⁾.

Tendo como capital **Liubliana**, que é também a mais populosa cidade do país, a **Eslovénia** foi, em 15 de Janeiro de 1992, oficialmente reconhecida por todos os Estados membros da Comunidade Europeia. Em 22 de Maio de 1992, ingressou na ONU. Em 1 de Maio de 2004, passou a integrar a União Europeia (foi o primeiro país proveniente da ex-Jugoslávia a fazê-lo; seguiu-se-lhe a **Croácia**, em

2013) e, em 1 de Janeiro de 2007, aderiu ao **euro**.

É também o único país ex-comunista a fazer parte, simultaneamente, da **União Europeia**, do **Acordo de Schengen**, da **Zona Euro**, da **Organização para a Segurança e Cooperação na Europa**, do **Conselho da Europa** e da **Organização do Tratado do Atlântico Norte**.

Densa e disciplinadamente arborizada, a floresta cobre cerca de 50% do território nacional. O ponto mais alto da Eslovénia encontra-se no **Monte Triglav**, que se eleva até 2.864 metros de altitude. Em média, porém, a topografia do país não ultrapassa os 557 metros acima do nível do mar.

E a sua população, consideravelmente homogénia – cerca de 91% são eslavos, o restante é de origem sérvia, croata e bósnia –, encontra-se harmoniosamente repartida: 49% dos habitantes vivem na zona rural e 51%, nos centros urbanos.

Não obstante a sua diminuta dimensão, é possível observar, na **Eslovénia**, diversos tipos de clima: desde o mediterrânico, predominante no litoral, ao alpino, nas montanhas, além do continental, com verões oscilando entre suaves e quentes e invernos frios, nos planaltos e vales do leste do país.

Pouco conhecida da maioria dos turistas, a Eslovénia tem, no entanto, boas condições para o desenvolvimento do turismo: possui, com efeito, lindas paisagens, aprazíveis montanhas, campos verdejantes, águas transparentes, grandes e ricas grutas, e um povo simpático e acolhedor.

Bósnia e Herzegovina

Limitada, a norte e oeste, pela **Croácia**, a leste e sul, pela **Sérvia**, a sul, pelo **Montenegro**, e dispondo ainda de uma minúscula extensão de litoral no **mar Adriático**, a **Bósnia e Herzegovina** é mais uma das sete repúblicas resultantes da desintegração da Jugoslávia.

Com uma área de 51.209 km², a nação compreende duas entidades politicamente autónomas: a **República Sérvia** ⁽²⁾ (que não é a Sérvia...) e a **Federação da Bósnia e Herzegovina**.

Com **Sarajevo** como capital, o seu nome composto – **Bósnia e Herzegovina** – explica-se pelo facto de ser integrada por duas regiões geográficas distintas: a **Bósnia**, uma zona de montanha, na parte setentrional, coberta de densas florestas, e a **Herzegovina**, na parte meridional, maioritariamente composta de montes rochosos, onde uma agricultura pobre constitui a actividade económica predominante.

Uma nota curiosa a reter da história mais recente deste país prende-se com o eclodir da Primeira Guerra Mundial: em 1914, um jovem estudante nacionalista sérvio, **Gavrilo Princip**, assassinou, em Sarajevo, na Bósnia recém-anexada ao Império Austro-Húngaro, o arquiduque austríaco **Francisco Fernando**: foi a faísca que fez eclodir a guerra.

A **Bósnia e Herzegovina** proclamou-se independente em 1992. Teve, porém, de enfrentar, de seguida, uma longa, sangrenta e devastadora guerra fratricida, um autêntico genocídio que causou a morte a mais de 200 mil pessoas. Guerra que apenas se deteve no **Acordo de Dayton**, assinado em 1995 e cujo cumprimento vem sendo garantido pela presença no território das forças da ONU.

Apesar de geograficamente localizada na Europa, a **Bósnia e Herzegovina** ainda não integra a **UE** nem usa como moeda o **Euro**. A sua adesão, contudo, é objetivo declarado das actuais relações entre as duas entidades. A **Bósnia e Herzegovina** foi, com efeito, reconhecida pela **União Europeia** como um “país potencialmente candidato” para a adesão, desde a decisão do Conselho Europeu de Tessalónica em 2003, e está na agenda actual para o alargamento futuro da União Europeia. A **Bósnia e Herzegovina** solicitou formalmente a adesão à União Europeia, em 15 de Fevereiro de 2016. Em 9 de dezembro de 2016, recebeu da Comissão Europeia o questionário de adesão.

A moeda da Bósnia, definida nos **acordos de paz de Dayton**, em 1995, é o **Marco Convertível (KM – Konvertibilna Marka)**; mas a sua

efectiva introdução deu-se apenas a 22 de Junho de 1998. Durante algum tempo, conviveu ainda com o forte Marco alemão, ao qual nasceu indexado; vendo-se, porém, órfão com o desaparecimento deste, ditado pelo advento do **Euro**, as autoridades bósnias não tiveram alternativa senão socorrerem-se da nova estrela financeira para lhe indexarem a sua moeda nacional. Confrontando as duas moedas, temos que **1 euro** vale muito aproximadamente **dois KM (marcos convertíveis)**.

A população bósnia, de pouco mais de **4 milhões de habitantes**, compreende várias etnias e, em consonância, são também diversas as confissões religiosas professadas.

Assim, os principais grupos étnicos que habitam a **Bósnia e Herzegovina** são, na sua maioria, **bósnios** (uns 44%), **sérvios** (cerca de 31%) e **croatas** (à volta de 17%). Contam-se, ainda, uns 6% de jugoslavos e 2% de etnias diversas pouco expressivas.

Religiosamente, a maioria dos bósnios (90%) seguem o Islão; os sérvios são quase exclusivamente cristãos ortodoxos (99%); já os croatas professam maioritariamente (88%) o catolicismo romano. Deste modo, cerca de metade da população bósnia é cristã (35% segue a Igreja Ortodoxa Sérvia e 15%, o Catolicismo Romano) e a outra quase metade (46%), muçulmana.

Foi um pouco de cada um destes três países que tive o prazer de visitar, numa viagem de oito dias (de domingo a domingo, de 5 a 12 de Agosto), a que acedi através da agência de viagens **GeoStar**. De parte do que vi e mais apreciei me proponho dar nota nos próximos números deste também vosso jornal.

⁽¹⁾ A brevidade do conflito explica-se, em parte, pela distância em relação a Belgrado, sede do governo; por outro lado, por ser a Eslovénia o país mais ocidentalizado entre as repúblicas jugoslavas.

⁽²⁾ Constituída como entidade em 21/12/1991, proclamou a independência em 7/04/1992 e voltou a integrar-se na Bósnia e Herzegovina em 14/12/1995.

Júlio Vaz

Obras em Santa Rita e na Igreja da Misericórdia

Signinum, consagrada empresa de gestão do património cultural, que tem no seu currículo trabalhos como o do restauro da Igreja e Torre dos Clérigos, no Porto, tudo indica vai ser a escolhida para realizar a primeira fase das obras, quer em Santa Rita, quer na Igreja da Misericórdia.

Em Santa Rita, o orçamento é de 105 mil euros, mais IVA. Há 60 mil euros, fruto dos peditórios feitos até ao momento. Com as ajudas da Junta de freguesia e da Câmara, é de esperar que, com mais 25 a 30 mil euros se possa custear esta fase que contempla a limpeza de tectos e paredes, soalhamento das partes que arderam, portas, janelas, vidros, instalação eléctrica, etc. Para uma segunda fase ficará a reabilitação do altar-mor e a erecção ou não do altar em que estava colocada a imagem de Santa Rita até à fatídica noite de 17 de Setembro de 2017.

As obras na Igreja da Misericórdia rondarão os 125 mil euros.

Saliente-se ainda que a ‘Signinum’ recebeu da Comissão Europeia o certificado do ‘selo de excelência’ pelo projecto XpeCAM, uma câmara de análise multiespectral que permite monitorizar in loco o estado de conservação das obras de arte. É uma câmara que consegue ver o interior das obras de arte e controlar a conservação das mesmas. Vai receber um subsídio de 1 milhão de euros de financiamento comunitário para investir em inovação, na área da conservação e do restauro.

Festa de N^a Sra do Rosário - Paderne



A festa da Senhora do Rosário, em 7 de Outubro, em Paderne teve o brilho de outros anos, com destaque para a procissão de que aqui apresentamos apenas 3 fotos, que bem podem ser a resposta a dar aos que profanam a Véspera de Todos os Santos, como se escreve na notícia ao lado.

MEMBROS DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - PADERNE 2018:

David Coelho	Jorge Fernandes
José Fernandes	David Gonçalves
Sérgio Garelha	Marco Gonçalves
Alberto Domingues	Carlos Bravo
José B. Domingues	José Morais
José A. Costa	Alberto Morais

Nunca o medo tinha juntado tanta gente na noite de Melgaço

Da Casa da Cultura ao recinto da torre de Menagem, centenas de pessoas, entre participantes e curiosos para saber que medos andavam pelas ruas, compuseram a enorme moldura humana da Noite dos Medos, que decorreu a 31 de Outubro.

O evento vai já na segunda edição. O concurso dos Potes das Bruxas, mas também a criatividade na decoração das ruas e nos principais pontos de espectáculo foram premiados com uma grande adesão popular.

Comunidade local, associações ou grupos de jovens pegaram nos temas "assustadores" da moda, mas também não foi deixada de lado a história local e nem Inês Negra.

Foi no cenário, literalmente, junto ao Castelo de Melgaço que decorreu o Esconjuro das Bruxas, a que se seguiu a Queimada Galega.

Organizado pela Associação Empresarial Minho Fronteiriço, em colaboração com o Município de Melgaço e com os bares aderentes. O evento promete ser uma referência na noite melgacense... de 31 de Outubro.

Texto João Martinho

Fotos: Município de Melgaço



Se em vez de medo houvesse incentivo à confiança?

Já surgiram em França, Espanha e outros países iniciativas que não só não descaracterizam a véspera de Todos os Santos, mas respondem à profanação da mesma com a iniciativa denominada "Holywins" (o Santo vencerá) em que as crianças e as pessoas que participam se vestem de Santos dando a conhecer o essencial da vida de cada um e os apelos a uma vida orientada pelos bons exemplos.

Há várias maneiras de as pessoas se divertirem. Seria bom aproveitar a maneira Cristã de o fazer. Melgaço, nas suas estruturas paroquiais e de catequese tem aqui um bom desafio para fomentar uma educação nos valores cristãos que vale a pena prosseguir.

Sabores Castrejos
de Judite Rodrigues

Fumeiro 100% artesanal,
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro
Melgaço

Tlf: 251 465 452
Tlm: 925 145 305
e-mail: saborescastrejos@gmail.com

Siga este símbolo para encontrar o
nosso fumeiro em
Portelinha - Castro Laboreiro

PIZZARIA **RESTAURANTE**

T. 251 403 058

Av Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA
SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA
S. GREGÓRIO

PESO
MONÇÃO

Inovação é o que nos distingue

SC Melgacense estreou-se no Futsal Feminino e já compete no campeonato distrital

A temporada desportiva da equipa feminina de Futsal do Sport Clube Melgacense começou a 27 de Outubro e apesar da estreia das atletas melgacenses não ter sido a mais auspiciosa – o embate com a equipa da AD “Os Limianos”, campeã da época 2017-2018, traduziu-se num expressivo 0-15 no marcador – o colectivo melgacense não se demove do objectivo de ficar nos lugares cimeiros da tabela: “Desistir não vamos desistir!”.

Quis a sorte que o primeiro jogo das atletas do clube melgacense fosse contra a equipa forte do campeonato da Associação de Futebol de Viana do Castelo, campeã da época transacta e, pela estreia conseguida em Melgaço, com trunfos para voltar a validar o título.

A equipa de Melgaço integra pela primeira vez o campeonato distrital (e é também a primeira vez que o clube vai a jogo nesta modalidade), com a época 2018/2019 composta por sete equipas. Após chegadas e partidas, confirmadas durante o interregno, ficaram para competir o SC Melgacense, AD “Os Limianos”, Arcos S. Paio, ACD Castanheira, GD Vitorino de Piães, UD Raianos e Deucriste.

Desde os primeiros jogos de treino das atletas, que na sua maioria teve de assimilar regulamento e táticas a partir do zero, os responsáveis pelo treino, Gabriel Alexandre Ribeiro e Hélder Silva (treinador e treinador-adjunto, respectivamente), dão francos sinais de evolução.

“Nota-se uma boa evolução. Numa é mais evidente do que noutras, mas são os primeiros jogos, acusam sempre mais algum nervosismo, é normal esta é a primeira época delas”, sublinham.

Reconhecem alguma desvantagem em relação às restantes equipas do distrito em competição mas prometem surpreender, apesar de “noventa por cento da equipa não ter qualquer histórico no Futsal ou neste tipo de desporto”.

Para já, os orientadores do treino querem consolidar a defesa. “Depois no ataque ou em contra-ataque, temos jogadoras que fazem a diferença, que conseguem sair com a bola. Para já, temos de aguentar os jogos assim. No futuro faremos de outra forma”.

“São os primeiros jogos, vamos com receio para o campo, aquele sentimento de que temos menor capacidade que as adversárias, mas



em relação ao que éramos quando começamos os treinos, há uma grande evolução. Obviamente que temos muita coisa para melhorar”, diz-nos a capitã da equipa, Eliana Carvalho.

“Temos que conseguir-nos desmarcar. Muitas vezes estamos paradas, não estamos à procura de bola e nisso falhamos porque no Futsal não há posições rígidas, temos de estar sempre a mexer. Temos de ser capazes de antever as jogadas das colegas sem termos de estar a chamar, porque também estamos a alertar a adversária”, analisa ainda a capitã.

O desejo da época com que

iniciamos o texto é também de Eliana Carvalho, que certamente implicará muita dedicação nos treinos: “Ficar na primeira metade da tabela. Desistir não vamos desistir!”.

O próximo jogo do campeonato é a 10 de Novembro, às 18 horas, frente ao GD Castanheira (Paredes de Coura). Se não puder ir a Coura apoiar as “caloiras” do campeonato, fica desde já nova sugestão: As atletas de Melgaço voltam a jogar em casa (isto é, no Pavilhão do Centro de Estágios) no dia 17 de Novembro às 21 horas, frente à UD “Os Raianos”.

João Martinho



Quinta com cerca de 3,5Ha com vinha Alvarinho, constituída por casa de 200m², armazém de alfaias e seus respetivos equipamentos para a produção e manutenção da vinha.

Possui também terreno com 2000m² com uma nascente de água que fornece toda a quinta. Está equipada com um sistema de rega à distância. Bons acessos e excelente exposição solar para boa produção de Vinho Alvarinho.

Vila e Roussas - Melgaço

M2016/027

(Sob Consulta)

Quinta com excelente exposição solar situada a 5 minutos da Vila.

Composta de moradia de 2 pisos tipologia T4, terrenos de cultivo, vinha, pomar, monte, canastro e água de mina.

Propriedade com cerca de 2ha, toda murada e sem servidões.

Chaviães - Melgaço

M2015/021

(Sob Consulta)



Excelente terreno de cultivo e monte com zona de construção, com cerca de 10.000m².

Possui moinho para recuperação.

Próximo do Parque Termal do Peso com bons acessos e excelente exposição solar.

Paderne - Melgaço

M2015/021

(Sob Consulta)



Ser exemplo e líder não é coisa pouca!...

Os Portugueses, ao longo da sua história, deram sempre o seu melhor. Na maior parte das vezes, sem procura de protagonismo, viram-se em situações tão adversas e nefastas que ousaram inovar rumo ao desconhecido.

A dor e solidão que os emigrantes sempre sofreram (sofrem) não serviu de desculpa para pararem no tempo. Pelo contrário, fez com que assumissem frontalmente a sua vocação de homens de um tempo que se quer novo, que não têm medo de agarrar a vida e meter mãos ao trabalho.

É preciso ser forte e corajoso para saber aceitar aquilo que nos é imposto actualmente por uma sociedade ávida em ditar regras e preguiçosa em aceitar responsabilidades.

Não podemos assistir de ânimo leve a uma série de acontecimentos que não têm razão de ser e só concorrem para o descrédito total de quem nos governa.

Muitos Portugueses começam a ter o sentimento de que são enteados na sua própria terra natal. Dão-se regalias a estrangeiros

que colidem com os reais interesses dos verdadeiros filhos da Nação.

Somos cidadãos do Mundo mas queremos ter a firme certeza que Portugal é nosso e honra a memória dos nossos.

Somos emigrantes de coração aberto que é cioso do seu presente e que trabalha para a prosperidade e bem comum da terra que lhe foi berço.

Somos imigrante que sabem ocupar o seu lugar onde quer que estejam respeitando as leis dos Países que nos acolhem.

Somos gente de bem que quer um futuro risonho onde nada falte aos nossos filhos e avós.

Somos todos Portugueses de Primeira que deveria ter vergonha da pobreza e da miséria que atinge milhões de Portugueses.

Somos um Povo livre que não merece as "mordaças" que lhe são impostas por uma crise que hipotecou o nosso futuro e o futuro de várias gerações.

É triste e dói continuar numa luta tão desigual!...

Os nossos destinos não podem continuar nas mãos de quem

nos governa de forma tão "estapafúrdia"!...

A nossa democracia não pode ficar no papel.

Queremos bons exemplos e boas práticas de quem nos governa.

Sabemos a letra de cor que:

"Ontem apenas fomos a voz sufocada dum povo a dizer não quero; fomos os bobos-do-rei mastigando desespero."

"Ontem apenas fomos o povo a chorar na sarjeta dos que, à força, ultrajaram e venderam esta terra, hoje nossa. Somos um povo que cerra fileiras, Parte à conquista do pão e da paz. Somos livres, somos livres, não voltaremos atrás."

A nossa música é de que queremos mais e melhor de todos, sem excepção.

Venham de lá os bons exemplos e as melhoras práticas de quem nos governa.

Helena Matos

Um olhar melgacense sobre o mundo

Neste mês, e a partir dele, optamos por dividir a minha habitual reflexão em duas pequenas partes separadas, uma mais teológica e esta outra mais abrangente. O pensamento e a escrita continuam iguais. Só muda o formato. E para "estrear" este novo formato, queria destacar dois temas da atualidade nacional e internacional: as notícias falsas e o orçamento de estado português.

O tema das notícias falsas, as famosas *fake news*, apareceu aquando das eleições norte-americanas, sendo que o Presidente norte-americano Donald Trump parece ter sempre o vocabulário *fake news* sempre prontinho a ser usado nos seus discursos e intervenções. O que é visível é que com as eleições brasileiras isto subiu ainda mais de tom e de escala, acabando por ser uma arma de ambos os lados para conseguirem denegrir o concorrente. Vistas as coisas, isto só serve in-

teresses mesquinhos, e o que deveria ser um direito livre (exercer de livre vontade o direito a escolher quem nos representa em democracia, sem nada a nos coagir) acaba por ser uma escolha feita pelos *media* e imposta às pessoas. E também é certa uma coisa: tal como aconteceu com Donald Trump, de certeza que Jair Bolsonaro não é tão extremista, demagogo e "infernado" tal como o querem pintar. O mesmo diziam de Donald Trump, e apesar de ele cometer inúmeros "assassinatos" e recuos nas suas ações políticas, não é assim tão péssimo como o retratavam. É mal sim. Mas não tão péssimo.

No final do mês de outubro a Assembleia da República e os partidos políticos andaram à volta com o Orçamento de Estado que o Governo apresentou. No momento em que escrevo estas linhas, ainda não foi aprovado, alterado ou rejeitado, mas ficaram algumas observações: um

orçamento de estado que reduz o défice para 0,2 mas afinal era 0,5 e ficará em 0,2 porque se vai cativar 600 milhões de euros? Então para quê dar os 600 milhões se não contam gastar? Será para agradar a quem? Ou enganar? A oposição acusa de ser um orçamento eleitoralista. É lógico. Com tantas polémicas (desde Tancos aos fogos), o PS quer manter-se no governo após as eleições do próximo ano. E não há melhor maneira de ganhar votos em Portugal que dar dinheiro às pessoas. Aumenta-se, sobe-se, dá-se. No próximo governo paga-se. Ou empurra-se. Mas se tivermos atentos, não há nada que faça descer os impostos. Pois parece que afinal não estamos assim tão bem como parecia. Mas esperamos para ver. Espero que nos possamos surpreender. Seria bom sinal. Muito bom sinal.

Bem-haja!

Rogério Rodrigues

E.N. de Melgaço a Viana do Castelo: (Ainda)

Tem vindo o nosso Jornal Regional A VOZ DE MELGAÇO, desde Agosto inclusivé, a referir as dificuldades que há no nosso dia a dia, em nos deslocarmos à Sede do Distrito, utilizando as E.S.N.S nºs 202; 101 e 13.

Na verdade, para além do seu piso irregular em muitos locais (andam ainda agora a tapar alguns buracos, aqui e ali...), as suas bermas estão em muito mau estado e, o abuso excessivo de colocação de semáforos, em todo o seu percurso, só complicam quem é obrigado a nela circular.

Por sua vez, a "abertura" de determinados "pontos de venda", p.ex: automóveis, frutas, mesmo ao lado da Estrada, com paragens de veículos... para abastecimento... cria atrasos a quem tem horários a cumprir, para além de tirar a visibilidade a quem entra na Estrada...

E, faz pena, o nosso dito "poder local", não estar atento a esses pormenores, pois, como se vê no exemplar do Jornal de Agosto, na ousada carta do Senhor "F.V.", com uma fotografia da Placa de Sinalização existente em frente ao Centro de Saúde de Monção, onde devido à imensa vegetação de silvas, já não se lê: ..."MELGAÇO...20 Kms...".

Será que "compete" à Câmara de Melgaço, fazer tal limpeza?

Até Quando?...

"1 KUKO"

Caça e Caçadores

– Em plena Época Venatória de 2018/2019, verifica-se a existência de poucos coelhos, bem como de perdizes, em quase todas as Z.C.As.

Contudo, Clubes há, que em determinados locais, das suas Z.C., ainda têm, um número razoável de espécies.

Com poucos pombos no Agosto, aguardemos que este ano, os tordos e as galinholas, satisfaçam os senhores caçadores, que, cada vez, pagam mais Taxas e Licenças.

Vai valendo a caça ao javali (E para quando a caça ao corço, como na nossa vizinha Galiza?), proporcionando um dia bem passado entre monteiros e matilheiros.

CAÇA: - GALIZA:

Já se iniciou, também, na vizinha Galiza, a temporada ao coelho, à perdiz e ao faisão, no passado dia 21 de Outubro.

Este ano obtiveram a Licença de caça na Galiza, 45 000 caçadores. E, segundo palavras do seu Presidente da Federação Galega, Senhor D. Javier Nogueira, a caça menor é pouca e termina a 6 de Janeiro de 2019, sendo a galinhola até 10 de Fevereiro. Eles também têm o problema das doenças nos coelhos bravos (miximatose, e vírica hemorrágica). Refere ainda D. Javier Nogueira, que... "...cada vez mais é aceite na sociedade, a imagem do caçador do Sec. XXI, que cuida da natureza, e que faz a sua gestão de forma adequada...".

Também aqui na Galiza, vinga a caça maior, com as suas jornadas cinegéticas ao javali e ao corço (ao contrário de cá e até quando?), desde 25 de Agosto.

Desejos de boas jornadas cinegéticas..

"Um veterano na caça"

Especialistas reuniram em Me discutir vantagens do Ozono

Considerado "o medicamento do século", o trata mais popular porque "não interessa à indústria"

Nos dias 19 e 20 de Outubro, mais de uma dezena de médicos e especialistas reuniram-se em Melgaço para debater as múltiplas utilizações do Ozono em tratamentos médicos.

As VII Jornadas Internacionais da Sociedade Portuguesa de Oxigénio - Ozonoterapia e Medicina Regenerativa, decorreram no auditório da Escola Superior de Desporto e Lazer de Melgaço e tiveram como oradores médicos, especialistas e técnicos que têm em comum o entusiasmo pelas capacidade de tratamento desta técnica ainda pouco discutida por cá, mas que divide alguns profissionais do sector.



A ozonoterapia é defendida por alguns médicos como o melhor tratamento para as dores musculares, lesões ou fibromialgia, mas também enquanto anti-inflamatório em processos pós operatórios e tratamento de feridas. Outros profissionais do sector alegam a falta de estudos que suportem para já a utilização deste método, mas os promotores desta solução médica dizem que apenas a influência e lobbys da indústria farmacêutica têm interesse em travar uma solução que, se generalizada, reduziria a prescrição de fármacos para este tipo de sintomas.

Para esclarecer especialistas e público em geral sobre as vantagens do ozono nas suas diversas vias de administração, o congresso realizado em Melgaço reuniu médicos, investigadores e outros técnicos da área da saúde que comungam das propriedades benéficas deste tratamento.

António Gomes, Médico-Dentista, Especialista em Dor Orofacial e membro da Comissão Organizadora destas Jornadas reconhece que a ozonoterapia é uma das suas paixões, depois de um problema de um membro da família o ter motivado a saber mais e a conhecer especialistas da área.

“O ozono é a fabricação do oxigénio médico em O₃, que nos vai trazer muitos benefícios e um funcionamento metabólico do organismo espectacular, porque começa a regenerar através do ozono”, começa por explicar.

Na sua área de trabalho, que exerce em clínica em Melgaço, salienta a importância do ozo-

no no tratamento a nível da Dor Orofacial, infiltrações na articulação ou mesmo dentro da boca. O pós-operatório dos pacientes, seja com extracções dentárias ou cirurgias maiores, têm um resultado fantástico”.

“É um anti-inflamatório fantástico, considero que é o medicamento do século”, nota ainda Antonino Gomes, apontando o ‘lobby’ da indústria farmacêutica como o principal culpado de uma implementação mais lenta deste tratamento.

“No ozono estamos a oxigenar o cliente. Essa oxigenação é feita com O₃ que, ao entrar no organismo, vai libertar um radical-livre de oxigénio e esse O₃ passa imediatamente para O₂. Esse radical livre do oxigénio, para que se entenda, vai-se ligar aos radicais-livres das células que muitas vezes estão estagnadas, adormecidas e a iniciar o processo de envelhecimento porque não conseguem ter processos metabólicos, estão totalmente comprometidas. O Ozono vai fazer uma limpeza tecidual a nível celular que vai fazer o metabolismo dessas células voltar a funcionar. Não estamos a injectar medicamento, mas a fazer com que o organismo se equilibre”, explicou.

Sobre os métodos de administração de ozono, mais ou menos invasivos, o doutor Antonino Gomes sublinha que os tratamentos devem ser administrados por “profissionais habilitados” que saibam dosear o tratamento em função do diagnóstico do paciente.

“Existe a componente do ozo-

no sistémico e do ozono local. Na medicina dentária utiliza-se mais o ozono local, mas um doente com fibromialgia, se fizer tratamentos locais e tratamentos sistémicos tem resultados Além de oxigenante, o ozono é também “um excelente, bactericida, fungicida e virucida”, mas apenas de aplicado nas concentrações indicadas.

“O ozono deve ser feito por profissionais médicos habilitados, que conheçam um pouco sobre as infiltrações e é feito com oxigénio medicinal. Existem aparelhos de ozono a ar, que tem óxidos nítricos que são tóxicos para o organismo. Existem botijas de empresas credenciadas que fazem oxigénio medicinal para que esse possa ser injectado no organismo, não pode ser qualquer pessoa”, alerta.

“Nas doses certas, tem características específicas: Podemos

tirar dor com 30 microgramas ou um bactericida com 40 microgramas. Dependendo da dosagem, conseguimos resultados diferentes”, esclarece.

Antonino Gomes diz que é “uma questão de tempo” até que a utilização do ozono, já muito usada em países como a Alemanha, Itália ou Rússia, se torne popular também em Portugal. “Com o tempo vai-se conseguir que o ozono seja visto como realmente é, um coadjuvante e um tratamento preventivo. Não vamos dizer que um diabético vai deixar de tomar insulina, mas ao utilizar a ozonoterapia vai precisar de ser controlado, porque se calhar não vai precisar de tanta, vai diminuir, porque o seu corpo vai funcionar de outra maneira”.

Para já, mesmo nas utilizações mais comuns, como a infiltração, “não é qualquer Osteopata que po-

derá fazer esse tipo de tratamento. Tudo o que seja estes processos, mesmo em mesoterapia, tem de ser alguém credenciado e ser da área médica”, sublinhou.

José António Regojo, Médico de Medicina Interna e dos Cuidados Intensivos de Viseu, Vila Real e Braga, assume que os tratamentos com o ozono são “grande parte” do seu trabalho e sobre o qual tem feito investigação desde que conheceu melhor este método, em 2009.

“Fiquei muito interessado, porque senti que havia coisas que que faltavam. Nos Cuidados Intensivos, na recuperação dos doentes, a resolução de alguns problemas de dor, alguns problemas de astenia [fraqueza orgânica], havia muitas coisas que depois eu vi que o ozono era capaz de resolver e não tinha visto resolver por outros meios”, revela o médico.

lgaço para

mento só não é farmacêutica



Com base na sua experiência em tratamentos com ozono, diz-nos as vantagens desta utilização, mas também dos métodos mais ou menos invasivos.

“O ozono pode ser invasivo, mas há várias vias. Numa infecção superficial, o tratamento é feito com bolsa, para colocar o ozono directamente na pele, sem contacto com o ambiente. É uma ferramenta muito boa porque é capaz de, ao mesmo tempo esterilizar e regenerar os tecidos. Para as feridas é uma das indicações mais importantes, e esta não é invasiva”, observou o médico.

No rol das mais invasivas, estão as de administração rectal, embora “pouco invasiva”, segundo o médico, a de tratamento no sangue – no qual é retirado uma determinada medida sangue para uma garrafa estéril e aí misturado

com ozono, antes de ser injetado novamente no organismo por via intravenosa – ou a infiltração, utilizada para tratar “problemas osteomusculares, tendinite, pontos gatilho, artrite, artrose, dores em geral dos músculos”, enumera o médico José António Regojo. Sobre as resistências a este tipo de tratamento, o médico de medicina interna é taxativo: “Há muita tendência, da parte de tudo o que é industrial e comercial dentro do mundo da medicina, para estar contra. Porque o ozono é como uma prática médica directa, é o médico que faz o tratamento, e isso não interessa à indústria. Tem havido ataques absolutamente mentirosos, que são apoiados pela indústria para vender outras coisas”, atirou.

João Martinho

Soalheiro desafia alunos de Hotelaria e Turismo a criar harmonizações improváveis



Projeto integra escolas de norte a sul do país e diferentes níveis de ensino e pretende demonstrar que a gastronomia portuguesa é rica e variada e que pode ser combinada com perfis distintos do Soalheiro. Uma abordagem detalhada do Vinho Verde e do território de Monção e Melgaço – A Origem do Alvarinho é um dos objetivos fundamentais.

Consciente da importância da formação de base para a criação de profissionais de topo, a Quinta de Soalheiro desafia as Escolas de Hotelaria e Turismo para um projeto que permite uma educação sustentada dos seus alunos e que contribuirá certamente para criar embaixadores de Portugal e dos vinhos portugueses nos quatro cantos do mundo. Na primeira fase deste projeto piloto, a arrancar este ano letivo, integram escolas de norte a sul do país e de diferentes níveis de ensino. O projeto abrange, desta forma, alunos com formações diversas: gestão e administração hoteleira, cozinha, catering, restauração e bar, uma vez que, os sentidos devem ser desafiados e trabalhados num todo para que a harmonia final seja perfeita.

“O nosso objetivo é contribuir para que estes alunos aprendam a trabalhar com diferentes estilos de vinho, para que possam adaptar esses conhecimentos a vinhos de qualquer parte do mundo” afirmam os produtores.

O desafio lançado aos alunos tem como base o desenvolvimento de uma harmonização improvável: desafiar os paladares de um prato típico da região onde a escola está inserida com diferentes estilos de Soalheiro. Um desafio que permitirá demonstrar que a gastronomia portuguesa é rica e variada e que pode ser combinada com perfis distintos de Vinho Verde, especificamente dentro da casta Alvarinho. O projeto já arrancou na Escola Su-



perior de Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico do Porto com a primeira Master Class, integrada nas comemorações do aniversário da Escola. Durante o primeiro semestre letivo será implementado também nas Escolas de Hotelaria e Turismo de Viana do Castelo, Porto, Coimbra, Fátima e Faro.

VINHO É CULTURA: PARTIR À DESCOBERTA DE CHEIROS, MEMÓRIAS, LUGARES...

“Não é preciso beber vinho, para ter cultura de vinho” desmistifica o enólogo Luís Cerdeira quando se refere à formação de base em que os alunos começam a frequentar estes cursos com 14/15 anos. Acrescentando, “o vinho faz parte da nossa tradição. Está enraizado na dieta mediterrânea e é fundamental que os jovens aprendam e evoluam. Não é beber por beber. A cultura do vinho tem a ver com a entrega, com a dedicação, com o simbolismo do momento. Podemos dar história, dar dimensão”.

O modelo base do projeto é transversal a todas as escolas, tendo depois características específicas em função de cada uma das realidades encontradas: visitas formati-

vas ao terroir Monção e Melgaço: a origem do Alvarinho e Master Class sobre as especificidades dos Vinhos Portugueses, com especial incidência no Vinho Verde e na Casta Alvarinho, e os paralelismos destes com os vinhos do mundo. O Soalheiro, pela sua diversidade de gama, disponibiliza ainda um kit de formação composto por vinhos de todas as suas dimensões, um info kit explicativo da origem do terroir, Monção e Melgaço e da história do Alvarinho e Fichas Técnicas dos Vinhos. Este kit formação é utilizado de acordo com as necessidades das escolas e serve de ferramenta de trabalho para professores e alunos nas ações letivas e projetos educativos.

“Acreditamos que o turismo pede criatividade para dar a conhecer o potencial do nosso país. Não podemos estagnar face ao presente.

É necessário evoluir e desafiar convenções para que façam ver as potencialidades da nossa terra, do nosso património, das nossas tradições.

É preciso saber fazer as escolhas adequadas. O futuro deles prende-se com inovação e diferenciação. Só os melhores se vão destacar” concluem os produtores.

AGRADECIMENTOS

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Manuel José de Freitas
Cavencas - S. Paio | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Maria de Jesus Vaz
Carvalha Furada - S. Paio | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Manuel José Vaz Pereira
Real - S. Paio | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Felisbela Pires (Natural de C.Laboreiro)
Granjão - Paderne | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Manuel Basteiro
Alvaredo | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Adelaide de Jesus Rei
Craustos - Paderne | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Maria Adelaide Carpinteiro
Costa - S. Paio | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CENTRO FUNERÁRIO ALTO MINHO

António Manuel Silva Martins
Esporão - U.F. Chaviães/Paços | 52 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Horácio de Lima
Lamas de Mouro | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pensar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



«A Voz de Melgaço» 01/11/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia dezoito de setembro de dois mil e dezoito**, exarada a **folhas cento e trinta e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **SEIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOSÉ ESTEVES** e mulher **CONSTÂNCIA DE FÁTIMA DOMINGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes no lugar de Portela, na União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, **OTÍLIA RODRIGUES** e marido **ANTÓNIO ALVES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes na Avenida da Barbosa, número 67, na referida União de Freguesias de Vila e Roussas, **MARIA DE FÁTIMA ESTEVES** e marido **CARLOS FERNANDES** casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes no indicado lugar de Portela, **MANUEL RODRIGUES** e mulher **MARIA DE FÁTIMA LOURENÇO MAGALHÃES**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, natural ela da extinta freguesia de Mazedo, residentes na Avenida da Boavista na União das Freguesias de Mazedo e Cortes, **ARMANDINO RODRIGUES**, solteiro, maior, residente no lugar de Carrazedo, número 1821, na citada União das Freguesias de Mazedo e Cortes, **ALMERINDA ESTEVES** e marido **AGOSTINHO GONÇALVES ESTEVES**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, residentes no lugar de Lisboa, na freguesia de Tangil, concelho de Monção, **ARMANDINO MONTEIRO** e mulher **OLGA LUÍSA MENEZES REBELO**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, natural ela da freguesia de Mosteiró, concelho de Vieira do Minho, residentes na Rua de S. Brás, número 126, na freguesia de Gualtar, concelho de Braga, sendo todos outorgantes cuja naturalidade não foi mencionada, naturais da extinta freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos seguintes imóveis, sítos na **União das Freguesias de Vila e Roussas**, no concelho de **Melgaço**:

VERBA UM: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "**Leira das Crujeiras**", sítio no lugar de **Crujeiras**, composto por terreno de maceiras, cultura e vinha, com **área de três mil e quatrocentos metros quadrados**, a confrontar de Norte com Manuel de Castro, de Sul com Limite da Freguesia, de Nascente com Escola C+S e de Poente com Caminho Público, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 715**, que teve origem do artigo 174 rústico da extinta freguesia de Vila, com **valor patrimonial tributário de €484,50 e atribuído de TRINTA MIL EUROS**;

VERBA DOIS: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "**Leira das Crujeiras**", composto por terreno de cultura e vinha, sítio no lugar de **Crujeiras**, com **área de quatrocentos e vinte metros quadrados**, a confrontar de Norte com Maria dos Anjos Vieites, de Sul com Manuel de Castro, de Nascente com Escola C+S e de Poente com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 719**, que teve origem do artigo 176 rústico da extinta freguesia de Vila, com **valor patrimonial tributário de €63,96 e atribuído de DEZ MIL EUROS**;

Que desconhecem os artigos da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que o mencionado prédio veio à posse do justificante José Esteves, ainda no estado de solteiro, dos justificantes Otília Rodrigues e marido António Alves, já no estado de casados, dos justificantes Maria de Fátima Esteves e marido Carlos Fernandes, já no estado de casados, dos justificantes Manuel Rodrigues e mulher Maria de Fátima Lourenço Magalhães, já no estado de casados, do justificante Armandino Rodrigues, no estado de solteiro, da justificante Almerinda Esteves, ainda no estado de solteira e do justificante Armandino Monteiro, ainda no estado de solteiro, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e oitenta e sete**, quando, António Fernandes, solteiro, maior, residente que foi o lugar de Corujeiras, da extinta freguesia de Vila, concelho de Melgaço, lhos doou, em comum e partes iguais, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de doação;

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, a qual se tem desenvolvido num espírito de comosse, em nome próprio e sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sem-

pre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, roçando mato, cultivando-os tratando a vinha, podando-a e sulfatando-a, colhendo as uvas, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição, na proporção dos seus respetivos direitos;

Que tendo exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma comosse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam, em comum, a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporta.

Melgaço, dezoito de setembro de dois mil e dezoito.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/11/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia trinta e um de outubro de dois mil e dezoito**, exarada a **folhas sessenta e três e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **SETE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JUSTINO PEREIRA** e mulher **FÁTIMA DA GLÓRIA GONÇALVES REI PEREIRA**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais, ele da extinta freguesia de Parada do Monte, ela da freguesia de São Paio, residentes no lugar de Coto do Paço, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhã, todas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são **donos e legítimos possuidores** dos seguintes bens imóveis, sítos na **União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhã**, concelho de **Melgaço**:

VERBA UM: **PRÉDIO URBANO**, sítio no lugar de **Coto do Paço**, composto por casa de morada com dois pavimentos e rossios, com **área total de noventa e oito metros quadrados**, área coberta de **quarenta e oito metros quadrados** e área descoberta de **cinquenta metros quadrados**, a confrontar de Norte com José Pereira, de Sul com Manuel Pereira Leandro, de Nascente com Caminho e de Poente com José Maria Esteves, **não descrito** na competente Conservatória do Registo Predial e inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 9168**, que teve origem no artigo 169 urbano da extinta freguesia de Parada do Monte, com **o valor patrimonial tributário de € 11 010,00**; e

VERBA DOIS: **dois terços do PRÉDIO URBANO**, sítio no lugar de **Mourim**, composto por casa de habitação, dois pavimentos e rossios, **descrito** na competente Conservatória do Registo Predial sob o **número setecentos e setenta e sete** da freguesia de **Parada do Monte**, apenas com registo de aquisição de **um terço** a favor de José Esteves casado com Maria Angélica Pires sob o regime de comunhão de bens adquiridos, residente no lugar de Paço, na referida União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhã, conforme inscrição decorrente da **Apresentação mil setecentos e oitenta e sete de sete de abril de dois mil e catorze**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 9220**, que teve origem no artigo 235 urbano da extinta freguesia de Parada do Monte, com **o valor patrimonial tributário total de € 6 610,00 e o valor correspondente à fração de € 4 406,67**;

Que os prédios atrás identificados, nas aludidas proporções, vieram à sua posse já na constância do casamento, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e oito**, por doação verbal, que não chegou a ser formalizada, feita pelos pais do primeiro outorgante marido, José Pereira e Maria José Afonso, residentes que foram no referido lugar de Coto do Paço;

Que, desde então, os justificantes possuem os mencionados prédios, o indicado na verba dois num espírito de comosse com os restantes possuidores José Esteves e Maria Angélica Pires, sem interrupção, nem ocultação de quem quer que seja, na convicção de serem os únicos e atuais possuidores, exercendo essa posse ininterrupta e ostensivamente, com conhecimento da generalidade das pessoas e sem oposição, nem violência, com aproveitamento de todas as suas utilidades, começando por ocupá-lo, nele efetuando obras de reparação e conservação, suportando os respetivos encargos e despesas, nas devidas proporções, tudo com ânimo de quem é dono;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e oito** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporta.

Melgaço, trinta e um de outubro de dois mil e dezoito.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/11/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia dezasseis de outubro de dois mil e dezoito**, exarada a **folhas vinte e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **SETE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **LUÍS ENES** e mulher **VITÓRIA RODRIGUES GONÇALVES ENES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Couso, ela da freguesia de Paderne, ambas freguesias do concelho de Melgaço, residentes na Rua da Fundação Gulbenkian, número 131, quinto esquerdo, freguesia de Braga (São Vítor), concelho de Braga, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel, sítio no referido lugar de **Couso**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "**Coutada da Redonda ou Poças**", composto por terreno de pinhal e mato, com **área de dois mil e duzentos metros quadrados**, a confrontar de Norte com António Afonso, de Sul com Conceição Gonçalves, de Nascente com Manuel Joaquim Rodrigues e de Poente com Álvaro Fernandes, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2508**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€144,50**;

Que desconhecem o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não consegue já precisar do ano de **mil novecentos e noventa e dois**, no estado de casados, por doação verbal feita pela mãe do primeiro outorgante marido, Alexandrina Domingues, viúva, residente que foi no mencionado lugar de Couso, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, portanto, há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, na qualidade de seus donos, como coisa sua e nessa convicção, sempre usufruindo de todas as utilidades por ele proporcionadas, designadamente roçando o mato, cortando a lenha, procedendo à sua limpeza, pagando as contribuições e impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e dois** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporta.

Melgaço, dezasseis de outubro de dois mil e dezoito.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Daniela Afonso
SolicitadoraRua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 MelgaçoTelef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Turistas de Israel e Rússia escolhem Castro Laboreiro para férias

Solar do Alvarinho e Porta de Lamas de Mouro somam maior número de visitas

De acordo com os dados recolhidos pela Loja Interativa de Turismo de Melgaço, até Agosto de 2018, inclusive, o Solar do Alvarinho continua a liderar na lista de espaços públicos visitados do concelho. Esta que é uma das portas de entrada para o conhecimento da casta Alvarinho e dos vinhos que tem na área territorial de Monção e Melgaço o seu terroir somou 10 421 visitas.

A tendência crescente do número de visitantes assenta essencialmente no turismo nacional, embora os medidores locais para o sector, como é o caso do Observatório Turístico de Melgaço, registem uma tendência crescente do turismo internacional, segundo os inquéritos que o projecto promove junto dos visitantes, registados no relatório do ano transacto.

Nas contagens mais recentes de visitas, no período entre Ja-

neiro e Agosto de 2018, os restantes espaços museológicos e de informação geral do concelho registaram: Porta de Lamas de Mouro – 7 789; Torre de Menagem – 5 346; Museu de Cinema Jean Loup Passek – 2 582; Posto informativo de Castro Laboreiro – 2 396; Espaço Memória e Fronteira – 1 821 e Museu de Castro Laboreiro – 1 693.

Pela Loja Interativa de Turismo, no centro histórico da vila, passaram alguns destes turistas, igualmente oriundos de Portugal e de todo o Mundo: 1162 turistas nacionais e 1026 turistas internacionais.

A aposta turística do município, centrada na natureza e bem-estar, nos produtos locais e no desporto de natureza, visando colocar o município mais a Norte “numa posição de destaque de entre todos os sub-destinos do Porto e Norte de Portugal”, é já perceptível e reconhecida pelos agentes do sector, como notou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.

“Nota-se um crescimento na restauração e alojamento e essa percepção é objectiva porque se percebe e se vê, quem trabalha

na área tem essa noção de forma clara”, frisou o autarca em declarações ao jornal A Voz de Melgaço.

A “utilização intensiva” das casas de turismo rural das zonas de montanha, como Castro Laboreiro, são também importantes sinais de que novos públicos estão a chegar ao concelho, como notou Manoel Batista.

“Há uns anos, o público que tínhamos para o turismo em espaço rural era interno. Hoje temos turistas que vem da Alemanha, Inglaterra, Bélgica Israel, Rússia e Argentina, que escolhem Castro [Laboreiro] para férias”.

Sobre o aumento da visitação, acompanhando a tendência nacional nos últimos anos, Manoel Batista refere que o “sinal” positivo local poderá resultar da campanha nacional, mas também de algum ‘trabalho de casa’ feito pelo município.

“Não tenho dúvidas de que terá também a ver com aquela que foi a nossa definição estratégica, com a definição de marca e um conjunto de acções que fomos fazendo de promoção do território para públicos externos”, considerou Manoel Batista.

João Martinho



MELGAÇO



FESTA DO ESPUMANTE

23 > 25 NOV 2018

LARGO DO MERCADO

- > PROVAS DE ESPUMANTES
- > RESTAURANTES
- > PRODUTOS REGIONAIS
- > SHOWCOOKING
- > MÚSICA

SEX. 23 NOV 11:00 > 02:00 / SÁB. 24 NOV 12:00 > 02:00 / DOM. 25 NOV 12:00 > 18:00

ORGANIZAÇÃO



PRODUÇÃO



www.festadoespumante.pt

Misericórdia de Melgaço: Dívida de 750 000 Ex-provedor terá sugerido entrega do Solar e Q

Consultor na área de projectos de investimento e sócio em empresas de consultoria, contabilidade e imobiliária, Jorge Renato Vieira Ribeiro, de 47 anos, pai de 3 filhos, natural de Alvaredo, desenvolve a sua actividade essencialmente nos concelhos de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca (e tem já "alguns clientes e trabalhos em Melgaço"). Diz-nos que a função de provedor o obrigou a reorganizar a vida "de forma a disponibilizar o tempo que a instituição exigia". É ainda Deputado na Assembleia Municipal de Melgaço, pelo PSD, e frequenta o Mestrado em Economia Social, na Universidade do Minho.

Os quatro anos foram pautados por assinaláveis realizações, de que o provedor nos dá conta nesta entrevista.

A Voz de Melgaço (AVM) – Que balanço faz dos últimos quatro anos de provedoria?

Jorge Ribeiro (JR) – Quando, há cerca de quatro anos, me lançaram o desafio de liderar uma candidatura à Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, tentei inteirar-me da realidade da Instituição, antes de tomar uma decisão. Reuni com a Segurança Social, com a anterior Mesa Administrativa, ouvi a direção técnica e alguns colaboradores. Fiquei com a noção clara de que existiam problemas que urgia resolver, como era o caso do novo Lar em Eiró, cuja construção estava parada há muito tempo, por falta de pagamento ao construtor, ou do edifício do Lar Pereira de Sousa, que atingia níveis de degradação alarmantes, ou ainda a frota automóvel, completamente obsoleta. Devo no entanto confessar que fiquei bastante longe de perceber a real gravidade da situação a que a nossa Misericórdia havia chegado.

A título de exemplo, recordo bem a primeira reunião que tive com o construtor do novo lar. Estávamos em meados de Janeiro de 2015, havia tomado posse há cerca de duas semanas. Quando cheguei ao local combinado em Eiró, junto à obra, encontrei o construtor com uma outra pessoa a examinarem o Solar e a Quinta de Eiró. Quando tentei perceber o que faziam, disseram-me que estavam a avaliar aqueles bens, porque o anterior provedor havia sugerido a entrega dos mesmos para pagamento da dívida relativa à construção do novo Lar. A dívida à banca era superior a 750.000€, muita dela com taxas de juro superiores a 7%. As dívidas a fornecedores, incluindo as relativas ao Lar de Eiró, situava-se nos 500.000€. Era necessário encontrar uma instituição bancária interessada em negociar um financiamento de 1.200.000€ a taxas de juro aceitáveis.

Conforme referi, o Lar Pereira de Sousa, tinha atingido um estado de degradação assustador. Infiltrações, tubagens rebentadas, pisos envolventes a ceder. Algumas situações ameaçavam a segurança de utentes e colaboradores. Era evidente a falta de manutenção de que aquele edifício sofria há demasiados anos. A capela não reunia as condições mínimas de dignidade, permanentemente inundada e com as paredes interiores



cobertas de musgo.

O Centro de Atividades de Tempos Livres funcionava em condições não aceitáveis, nos fundos do edifício do Lar Pereira de Sousa. Além disso, a sua localização, junto ao cruzamento da Loja Nova, que, como sabe, é um dos locais com mais trânsito da Vila de Melgaço, trazia-nos em permanente sobressalto. Algumas das respostas sociais, tanto de idosos como para a infância, apresentavam uma ocupação muito abaixo da capacidade. É exemplo disso o Serviço de Apoio Domiciliário, o Centro de Atividades de Tempos Livres, que se encontravam a cerca de cinquenta por cento da sua capacidade.

As categorias profissionais dos recursos humanos estavam desajustadas e as pressões da Segurança Social e Autoridade para as Condições de Trabalho não demoraram. Os equipamentos informáticos eram inexistentes ou rudimentares, não existiam programas informáticos ao nível da gestão, dos recursos humanos, dos utentes. Não existia também nenhuma página da instituição na internet, rede social ou qualquer outra forma de comunicação com a comunidade.

A frota automóvel tinha atingido o limite há muito tempo. Veículos completamente degradados, que punham em causa a segurança dos ocupantes. Nenhuma viatura reunia as condições legais para o transporte de crianças, por já terem ultrapassado o limite de idade.

O edifício do antigo Hospital da Misericórdia encontrava-se encerrado e a apresentar sinais exteriores de degradação. Quando fomos visitar o interior, constatamos que, devido à entrada de água, havia caído uma parte do tecto, no primeiro andar e ao nível do rés-do-chão, o soalho tinha apodrecido. Obras de arte de inegável valor histórico e cultural, encontravam-se amontoadas num anexo, num estado de destruição que quase inviabilizava a sua recuperação. Assim como todo o espólio arquivístico, arrumado sem as condições mínimas e a deteriorar-se de dia para dia.

Toda a parte burocrática, quer ao nível do registo dos imóveis, quer ao nível de licenciamento estava por fazer ou mal feita. Cada vez que tentávamos apresentar um projeto ou uma candidatura para qualquer dos imóveis, chocávamos com esta realidade.

E estes são apenas alguns dos exemplos daquilo com que nos deparávamos. Ao fim de algumas semanas



percebemos que a situação era alarmante e iria exigir de nós, direção, um empenho e disponibilidade totais. De minha parte, enquanto provedor, vi-me obrigado a reorganizar a minha vida, de forma a disponibilizar o tempo que a Instituição exigia. Traçamos objectivos ambiciosos, para cada um dos anos do mandato. Não podia ser de outra forma. Além das situações graves a que urgia acudir, foi necessário traçar novos projetos, pensar a instituição em termos futuros.

Em jeito de balanço, estou certo que, graças ao empenho, ao espírito de união e cumplicidade que pautou a atuação desta Mesa Administrativa, demos uma resposta muito positiva, pese embora o muito que ainda há por fazer.

LAR DE EIRÓ "SÓ É VIÁVEL" COM 50 CAMAS

AVM – O que mudou nos últimos 4 anos, em termos de envolvimento da comunidade, dos Irmãos e em termos financeiros?

JR – A irmandade da Misericórdia de Melgaço era uma das maiores do distrito, em termos de número de irmãos. No entanto verificava-se que a grande maioria desses irmãos não tinham qualquer envolvimento ou participação no dia-a-dia da instituição. Definimos desde logo como prioridade abrir a Santa Casa à comunidade, contribuindo para que a população melgacense visse a instituição como sua. Um dos exemplos dessa abertura foi a escolha do nome para o novo lar. Lançamos o desafio ao agrupamento de escolas que desde logo se mostrou disponível e realizamos um concurso, em que todas as turmas participaram com sugestões de nomes. O nome escolhido foi "Cantinho dos Avós". A turma vencedora, que propôs aquele nome, recebeu um prémio e participou na cerimónia de inauguração.

A verdade é que desde sempre a comunidade deu uma resposta muito positiva aos apelos da Santa Casa. Realizamos algumas iniciativas de angariação de fundos e, além de uma grande participação da comunidade, os produtores locais sempre se mostraram disponíveis para apoiar, oferecendo os seus produtos ou patrocinando os eventos. Confesso que esta atitude da comunidade deu, em muitos momentos, o alento que precisávamos para continuar a trabalhar.

Outro exemplo, que não posso deixar de referir, é o projeto "Lado a Lado", cuja candidatura, com um orçamento de 123 000 € foi recentemente aprovada e que estará ao serviço da comunidade melgacense nas próximas semanas. Trata-se de um projeto inovador, que pretende trabalhar com a comunidade idosa de uma forma preventiva, retardando a necessidade de apoio das respostas tradicionais. Candidatamos esse projeto a uma medida que exigia investidores sociais que garantissem 30% do custo total do projeto. Dirigimos o apelo às empresas locais, que imediatamente responderam positivamente, às juntas de freguesia que, salvo algumas exceções, mostraram imediata disponibilidade para apoiar, na medida dos seus orçamentos e ao município, parceiro sempre presente, ao longo do mandato.

Do ponto de vista financeiro, a primeira grande batalha foi de facto a conclusão das obras, licenciamento e abertura do Lar de Eiró, entretanto batizado de Cantinho dos Avós, como já referi. Quando tomamos posse, uma das primeiras coisas que fizemos foi mandar cortar o mato e limpar o recinto envolvente do edifício. Temos que perceber que a construção havia sido iniciada havia cerca de sete anos e estava parada há muito tempo por, como disse, falta de pagamento ao construtor. Posso dizer que muita da maquinaria ali colocada, já não funcionava apesar de nunca ter sido utilizada.

Era comum ouvir-se dizer, entre a comunidade melgacense, que o novo Lar da Santa Casa nunca abriria. Cinco meses depois de termos tomado posse, tínhamos na mão a licença de utilização. No dia um de junho de 2015 o Cantinho dos Avós começou a receber os primeiros utentes.

AVM – A Santa Casa conseguiu sair da pressão financeira ou ainda tem de reforçar serviços para se sustentabilizar?

JR – Como referi, a dívida herdada por esta direcção foi de 1.200.000€. Praticamente o mesmo que a totalidade das receitas da Instituição em todo o ano de 2014. Desse valor, 750.000€ eram dívida a duas instituições bancárias, com taxas de juro completamente desajustadas, acima dos 7%, e que acarretavam pagamentos mensais superiores a 9.000€. Conseguimos negociar toda

a dívida, no valor de 1.200.000€, junto de um banco da nossa praça, com a taxa de juro na ordem dos 3%. Isto permitiu, com a nova diluição dos prazos e a diminuição da taxa de juro para menos de metade, pagar todas as dívidas da instituição e, ainda assim, ficar com um encargo mensal menor, abaixo dos 8.500€. A Instituição efetua pontualmente os pagamentos dos juros e amortização, e essa dívida já desceu para cerca de 1.000.000€.

Ainda assim, trata-se de um encargo demasiado pesado para a Instituição. Lutamos com problemas que tem a ver com opções claramente erradas por parte de anteriores direcções, com consequências negativas tremendas para a instituição, mas também sofremos com o preço a pagar pela interioridade.

Ao nível das opções de gestão erradas e nada alicerçadas, temos que referir a construção do Cantinho dos Avós. É para nós evidente que foi um erro. A Instituição gastou tudo o que tinha, endividou-se mais do que podia, para construir um equipamento que custou, pelo menos, mais 50% do que seria aceitável, acrescentando o facto de estar mal dimensionado. Na verdade, não foi feito nenhum estudo que mostrasse a viabilidade económica daquele equipamento. Hoje é para nós bem claro que as 30 camas ali existentes são insuficientes para garantir a sua sustentabilidade. Quer isto dizer que, além da situação de endividamento acarretada pela sua construção, temos ainda um défice de funcionamento considerável.

Percebe-se bem que, com muito menos investimento, dever-se-ia ter requalificado e ampliado o Lar Pereira de Sousa. A Instituição ofereceria à população a mesma resposta, com igual ou maior número de camas e garantidamente que a realidade financeira seria hoje outra, completamente distinta.

Não resta outra solução que não seja o aumento da capacidade do Cantinho dos Avós. Já entregamos a elaboração do projeto de arquitetura, e acreditamos que durante o próximo ano aquele equipamento deverá passar de 30 para 50 camas, tornando-se dessa forma, sustentável.

AVM – Não é de certa forma paradoxal que, ao mesmo tempo que a procura pelos serviços de apoio social, sobretudo para a terceira-idade, tende a aumentar, as Santas Casas passem por dificuldades financeiras?

JR – É verdade que as opções de gestão erradas são uma herança muito pesada, mas como lhe disse há pouco, pagamos também o elevado peso da interioridade. Lutamos com problemas que se prendem com a realidade do território e do concelho onde nos inserimos. Os valores dos apoios da Segurança Social são iguais em todo o país e as mensalidades pagas pelas famílias dependem dos seus rendimentos. Posso dizer-lhe que desenvolvi um estudo, que enviei para a União das Misericórdias Portuguesas, onde demonstro que uma Instituição com a dimensão da nossa, em Melgaço, tem metade das receitas de uma instituição exa-

euros à banca tinha juros "superiores" a 7% quinta de Eiró para pagar construção do novo lar

tamente igual situada em Lisboa, devido à diferença dos rendimentos da população. E demonstro também que os custos são superiores no nosso concelho.

Veja-se por exemplo a questão do Serviço de Apoio Domiciliário e da dispersão da população pelo território do concelho. Quando comparamos com cidades como Lisboa e Porto, verificamos que a nossa densidade populacional é 150 vezes inferior. Isto significa que por cada quilómetro percorrido nessas cidades para levar o serviço a casa das pessoas, em Melgaço temos que percorrer 150 quilómetros. E com metade do orçamento. Esta realidade está a levar as instituições das zonas mais despovoadas ao limite das suas capacidades. E quando se juntam erros de gestão como os que aqui refiro, são necessários autênticos milagres para continuar a servir as populações, sem abdicar da qualidade que hoje se exige.

AVM – O interesse em torno do apoio social, nomeadamente na forma como ele é prestado e na qualidade das infra-estruturas, tem aumentado? O que é que há 20 anos seria regular que hoje seria praticamente impensável?

Ao longo das últimas décadas Portugal, tem assistido a significativos progressos a todos os níveis. A sociedade é cada vez mais exigente e nas atividades do terceiro setor, como é o caso do apoio a idosos, não é diferente.

Veja o exemplo do Lar Pereira de Sousa, inaugurado em 1989 pelo então primeiro-ministro, Prof. Aníbal Cavaco Silva, como uma obra de referência, do que melhor havia no país, e a verdade é que hoje, volvidos menos de trinta anos, o equipamento não obedece a uma série de normas, ao nível das acessibilidades, por exemplo. Todo o interior do edifício terá que ser redimensionado, quer para permitir uma melhor e mais fácil circulação de utentes (em especial os que tem mobilidade mais condicionada), de colaboradores, familiares e visitas, quer para garantir melhores condições de segurança.

Graças a uma candidatura a fundos comunitários que vimos aprovada, fruto de uma parceria com uma empresa ligada à Universidade do Minho, iniciamos este mês de outubro a implementação de um sistema de gestão da qualidade, associado a uma plataforma informática, que permitirá melhorar e otimizar muito do que são as práticas hoje existentes. Trata-se de uma medida que irá ditar a mudança que se impõe, no futuro da Instituição. Um objetivo que traçamos no início do mandato, que vemos agora concretizar-se.

Importa também referir que a Santa Casa da Misericórdia, com 108 colaboradores, é o segundo maior empregador do concelho, depois do município. Posso dizer-lhe que no meio de todas as dificuldades com que nos deparamos, foi a qualidade da grande maioria desses colaboradores, que com o seu exemplo, nos deram força para continuar, dia após dia, a procurar fazer mais e melhor por aqueles que realmente importam

– os nossos utentes e as suas famílias. O esforço que também aqui é exigido às instituições, no tocante aos requisitos da composição das equipas técnicas, das mudanças ao nível das práticas diárias, são uma realidade e um desafio permanente que se impõe acompanhar.

AVM – Neste sentido, e apesar de terem sido inauguradas melhorias em instalações e serviços, tem dado nota de outras intervenções necessárias. O que é que ainda falta fazer e com que apoios pode contar?

JR – Ao longo deste mandato, ou seja, em menos de quatro anos, renovamos o parque informático existente e adquirimos programas e equipamentos para todas as respostas sociais. Criamos um domínio, página na internet e redes sociais. Aprovamos e submetemos à aprovação da Diocese e da Segurança Social, os novos Estatutos, de acordo com o que as recentes alterações legislativas impunham, assim como o necessário Regulamento Eleitoral. Atualizamos as bases de dados dos irmãos, permitindo-nos assim uma comunicação mais fácil e eficaz com toda a Irmandade. Refrescamos o brasão da Misericórdia e criamos logotipos diferenciados para cada uma das respostas. Celebramos um protocolo com o município que permite guardar o espólio da instituição nos arquivos existentes no edifício da Câmara Municipal, com todas as condições de conservação.

Revelamos a existência de um documento raro, que comprova a data da fundação da Misericórdia de Melgaço, em 12 de julho de 1517. Em face desta descoberta instituímos o 12 de julho como dia do colaborador e dia do aniversário da Misericórdia. Celebramos o 500º aniversário da instituição com toda a dignidade e notoriedade que o momento merecia. Recolhemos informação sobre estes cinco séculos de história, que vertemos em livro publicado e apresentado nas comemorações. Apresentamos uma magnífica tela, pintada e oferecida pelo mestre António Bessa, e o hino da Misericórdia, que é hoje cantado com alegria pelas nossas crianças.

Renegociamos a dívida existente, e fizemos também consultas ao mercado, que nos permitiram encontrar melhores condições junto dos fornecedores, de tal forma que o enorme aumento do número de utentes praticamente não se sentiu no valor global de compras.

Ao nível dos equipamentos, além da já referida abertura do Cantinho dos Avós, fizemos inúmeras e significativas intervenções no Lar Pereira de Sousa, requalificamos totalmente a capela, que inauguramos por altura das comemorações do 500º aniversário. Equipamos a creche com novo e moderno mobiliário e fizemos intervenções de conservação e reparação no edifício. Está em fase de análise uma candidatura a fundos comunitários para requalificação e modernização do edifício, mobiliários, espaços exteriores, num valor próximo dos 200.000€, a qual tudo indica que será aprovada

Com o apoio do município, recuperamos o edifício do antigo Hospital, construimos um novo e moderno CATL nas suas traseiras. Aquele bonito e simbólico edifício, que faz parte da história da Misericórdia, do concelho e da memória de muitos melgacenses, que encontramos encerrado e degradado há pouco mais de três anos, está hoje aberto e a servir a nossa população. Ali funciona a RLIS, o CATL e, em salas recuperadas e arrendadas para o efeito, uma academia de inglês e uma escola de música. Está hoje transformado num dos edifícios mais movimentados de Melgaço, por onde passam, diariamente, cerca de 150 crianças e muitos dos seus familiares.

Ajustamos as categorias profissionais dos nossos colaboradores e dotamos os nossos quadros de técnicos superiores, desde animadores, enfermeiros, assistentes sociais e outros, que nos permitem prestar mais e melhores serviços, assim como dar resposta às exigências da Segurança Social e da Autoridade para as Condições de Trabalho.

Procedemos a uma renovação da frota automóvel, com a aquisição de duas viaturas novas e duas usadas, além de intervenções em todas as outras. Efectuamos as rectificações dos registos do património imobiliário, que se encontravam completamente desfasados da realidade.

Ao longo deste período, o número de utentes aumentou enormemente. A título de exemplo temos o SAD ou o CATL, respostas onde a procura praticamente duplicou. Ao nível da terceira idade todas as respostas tem a totalidade das vagas preenchida, assim como na infância, onde iniciamos o presente ano letivo com a capacidade máxima, o que não se verificava há muitos anos.

Recuperamos o património histórico e cultural da instituição, como é o exemplo da Bandeira Real da Misericórdia, uma magnífica peça com cerca de 350 anos, que se encontrava num avançado estado de degradação, numa arrecadação da Igreja. Com o apoio da Santa Casa de Lisboa foi possível recuperá-la e no próximo dia 11 de Novembro regressará à Igreja da Misericórdia. Mas é claro que muito ainda está por fazer. Como referi, decorre a candidatura para a requalificação da Creche, que acreditamos venha a ter uma apoio de fundos comunitários na ordem dos 75% e que poderá ser uma realidade no início do próximo ano.

Atribuímos também grande importância à ampliação do Cantinho dos Avós. Essa obra reveste-se de extrema importância para a instituição, pelas questões de sustentabilidade financeira que expliquei.

Já o edifício do Lar Pereira de Sousa, necessita de uma intervenção de grande dimensão, que permita corrigir os inúmeros problemas que a estrutura do imóvel apresenta, assim como fazer as modificações que se impõem, para dar resposta às exigências legais atuais.

Nestes dois casos, esperamos que se confirmem notícias que dão nota da possibilidade de abrirem candidaturas para o efeito, dentro em breve.

Por fim não posso deixar de refe-

rir a ambição de ver o solar de Eiró recuperado. Não temos ainda definido o destino a dar àquele edifício, assim como à quinta que o rodeia. Poderá passar por uma resposta diferente, na área da terceira idade, associado a uma componente turística.

AVM – No que respeita a obras, a candidatura da Igreja da Misericórdia ao Fundo Rainha D. Leonor conseguiu por essa via parte do montante necessário para a intervenção, mas aquém do necessário para o orçamento total. A SCM conseguirá, dentro dos prazos estipulados, iniciar e cativar mais verbas para a recuperação?

JR – Com o apoio de diagnósticos efetuados por especialistas, verificamos que a Igreja da Misericórdia de Melgaço havia atingido um estado de degradação tal que, ou intervínhamos com urgência ou correr-se-ia o risco de grande parte do edifício se tornar irrecuperável.

Tínhamos conhecimento que estava a decorrer o período de candidatura ao fundo Rainha D. Leonor, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Em tempo recorde elaboramos o projeto e apresentamos a candidatura para a requalificação do edifício, exterior, interior, altares e recheio, o que orçava em cerca de 300.000€. Vimos a nossa candidatura ser classificada em primeiro lugar, a nível nacional, o que se traduz num apoio de 121.000€ a fundo perdido. O restante está a ser negociado com a banca através de um instrumento financeiro próprio para a regeneração urbana, para o qual contamos com o apoio do município. Dividimos a obra em duas fases, estando a decorrer o procedimento de contratação pública, para a primeira. Prevejo assinar o contrato de adjudicação no dia 11 de novembro de 2018, aquando da cerimónia de regresso da bandeira.

AVM – As Redes Locais de Intervenção Social (RLIS), tão contestadas desde a sua génese, serviram um novo propósito social, ou a sua intervenção ficou comprometida por alguma pressão política a que foram sujeitas?

JR – Não tenho a percepção de que as RLIS tenham sido assim tão contestadas. É verdade que em Melgaço se ouviram algumas vozes, inconsequentes, cujas motivações nada tinham a ver com o interesse das populações, nem com os objetivos do projeto.

A RLIS desempenha um papel importantíssimo no apoio aos casos de vulnerabilidade social. Rapidamente se assumiu como o maior serviço de atendimento e acompanhamento social do concelho, tendo por isso cumprido integralmente o seu propósito. Surgem num contexto em que os serviços locais da segurança social tinham extrema dificuldade, devido à falta de recursos humanos, de dar resposta e acompanhar a todas as situações no âmbito da ação social. A administração central lançou um apelo às instituições do terceiro setor, apresentando este projeto, financiado por fundos comunitários, por forma a suprir esse défice de resposta do Estado e a Misericórdia

de Melgaço, à semelhança de outras misericórdias e IPSS por todo o país, disse presente.

No entanto, as novas orientações políticas ditam que este e outros serviços, como é o caso dos CLDS e RSI, passem para as autarquias, desde que estas concordem com as condições das transferências. É um serviço que muito nos orgulha e enobrece, que se enquadra totalmente naquilo que são as obras da Misericórdia e que cumpriremos até ao fim com o mesmo empenho.

AVM – Que grande projecto gostaria de ver concretizado, a curto ou médio-prazo?

A atividade da Misericórdia de Melgaço tem o seu centro no edifício do Lar Pereira de Sousa. Além de aí funcionarem a ERPI, o Centro de Dia, a base do SAD, é também aí que se situam a provedoria, os serviços administrativos, os armazéns centrais. Trata-se de um edifício de grandes dimensões e importância, mas que acusa sobremaneira os cerca de 30 anos, sem a manutenção adequada.

Esta obra permitirá ainda redimensionar e dotar a cozinha e a lavandaria com condições que permitam satisfazer as necessidades de todas as respostas, em alternativa à situação atual, com três cozinhas e igual número de lavandarias. Com esta centralização conseguiremos uma redução de custos significativa, contribuindo assim para a necessária sustentabilidade da instituição.

Desde cedo catalogamos a resolução desta situação como prioritária e começamos desde logo a desenvolver o projeto de arquitetura, tendo percebido que seria necessário redimensionar e refazer toda a estrutura. Tal obriga a criar uma nova ala, com cerca de trinta quartos, que permitirá, depois de concluída, realojar utentes e, faseadamente, intervir no existente.

Como é fácil de perceber, trata-se de uma obra de envergadura considerável, com uma estimativa inicial de custos na ordem dos dois milhões de euros. Torna-se por isso inevitável encontrar uma fonte de financiamento vantajosa, que permita à instituição avançar. Como já referi, temos informações que a qualquer momento podem abrir candidaturas para o efeito, e nós estaremos preparados. Temos já o projeto de arquitetura aprovado pelas diversas entidades, nomeadamente município e Segurança Social. Acreditamos que este sonho se poderá vir a tornar realidade num espaço de tempo não muito grande.

Não posso também deixar de frisar a importância, em especial no que diz respeito à terceira idade, em que devemos apostar forte em novas e inovadoras respostas, como é o caso da "Lado a Lado" que brevemente arrancará.

No entanto, há um projeto ambicioso que, esse sim, norteia a nossa atuação, que desejamos ver concretizado dia após dia – sermos capazes de ir ao encontro das necessidades das famílias melgacenses, disponibilizando-lhes cada vez mais e melhores serviços, contribuindo assim para que tenham uma vida mais feliz.

Do Encerramento da Estação de Correios de Melgaço – O Processo

Encontra-se na ordem do dia a sucessão de manifestações públicas de revolta e as providências cautelares interpostas em combate ao encerramento de dezenas de estações de correio um pouco por todo o país (em número de 22, segundo foi dado a conhecer), tal facto tendo motivado, também, uma enérgica tomada de posição por parte da Associação Nacional dos Municípios Portugueses (ANMP).

No que ao concelho de Melgaço concerne, o que aconteceu foi o encerramento da Estação de Correios (EC), a sua transformação em Posto de Correios (PC) ou posto de atendimento, e a entrega da sua exploração, ou a contratualização do serviço, com um privado.

Quais, então, as diferenças mais significativas entre uma Estação de Correios e um Posto de Correios?

Por um lado quem opera um Posto de Correios não tem vínculo (seja jurídico ou funcional) com a empresa "CTT - Correios de Portugal, S.A.", ao contrário do que acontece com uma Estação de Correios. A diferença entre estes dois modelos é a de que as Estações pertencem aos CTT ("Correios, Telégrafos e Telefones"), enquanto os postos são atividade de correios ligados a parceiros, muitos deles juntas de freguesia e/ou pontos de comércio, pertença de um qualquer privado.

Por outro lado, num Posto de Correios não estão disponíveis serviços de uma Estação de Correios, mormente no que se reporta a operações e a produtos financeiros, os quais só podem ser efetuados nesta última.

Há que lembrar, também, que as estações de correios são uma rede separada da rede que acaba nos carteiros, sendo esta independente do que se passa nas Estações.

O processo de reorganização, reestruturação, e encerramento das Estações de Correios, tem, da parte dos CTT, o propósito da redução de custos e da consecução de poupanças, tendo na sua base, pois, critérios puramente economicistas.

Um dos principais rejeitos das populações com a implantação dos Postos de Correio, designadamente junto de pontos, zonas ou estabelecimentos de comércio privados, prende-se com a falta de garantias de segurança, qualidade e confidencialidade do serviço (temendo-se que a vida de cada cidadão, seja quanto à correspondência enviada ou recebida, ou quanto à simples pensão que recebe ou deixa de receber, passe a ser badalada na praça pública).

Outro dos pontos que há que assinalar é todo o *know how*, saber-fazer, experiência acumulada ao longo de dezenas e centenas de anos, que inevitavelmente se perde quando se entrega a atividade a alguém que inicia agora a exploração de um tal ramo de atividade, que se divisa da maior responsabilidade.

O serviço que é prestado pelos correios assume o carácter de serviço público essencial, revelando-se imprescindível, em particular para os mais idosos, quer porque se trata da franja da população que mais usa o correio postal (em contraponto com o correio eletrónico e as redes sociais), quer porque é por via das Estações de Correio que usualmente procedem ao pagamento de faturas e serviços, ao levantamento de abonos, reformas e demais pensões, assim como à aplicação de poupanças em instrumentos de aforro conser-

vadores, bem como por se tratar da camada da população com maiores dificuldades de deslocação.

Nas Estações de Correios presta-se um vastíssimo leque de serviços, que bem retratam a essencialidade e imprescindibilidade da sua existência, não só para as populações como também para as empresas, entre os quais o envio, receção e distribuição postal de correspondência, mormente por via de apartados, o envio, receção e distribuição de encomendas, os serviços financeiros (como é o caso da subscrição e resgate dos certificados de aforro, certificados do tesouro, planos poupança reforma, seguros, etc...), o serviço de pagamento de faturas ("PayShop"), o recebimento de abonos, reformas e pensões, entre os mais variados serviços de venda, inclusive de bilhetes para espetáculos, de livros, de louças, e de coleções.

Importa relembrar que aquando da privatização dos CTT foi assinado entre o Estado Português e os adquirentes da empresa um contrato programa ou contrato de concessão do serviço postal universal que prevê, além do mais, a obrigatoriedade da manutenção em serviço de, pelo menos, uma Estação de Correios em cada sede de concelho.

De facto, enquanto operador do serviço postal universal, os CTT estão obrigados a cumprir determinados objetivos de densidade da rede postal e de ofertas mínimas de serviços, incluindo períodos mínimos de funcionamento das Estações e Postos de Correio.

Esses objetivos são propostos pelos CTT e aprovados pela Autoridade Nacional de Comunicações (ANACOM), sendo fixados para períodos de três anos, tendo em consideração critérios como a densidade da população no território nacional, a distância entre os pontos de acesso ao serviço, a natureza urbana ou rural das zonas abrangidas e a evolução do tráfego e da procura.

A ANACOM monitoriza a atividade dos CTT, garantido que a empresa assegura a prestação do serviço postal universal em todo o território nacional e, bem assim, que cumpre os seus deveres.

Há cerca de um ano atrás o grupo parlamentar do PS considerava que os CTT são, para o país, "uma referência de soberania e de integração", mas recomendava ao Governo uma avaliação das responsabilidades contratuais subjacentes à concessão em vigor entre o Estado e os CTT.

Em termos político-ideológicos pode-se dizer que foi com um governo de direita que os CTT foram privatizados, mas importa também não esquecer, principalmente por aqueles que não se cansam de apontar tal passo como o da situação a que chegamos, que não foi com governos da direita, mas antes com o governo liderado pelo PS e pelo Eng.º José Sócrates que a Troika nos entrou pela porta adentro e que foi assinado o memorando de entendimento com os credores internacionais, memorando este que, consubstanciando o Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF), para além de todos os sacrifícios que aportou aos portugueses, exigia também a privatização, ao menos parcial, da empresa, tal o estado, lastimável, em que o Governo do Eng.º Sócrates deixou as contas públicas e os cofres da Nação, que já nem confiança aos credores externos para nos emprestarem dinheiro conferia, nem dinheiro disponível sobrando para pagar

salários, numa situação de autêntica "bancarota".

Verdade verdadeira é que o governo PS que se lhe seguiu e atualmente em funções também nada fez para reverter o estado de coisas subsequente à privatização, designadamente em ordem a promover o regresso dos CTT à esfera do Estado, ou ao controlo público do Estado (atendendo até à apregoada saúde das contas públicas no atual momento, enquanto condição basilar para se conseguir levar avante esta possibilidade de reversão do processo).

Já no que toca aos Municípios, sabemos que em Melgaço se passou uma situação verdadeiramente singular, apenas se tendo tido conhecimento público do encerramento da Estação de Correios já depois de consumado (até porque a Estação de Correios de Melgaço nem sequer estava prevista encerrar na reestruturação anunciada pelos CTT no início do corrente ano de 2018).

Custa-nos a acreditar que o senhor Presidente da Câmara, e demais executivos, não tenham levado ao conhecimento dos Órgãos Autárquicos, seja às reuniões da Câmara seja às Assembleias Municipais, nem tão pouco à população em geral, a iminência deste acontecimento.

E porque não acreditámos que o dito senhor Presidente não tivesse conhecimento, ou não estivesse a par, de tema tão importante para o presente e para o futuro do concelho e dos Melgacenses, perguntámos o porquê de tal silêncio, mais a mais quando se trata de agravar o despoamento e o isolamento do território, contrariando o princípio da coesão territorial.

Acaso o senhor Presidente da Câmara deve seja o que for à administração dos CTT para este "pacto de silêncio", de não-agressão, de não manifestação, ou de não oposição aberta ao encerramento da Estação de Correios?

Sendo certo que com este encerramento, e a sua transformação em Posto de Correios, os CTT estão a incumprir o contrato de concessão do serviço postal universal, concretamente o atualmente em vigor, do triénio 2018-2020 (argumento que levou a que os Tribunais Administrativos tivessem decretado muitas providências judiciais interpostas, visando impedir o encerramento), porque é que o senhor Presidente da Câmara de Melgaço não se veio insurgir contra esta medida? É por dever de lealdade para com os CTT? É por o atual Governo da Nação também ser da sua cor política? A atitude reivindicativa do senhor Presidente da Câmara de Melgaço (de que fez alarde em outros processos, como o do alargamento da produção de alvarinho a todos os concelhos da Região dos Vinhos Verdes) terminou com a entrada em funções do Governo da dita "geringonça", de António Costa e Companhia? Não considera o senhor Presidente da Câmara ser o serviço postal um serviço público essencial também para o Município de Melgaço e para os Melgacenses? Não entende ele, como tem apregoado noutros campos (como o da gestão da água), que devemos manter no território os serviços de qualidade?

Municípios e Comunidades Intermunicipais houve, pelo país fora, que chegaram ao ponto de instaurar, junto dos Tribunais Administrativos, providências cautelares visando impedir o encerramento das Estações de Correio, as quais foram julgadas procedentes ou às quais foi dado

provimento, impedindo tal encerramento (como ocorreu, por exemplo, com o Município de Vila Flor, em Trás-os-Montes, mas também com os de Aguiar da Beira, de Oliveira de Frades, de Aljustrel e de Penedono).

Outros enveredaram por manifestações de Rua demonstrando o descontentamento das populações e exercendo uma enorme pressão sobre os CTT, que acabou por dar os seus frutos.

A verdade é que nenhuma dessas possibilidades (manifestações públicas de descontentamento, ou providências cautelares) foram sequer possíveis no concreto caso de Melgaço, porquanto, quando a alteração se tornou do conhecimento público já a parceria com o privado estava assinada e a empresa, recentemente constituída para o efeito (o que será do desconhecimento da maioria da população) a exercer a atividade no edifício dos CTT.

No caso de Melgaço assistiu-se, pois, a um completo silêncio, e, tanto quanto se sabe, a uma estranha inação por parte de quem governa o Município.

O aparecimento de um privado que se disponibilizou para pegar na continuação da atividade parece ter sido, para o Executivo camarário PS (que apenas apareceu para dar os parabéns ao parceiro, e procurando tirar dividendos desta solução, sem que, todavia, tenha informado que intervenção teve – se é que teve alguma – na solução encontrada) um maná caído dos céus.

Tem-se o maior respeito, e até consideração pessoal, por quem está à frente da empresa ou grupo de empresas da "Ukubo", até por se tratar de gente da terra e que optou por investir em Melgaço, o que é de louvar (deixando-se de parte o facto de, tanto quanto se sabe, não terem sido consultadas outras empresas que porventura também pudessem estar interessadas na concessão do serviço, abertura de concurso, num serviço de tamanho interesse público, que a transparência aconselharia), mas a verdade é que existe uma preocupação que nos continua a assaltar: se o serviço é financeiramente deficitário, ou vier a dar prejuízo, tal parceiro privado continuará a assegurar a prestação do serviço ou optará, antes, por terminar com a parceria? Ou, para se tornar mais rentável, iremos ou não assistir, de ora em diante, a uma escalada dos preços como contrapartida da prestação do serviço, com prejuízo para o bolso de todos nós? É que não se conhece nenhuma empresa privada que vise outro desiderato com a atividade que presta aos seus clientes que não seja a da obtenção do lucro, e o contrário, ou seja, o contínuo atingimento de resultados negativos sabemos bem aonde conduz (inevitavelmente à declaração da sua insolvência, com a liquidação, ou o encerramento, da empresa).

Desconhecemos se o privado que ficou com o agora Posto dos Correios de Melgaço pediu realmente este presente no sapatinho (tenha-se por proveitoso ou envenenado), apenas nos questionado se a mesma, tal qualmente como sucede com muitos outros parceiros privados que entram agora nestas andanças, e tendo presente a sua génese e recente constituição, se encontra preparada, e vocacionada, para a prestação de um serviço de tamanha importância, complexidade e responsabilidade.

Esperemos que sim, para bem de todos nós, Melgacenses.

Mas importaria, de todo o modo,

se tivesse conhecimento dos parâmetros ou termos desta parceria celebrada entre a dita empresa "Ukubo" e a administração dos CTT, que permita tranquilizar a população Melgacense, designadamente no sentido de que o não encerramento total e definitivo do serviço não é uma solução a curto prazo, e que o serviço postal continuará a ser prestado, de ora em diante, baseado em critérios de rigor, de competência, de qualidade, de segurança, e de confidencialidade.

E, em boa verdade, não se compreende o porquê de aos Órgãos Autárquicos, e de à população de Melgaço, não terem sido dados a conhecer, por parte do senhor Presidente da Câmara (se é que realmente está a par do que aconteceu), os contornos de tal parceria.

Para além de se perderem serviços, como as operações e produtos financeiros (o que implica a deslocação de dezenas de quilómetros, até à Estação de Correios mais próxima, para todos aqueles que pretendam continuar a solicitar ou usufruir desse tipo de serviços), e de se desconhecer se há garantias da continuidade do serviço, sabe-se que o dia 26 de outubro de 2018 foi o último dia em que o fecho e a validação das contas foi efetuada pela Estação de Correios de Melgaço. Daqui em diante será centralizado na Estação de Correios de Monção. O senhor Presidente da Câmara também achará isto normal, benéfico, ou sequer sensato?

O atual executivo camarário, e o senhor Presidente da Câmara, neste caso, como em muitos outros (veja-se o caso do recente encerramento do balneário das Termas, depois do tão propalado, publicitado, e reiteradamente garantido, seu funcionamento durante todo o ano) não demonstra seja perfil, seja competência, seja peso político, para trabalhar afinadamente em prol da população que o elegeu, nem para se impor junto dos centros de decisão, em ordem a evitar que o concelho perca a dinâmica populacional e empresarial que já teve noutros tempos e o encerramento de empresas, de estabelecimentos comerciais, e de serviços, e a continua desertificação e fuga populacional para outras paragens. E isto mesmo quando se não cansa de apregoar que tem lutado para manter no território os serviços de qualidade. Também se estaria a referir à Estação de Correios?!

E será o atual governo PS da Nação, assim como o atual executivo camarário PS, que ficarão indelévelmente ligados ao encerramento da Estação de Correios de Melgaço, ou à sua transformação num simples Posto de Correios ou Posto de Atendimento, entregue a um particular, e sem garantias (pelo menos conhecidas) de que o serviço postal continuará por muitos e bons anos em Melgaço.

Permitimo-nos, finalmente, relembrar que concessionário do serviço postal universal são os CTT, não o privado que agora prosseguirá a exploração do novo Posto de Correios, o qual, previsivelmente, continuará a atividade apenas se e enquanto tal se lhe venha a revelar proveitoso, pelo que esta reestruturação não pode deixar de se conceber como a última fase, real e prática, do processo de privatização, com um desfecho que se desconhece mas que em nada nos permite ficar tranquilos.

P'los eleitos da Coligação "Prá Frente Melgaço",

O deputado municipal,
(José Albano Esteves Domingues)

ESDL abriu ano lectivo 2018/2019 com recorde de alunos

"Enorme procura" de habitação motiva autarquia a "fazer investimento" no sector



Com cerca de 350 alunos inscritos no momento da abertura do ano lectivo 2018/2019, a Escola Superior de Desporto e Lazer de Melgaço (ESDL), que integra a rede de escolas do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), estabeleceu um novo recorde.

Criada em 2011 e após ter estado a funcionar nas instalações do antigo Hospital da Misericórdia com cerca de 70 alunos, as instalações definitivas da ESDL, no Monte de Prado, reorganizaram a oferta formativa e funcional desta escola desde a sua inauguração, em 2013. Actualmente têm em funcionamento a licenciatura em Desporto e Lazer, os mestrados em Desporto de Natureza e Treino Desportivo – suspendendo no corrente ano lectivo o de Actividades de Fitness – e a pós-graduação em Desporto de Natureza.

A medida do Governo que permitiu reforçar as vagas no interior do país teve também efeito na ESDL, permitindo que alguns candidatos tivessem entrado nesta segunda chamada.

"Esta escola começou com 60 ou 70 alunos, hoje terá 360. É um bom crescimento, sinal de que se está a fazer um bom caminho, mas sobretudo o facto de a escola ser muito conhecida nacional e internacionalmente, palco de eventos de nível internacional pelo reconhecimento de trabalho científico que é feito aqui", notou a este jornal o presidente da Câmara Municipi-

pal de Melgaço, Manoel Batista, à altura da sessão de boas-vindas aos alunos, realizada no dia 17 de Setembro.

Enquanto entidade gestora da Carta Desportiva Nacional, a Escola Superior de Desporto e Lazer de Melgaço assume também uma centralidade e influência desportiva, em parceria com o Instituto Português do Desporto e da Juventude, entidade administradora deste sistema de suporte a toda a comunidade desportiva.

"Não temos dúvidas nenhuma de que temos condições naturais e somos um município com condições de excelência para os desportos de natureza e para o desporto em si e esse pensamento estratégico foi desenvolvido por esta autarquia, com o complexo

desportivo do Centro de Estágios de Melgaço como equipamento básico fundamental para a prática do desporto", notou o autarca, anunciando para breve novas intervenções no terreno, nomeadamente a reconversão de trilhos pedonais e a criação de uma ecovia que ligará o centro da vila às Termas de Melgaço, onde recentemente foi instalado um espaço com equipamentos desportivos ao ar livre.

"Este espaço será procurado pelas pessoas que nos visitam, mas muito utilizado por esta escola que já viu que ali tem condições para realizar uma prática de desporto complementar à que faz no Centro de Estágios", perspectivou.

Sobre o impacto social e económico desta escola superior na comunidade melgacense, Manoel

Batista diz que esta influência "não acontece de forma imediata", mas já se faz sentir em alguns sectores. "Sobretudo na área da habitação já há uma enorme procura e aí também queremos ver se conseguimos fazer mais investimento para criar condições para receber os alunos".

"Acredito que este ano se possam criar condições para que esse impacto seja maior, se note e traga maior dinamismo para os comerciantes e para a noite em Melgaço, mas o desafio não é só para os alunos estarem disponíveis para isso, é também para aqueles que estão na área da noite serem mais criativos e sabê-los cativar".

Transportes: Mini-bus não cativou, é tempo de "Bira"

Para colmatar a necessidade de transporte de alunos entre escolas e entre o centro da vila e a ESDL, chegou a estabelecer-se um horário para um pequeno autocarro circular entre pontos estratégicos, mas a experiência "não funcionou". As bicicletas eléctricas "Bira IPVC" são o novo projecto comum das escolas do politécnico de Viana do Castelo para a mobilidade de estudantes e professores que optem por

esta solução "amiga do ambiente".

"[O minibus] foi uma pequena experiência que não funcionou. Na altura não se justificou, não significa que no futuro não se volte a colocar a hipótese, mas para já optou-se por esta solução mais saudável e amiga do ambiente", considerou o autarca.

A entrega de 200 bicicletas (160 eléctricas e 40 convencionais), a distribuir pelas seis escolas IPVC no âmbito do projecto U-Bike, decorreu no dia 19 de Outubro em Viana do Castelo. As "Bira IPVC" prometem tornar o percurso entre a instituição de ensino e a comunidade local mais fáceis.

Luís Paulo Rodrigues: "Estamos a crescer com qualidade"

"Estamos a consolidar os nossos cursos e a forma como a nossa escola se encontra sediada no meio e no panorama nacional e internacional, que é importante", realçou o director da Escola Superior de Desporto e Lazer.

Ponto de encontro e discussão de vários estudos na área do desporto, a ESDL tem reunido especialistas de todo o mundo e desses congressos tem resultado publicações que determinam bases do que poderão ser as novas directrizes para o desporto de natureza, desporto escolar, entre outras.

"O crescimento tem de ser de forma que nos permita crescer com qualidade", considerou Luís Paulo Rodrigues, destacando a numerosa lista de projectos para os quais a escola é convidada a participar. "Não temos tido mãos a medir com a quantidade de projectos para os quais temos sido solicitados", revelou.

João Martinho



VIVEIROS VITÍCOLAS
ANA M. MARTINS BENJAMIM LEITÃO

O sucesso da sua vinha tem aqui as suas raízes!

Enxertos prontos para instalar a sua vinha

Exmo(a) Senhor(a) Viticultor(a)

Nós somos uma empresa familiar, localizada na freguesia do Pó, concelho do Bombarral, "capital do viveirismo vitícola português", que se dedica à produção e comercialização de enxertos prontos e outros materiais de propagação da videira.

Rua do Figueiredo, 5
2540-512 PÓ
PORTUGAL

Rua José Bernardo, 7
2540-515 PÓ PORTUGAL



Tel. / Fax +351 262 969 487

Telm. +351 967 397 032 - +351 914 782 357

viveiros.anabjamimleitao@gmail.com

m.me/viveirosanabjamimleitao



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

VALE DO MINHO | Arquitetura



“Uma casa é o riso e as vozes das crianças que a habitam. Uma casa é onde o sorriso amigo dos nossos pais permanece sempre à nossa espera, de cada vez que chegamos. Uma casa é uma gargalhada, ou as vozes e o sorriso dos amigos. Procuramos uma casa que exista em todo o lado, sem tectos nem paredes. Nem alicerces. Nem portas fechadas.

Uma casa é um abraço: o maravilhoso aroma da pessoa amada, a sua acolhedora temperatura, a comovente suavidade e doçura dos seus contornos, a sua pele, a sua voz, o seu olhar que nos envolve. O seu sorriso, que sempre reconhecemos. A sua mão no interior da nossa mão quando passeamos os dois. Esta é a casa mais eterna e a mais precária, a única que esperará sempre por nós.

Nenhuma casa vem ter contigo. Para chegares a uma casa tens de caminhar, tens de procurar. Po-

des conseguir encontrá-la no tempo da tua vida. Ou não.

José Manuel das Neves, in “Belém Lima- 12 regards”, 2011

A ARQUITETURA E A RELAÇÃO COM A PAISAGEM

Assim sublinha Sophia de Mello Breyner: “A arte é sempre a expressão duma relação do homem com o mundo que o rodeia. A arquitetura é especificamente a expressão duma relação justa com a paisagem e com o mundo geral.

De todas as artes a arquitetura é simultaneamente a mais abstrata e a mais ligada á vida.

Aqueles que não a amam nem o espaço, nem a sombra, nem a luz, nem o cimento, nem as pedras, nem a cal, nem o próximo, não poderão criar boa arquitetura”.

O escritor Umberto Eco susten-

ta que “ a arquitetura é entre todas as artes aquela que mais ousadamente procura reproduzir no seu ritmo a ordem do universo”.

Adolfo Loos, arquiteto (1898), referindo-se ao granito regista com certa paixão: “O granito requer grande trabalho para o arrancar na montanha, grande trabalho para o transportar ao seu destino, trabalho para lhe dar uma forma correta, trabalho para lhe conceder um aspeto agradável mediante o desbaste e o lavrado.

E diante dum muro de granito polido, nosso coração experimentará um respeitoso estremecimento. Diante do material? Não, perante o trabalho.”

Lancemos os olhares pelo território do Alto Minho e sigamos os caminhos decalcados pelos pinches, pedreiros, montadores, lavristas canteiros e escultores. Recordemos os mestres do nosso imaginário, e na diversidade, surgem

os notáveis das famílias “Mateus “e “Limas” entre outros.

No tecido histórico-cultural minhoto estão registados agricultores, pescadores e artistas, sinalizados nas terras da ribeira e montanha, do litoral e interior, fazendo parte da nossa memória coletiva.

A ARTE, A OBRA E O ARTISTA

“ O principal objetivo da História da Arte é ler e analisar a obra de arte, interpretando a sua composição formal, o seu tema e os significados nela patentes,

Designamos este trabalho pela caracterização morfológica (propriedades dos traços e das formas que a constituem), caracterização técnica (determinação dos processos, dos materiais e dos instrumentos utilizados na sua concepção, caracterização iconográfica

(descrição e análise dos assuntos, temas e motivos representados) e interpretação iconológica (análise dos significados simbólicos e alegóricos das imagens representadas).

Mas, para o estudo efectivo da obra, devemos investigar a sua história (o autor, a data e o lugar de execução e tentar enquadrá-la no contexto histórico político, social e cultural em que foi produzida.

Em suma, trata-se de situar a obra no seu tempo e no seu espaço.

Finalmente, é importante não esquecer que todas as obras de arte resultam de uma determinada tradição artística...

...A compreensão da arte pressupõe uma disponibilidade para olhar, ver e contemplar. Porque ver uma obra de arte é um acto de contemplação,” afirma Paulo Simões Nunes, – historiador da arte.

MEMORIAL DA CASA

Chaviães foi terra reguenga, tendo D.Afonso Henriques anexado a povoação à vila melgacense, como consta no foral de 1.183: “ A vós dou e concedo com os seus termos e lugares, a metade indivisa de Caviães por onde a puderdes encontrar ou reclamar.”

O território chavianense estende-se desde a corga de São Rosendo ao cruzeiro de Nossa Senhora da Orada, e do rio Minho ao alto do Monte Cótaro. A paisagem cultural galaico-minhota abrange a zona raiana, o conjunto montanhoso da Caniça e a mancha ribeirinha, a terra da Inês Negra.



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



TRANQUILIDADE



ZURICH

Rural e Batelas de Passagem



O românico da Ribeira Minho tem como primeiro exemplar a Igreja Paroquial de Chaviães do século XII/XIII, dedicada a Santa Maria Madalena

Sem dúvida, a freguesia implantada na margem esquerda do rio Minho é um espaço territorial de "Memória e Fronteira" possuindo marcas antropológicas que vão desde as pesqueiras da lampreia às atividades agrícolas e vinícolas.

Da arquitetura devemos referenciar a Casa Paroquial e a Capela de Nossa Senhora do Encarnação, em Gondufe, datadas de 1.708.

Merece referência, ainda, a histórica Capela da Quinta, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Nos sítios da Bouça e do Louridal circulavam as barcas de passagem para terras galegas.

As vias que atravessam esta povoação levam-nos à fronteira de São Gregório, onde no século XVIII/XIX existiam "armazéns de sal, aos quais se vem prover todos os povos do bispado de Orense", de acordo com Custódio José Gomes de Vilas Boas, na "Descri-

ção Topographica das Comarcas Fronteiras da Província do Minho".

A casa rural do lugar do Escuredo data do século XVIII e foi pertença do família Manuel Maria Esteves e Rosa Miquelina Marques que tiveram uma prole de onze filhos.

Era um casal abastado, pois possuía riqueza fundiária considerável, como testemunham as propriedades legadas aos descendentes e a oralidade regista. Devido ao humanitarismo para com os humildes, atribuíram-lhe o apelido "Praça Cheia".

A arquitetura tradicional é reveladora do modo de viver baseado numa economia rural, com destaque no cultivo de cereal "milho e centeio", a cultura da vinha e ainda pela criação de gado bovino.

MOROUÇO DA CASA

Se consultarmos um dicionário ou uma obra de arquitetura tradicional encontramos o significado do termo linguístico "Morouço".

Assim, podemos ler: "Montão, rima, montículo, monte de pedras".

A palavra "MOROUÇO", consagrada na sabedoria popular, exprime a construção volumosa formada com pedras e localizada na loja de uma casa rural, "onde geralmente se localizava a adega ou a corte dos animais", para apoiar a grande laje na divisão de cima que servia de lareira, (o coração da casa no Antigo Regime, e onde se fazia o fogo do lar para cozinhar os alimentos ou acender a fogueira para as pessoas se aquecerem.

A cozinha, no Ocidente, funcionou como espaço da casa onde se permanecia mais tempo em convívio familiar, o local onde se recebiam os vizinhos, os peregrinos, os moicanos ou visitantes que chegavam de longes terras e onde se cumpriam os rituais da dádiva.

Na cozinha nascia-se no arquibanco (tiobanco), tomavam-se as refeições, ouviam-se as histórias da família num verdadeiro culto pelos antepassados, para além de se fiar o linho ou a lã com a roca e o fuso.

O serão era prolongado com divagações da vida aldeã, onde constavam os falatórios e as festas cíclicas. Relatava-se quem vai casar, quem faleceu, quem partiu para longes terras e também quem chegou. O serão demorado também contemplava o que diz o Sr. Abade, o que ordenou regeador e ensinou o professor.

Junto do grande pote de ferro de três pernas olhava-se o fumeiro, faziam-se os negócios, comentavam-se os preços dos cereais, do vinho e do gado, e orientavam-se os trabalhos agrícolas do ciclo anual. Ainda na divisão da cozinha rezava-se o rosário, devoção secular e consistente da piedade popular.

As pedras enegrecidas pelo fumo testemunham lições bonitas de educação, onde os valores do respeito e da honradez eram assinalados, bem como se transmitia o catecismo cristão no contexto da família extensa e da tradição.

E antes de ir para o descanso noturno, pedia-se a benção: "a sua benção minha mãe, a sua benção meu pai".

É de recordar que no antigo regime a constituição de uma família

traduzia-se na expressão "comer da mesma panela, aquecer-se ao mesmo lume e dormir juntos é casamento, contanto que passe pela igreja. Deste modo refere François Lebrun na sua obra "A vida Conjugal no Antigo Regime".

FLANDRIN E OS SERÕES

O antropólogo referido aludindo aos serões escreve: "No inverno, quando os serões são mais longos no campo, pois na cidade o tempo é sempre o mesmo, após a leitura e a lição de catecismo, o pai de família contava histórias, quer antigas quer modernas; incluía nelas a propósito as frases mais belas dos antigos. Era o divertimento. A ânsia por estes relatos instrutivos era imensa, e como cada um podia rir e fazer as suas observações, era um gozo delicioso para camponeses e crianças que nunca tinham conhecido nada mais agradável".

BATELAS DE PASSAGEM

Na passagem à outra margem, de Chaviães para as aldeias galegas, utilizavam-se as barcaças, as barcas e as denominadas batelas. Assim, as barcas registadas em 27 de novembro de 1767 eram três: uma pertencente a diferentes indivíduos todos residentes na Galiza, com posse imemorial tendo rendimento anual de seis mil reis, sendo rendimento para os seus donos, considerada ponto de comunicação do concelho e pagava de foro à Câmara trezentos reis; outra barca pertencia a Manuel Joaquim Salvador e outras da Vila de Melgaço, tendo como rendimento anual 40 mil reis, pagando à Câmara o foro de quatrocentos reis; uma terceira barca, também de posse imemorial, era propriedade de Caetano e Maria de Abreu Mosqueira, de melgaço e mais quatro, também com rendimentos de quarenta mil reis, sendo também ponto de comunicação do concelho e pagando de foro à Câmara duzentos reis.

Sabemos, através do "regulamento de la fronteira de Portugal" pertencente ao Arquivo Histórico

da Província de Orense datado de vinte e seis de agosto de 1807, que nesta data funcionavam a dorna da bouça Chaviães ou Albeos e a dorna do Louridal, também de Chaviães ou Sequelinhos (povoação galega).

Ainda há poucos anos funcionavam as denominadas batelas que serviam para atravessar o rio Minho por motivos comerciais, devido ao contrabando, para ir às romarias, ou mandar fazer umas botas ou sandálias no sapateiro galego (bô artista no ofício).

Ainda recordada a conhecida Tia Lina da Bouça, da freguesia de Chaviães que passou muita gente para a outra banda dando às palas, vencendo a travessia contra a corrente, por vezes impetuosa.

A tia Idalina Rodrigues nascida em 11 de novembro de 1911 era muito conhecida e ainda hoje é recordada como uma figura amiga para com todos.

"Eh miguinho!" Era a expressão que pronunciava repetidamente como sinal de carinho a quem a visitava. Faleceu com 93 anos. A nossa homenagem à Sra da Barca da Fronteira.

BIBLIOGRAFIA

Arquitetura Popular em Portugal – Sindicato Nacional de Arquitetos, 1961.

ARIÉS, Philippe, Duby, Georges - História da vida privada (4), Porto, Edições Afrontamento, 1990.

Diálogo de Edificação, Crat, Porto, 1998.

DIAS, Jorge – Vilarinho das Furnas, uma aldeia comunitária, Lisboa, imprensa Nacional, 1984.

FLANDRIN, Jean-Louis – Famílias, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

FEIJÓ, Rui Graça - Liberalismo e transformação social, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1992.

MOUTINHO, Mário - Arquitetura popular em Portugal, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira e outros - Construções Primitivas em Portugal, Lisboa, Don Quixote, 1969.

FORAL DE MELGAÇO ABERTOS AO ALMOÇO

O restaurante Foral de Melgaço do Monte Prado Minho Hotel & Spa está desde dia 08 de outubro aberto à hora de almoço. O restaurante já funcionava à hora do jantar com a sugestão do chefe e a Carta e passou a partir de agora a ter um menu executivo que inclui: entrada, prato principal, sobremesa, uma bebida e café, pelo **valor de 14€ por pessoa**. Tem opção de pratos de carne, peixe e vegetariano. O restaurante está aberto para visitantes e hóspedes, entre as 12:30h e as 14:30h, todos os dias.

Para além do restaurante, o hotel dispõe do River Spa que têm piscina interior com jatos de água, jacuzzi e tratamentos de massagens, o Lounge Bar com zona de jogos e um terraço com vista panorâmica sobre as montanhas.



Seminário de Nossa Senhora da Conceição agraciado pelo Presidente da República

"... Somos antigos alunos que agradecem!..."



Atual Reitor do Seminário, Padre Mário, recebendo a medalha



Grupo de Antigos Alunos presentes na sessão

"Recordar o passado com gratidão
Viver o presente com paixão
Olhar o futuro com esperança"
(Mons. Fernando Caldas)

Prof. M. Domingos C. Silva
Antigo aluno Seminário

"Uma casa de portas abertas, para dar e receber, para acolher e enviar, para se entregar à grandeza da reciprocidade de vivências que se entrelaçam e de experiências que se cruzam e mutuamente se engrandecem, para realizar a beleza de ser e de se afirmar na abertura e na doação ao outro..." Assim se expressam os Serviços da Presidência da República a propósito da condecoração (Ordem da Instrução Pública – membro honorário da mesma Ordem) com que sua Excelência o Senhor Presidente da República Portuguesa Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa agraciou o Seminário de Nossa Senhora da Conceição de Braga. E continuam "...uma casa de portas abertas para formar e instruir, abrindo novos e ousados horizontes na vida daqueles que por ela passam..."

No âmbito das Celebrações dos noventa anos de vida do Seminário e no vasto programa, entretanto gizado e concretizado, sob o lema acima enunciado (citando Mons. Fernando Caldas, à altura, reitor do Colégio Português de Roma) pela Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga em

parceria e conjugação de esforços com a Direção do mesmo Seminário foi entendido pela Direção da ASSASB apresentar à Presidência da República competente proposta de atribuição duma condecoração. Se bem o pensaram, melhor o concretizaram, com total anuência e empenho por parte do Senhor Arcebispo Primaz D^o Jorge da Costa Ortiga como outrossim da Direção do Seminário. Após profunda, aturada e riquíssima investigação (convém aqui abrir este parêntesis: "estamos em presença do mais antigo Seminário Menor a nível mundial" como consequência dos decretos tridentinos, ou seja, emanados do Concílio de Trento, que instituiu os Seminários Maiores e Menores para a formação dos futuros sacerdotes nas diferentes dioceses. Foi seu grande mentor e defensor o incontornável arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires cujo processo de canonização se encontra já na parte final nos competentes "serviços da causa dos santos" da Santa Sé. O já Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires criou os Seminários conciliares com o objetivo de providenciar à preparação e formação dos candidatos ao Sacerdócio ordenado, cabendo, na década de 20 do século passado, ao então arcebispo primaz de Braga, D-Manuel Vieira de Matos a criação do Seminário menor sob proteção

de Nossa Senhora da Conceição, (inaugurado em 14 de Novembro de 1924), sucedâneo do Colégio (Seminário...) de S. António e São Luis de Gonzaga, este criado no último quartel do séc. XIX por Mons. Fernandes Lopes. A cerimónia da condecoração decorreu, em ação conjunta com outras demais instituições igualmente agraciadas com a mesma comenda e grau por feitos e ações assinaláveis em diversos campos e setores da sociedade civil e religiosa, no Palácio de Belém, em Lisboa, contando com a presença, de elementos da direção do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, encabeçada pelo seu Reitor, Pe.. Dr. Mário Martins, que recebeu as insígnias das mãos do chefe da nação, e de uma delegação da Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga, liderada pelo seu presidente, Dr. José Maria Lima da Cruz.

Parafrazeando o anterior diretor do seminário, Cónego Avelino Amorim, ele também ilustre e insigne antigo aluno do Seminário "o contributo do Seminário à Igreja e à sociedade também deve ficar bem vin cado. Aquela, porque sabe que quase todos os seus ministros ordenados e muitos dos seus mais próximos colaboradores aqui iniciaram a sua formação; a esta porque encontra em todos os seus quadros e âmbitos profissionais pessoas dedicadas, a quem o Seminário ofereceu a oportunidade de formação humana, intelectual e espiritual que os preparou para um serviço exemplar. A importância e papel de charneira do Seminário de Nossa Senhora da Conceição pode avaliar-se entre muitos outros parâmetros pelos quadros seguintes.

Total de alunos	8.162
Sacerdotes ordenados	1.500
Bispos ordenados	12
Cardeais instituídos	02
Núncios apostólicos, reitores do Colégio Português de Roma e Juizes da Rota Romana	04
Total de alunos oriundos da atual arquidiocese de Braga	5.843
Alunos oriundos da atual diocese de Viana do Castelo	.1870
Extradiocesanos	449
TOTAL DE ALUNOS	8.162

Perante os dados acima enunciados refere a presidência da República que "diante desta condecoração convém, antes de mais, elucidar sobre a real origem que abre caminho à extraordinária história dos Seminários Arquidiocesa-



Presidente Marcelo cumprimenta representantes das instituições distinguidas

nos de Braga" e do seu inestimável contributo à Igreja e à sociedade civil em geral. Duas questões fundamentais se nos colocam:

O extraordinário contributo à Igreja

O Incomensurável trabalho, empenhamento e dedicação à "res publica"

Em ambas as situações cidadãos que, na sua vida e prática do dia-a-dia, se afirmam fiéis ao velho e sempre atual princípio de "cultivar a exigência da qualidade na formação para garantir a excelência na ação"

Um ligeiro mas oportuno comentário se nos coloca, qual é: que seria este país sem o contributo dos mais de sete mil cidadãos que a diferentes níveis promovem o seu desenvolvimento no exercício das mais diversas profissões e áreas da sociedade portuguesa, não fora o contributo formativo do Seminário? É certo, nos termos da doutrina que enforma a sua constituição e prática formativa, não ser sua missão exclusiva formar sacerdotes, antes porém, formar Homens, muitos dos quais, após um longo e amadurecido período de discernimento vocacional, acabaram por vir a ser ordenados sacerdotes (1.500); outros (7.500), porém, e em igual período, por expressa e livre vontade ou para tal aconselhados vieram a integrar a sociedade civil portuguesa servindo-a nos mais variados aspetos e setores, numa gama multifacetada de funções e serviços de que se destacam, entre outros, a área da educação, ciências puras, desenvolvimento social, as artes e outros serviços em que a prática e vivência da comunidade portuguesa se afirma e sustenta toda a sua atividade: magistrados do ministério público, juizes (supremo, das relações, cíveis e do trabalho), juristas, professores dos diferentes graus e níveis de ensino (do básico ao universitá-

rio e da investigação), arquitetura e diferentes ramos da engenharia, serviço social (da sociedade civil e até mesmo da Igreja, ao serviço das Instituições Particulares de Solidariedade Social), eurodeputados e deputados da República Portuguesa, membros do Governo e das autarquias locais, etc. Neste sentido o Seminário é credor da sociedade civil no que à formação dos alunos do Seminário diz respeito, porquanto e em contraposição com os seus congéneres da sociedade civil, o Estado português não gastou um cêntimo que fosse na formação daqueles (expensas e encargos suportados pela Igreja e pelas famílias), agora ao serviço da comunidade em geral. De facto o Seminário de Nossa Senhora da Conceição, instruiu, formou e educou milhares de jovens como provam os dados estatísticos e históricos em arquivo nos serviços do mesmo Seminário para memória futura. Em abono da verdade a presente distinção não é apenas merecida como peca por tardia.

Em jeito e à guisa de conclusão e parafrazeando o Pe. Adolfo Nicolás, superior geral dos jesuítas "o nosso maior perigo é a globalização do superficial".

E a terminar, um desabafo e desafio.

"TEMOS DESENVOLVIDO MUITO O INTELLECTO, MAS SOMOS ANALFABETOS NO CORAÇÃO (diga-se, com a propósito, NA GRATIDÃO)

Em final do ano pastoral, na diocese de Viana do Castelo, em que vivenciamos a GRATIDÃO como pedra de toque de toda a dinâmica pastoral somos antigos alunos do seminário que agradecem o investimento da Igreja na sua formação humana, intelectual e espiritual porquanto "as instituições são realidades abstratas que se reveem nas pessoas que as servem"

A Pera Abacate abate o colesterol

O abacateiro (*Persea americana*) é uma planta de origem na América Central, mais precisamente da região entre o Peru e o México. Existem registos de cultivo que datam de há 10 mil anos.

O abacateiro é uma árvore de porte médio a alto, variando de 7 a 20 metros, com folhas verdes escuras, simples, flores pequenas, amareladas e perfumadas. O fruto é em formato de pera, com polpa carnosa verde amarelada, podendo chegar até 1 kg, contendo uma única e grande semente. A variedade com tamanho menor, com casca mais rugosa é chamada de avocado e preferido pelos chefes de culinária. Apesar de ser uma planta de clima tropical, é sensível ao sol direto. Por isso, o seu cultivo é feito em áreas de sombra, em terrenos permeáveis profundos e adubados. A plantação deve ser feita, preferencialmente, no início das estações chuvosas e frutifica o ano inteiro.

O seu fruto, o abacate ou pera abacate, é rico em gorduras monoinsaturadas, que reduzem o colesterol. A sua riqueza em gorduras monoinsaturadas torna-se na principal vantagem do seu consumo. Recomenda-se a sua integração na dieta de indivíduos com distúrbios cardiovasculares. É o ser rico em ácidos gordos monoinsaturados, o motivo pelo qual protege a saúde cardiovascular, por proporcionar

diminuição na concentração de lipoproteínas de baixa densidade (LDL colesterol, o mau colesterol) e um aumento na concentração de lipoproteínas de alta densidade (HDL colesterol, o bom colesterol). O ser rico em gorduras, a princípio, essa pode parecer uma característica má e, por isso, diversas pessoas evitam o seu consumo e excluem o abacate da lista da fruta permitida numa dieta, apenas pela fama criada sobre o seu alto valor calórico, abrindo mão aos diversos benefícios do abacate para a saúde e boa forma.

Em suma, os lipídeos presentes no abacate são muito saudáveis e pode ser uma ótima opção na estruturação de uma dieta balanceada. Apesar de ser uma fruta calórica, não devemos deixar que isso nos impeça de a incluir na nossa alimentação porque ao consumi-la, com regularidade, conseguimos reduzir o risco de doenças cardiovasculares, segundo a American Heart Association. Este fruto auxilia na absorção de licopeno e betacaroteno, pois os carotenoides são solúveis na gordura que o abacate pode oferecer. É também rico em potássio e magnésio (1 abacate tem mais magnésio do que a maioria das frutas, incluindo a banana) e em vitamina E, um poderoso antioxidante.

Melhora o trânsito intestinal e promove a saciedade.



O seu amadurecimento acelera se o abacate for armazenado juntamente com outros frutos que libertem gás etileno durante o processo de amadurecimento, como por exemplo as bananas. De acordo com a medicina popular nas regiões que têm abacate, o uso do caroço para fazer chá, fervendo-o durante 10 minutos, para retirar os princípios ativos pode trazer várias vantagens para a saúde: regula a circulação sanguínea, reduz o colesterol (LDL), estabiliza a pressão arterial, combate a colite nervosa, melhora o aspeto da pele, previne doenças cardíacas e possui ação antioxidante, entre outras.

Já o **chá das folhas do abacateiro** ganha fama por agir como diurético, na eliminação de parasitas intestinais e no combate à fadiga. O chá de folhas desta planta regula as funções intestinais e estimula o organismo a libertar energia, elevando o nível energético. Durante a Tensão pré-menstrual, a temida TPM, o chá também é um aliado, diminuindo as dores das cólicas e evitando significativamente as alterações de humor.

Teresa Tábuas

59.º ARTIGO

Produtos de limpeza feitos em casa

A maioria dos produtos de limpeza é fabricada com substâncias derivadas de petroquímicos, uma das maiores fontes de poluição das águas e da atmosfera. Os líquidos coloridos e perfumados escondem vários componentes nocivos e, cada dia, são mais os lançados no mercado. Por que não utilizar soluções mais naturais e económicas? Produza os seus próprios detergentes e:

- Tente limitar o seu uso e, sobretudo, não exagere nas doses.
- Escolha-os com baixo teor de fosfato.
- Prefira produtos concentrados e com recargas.

Tente então alguns destes produtos feitos em casa, por diversão, preço acessível e sustentabilidade ambiental:

1. Líquido lava loiça

Ingredientes: 1/2 chávena de sabão de barra líquido (rale-o e adicione água a ferver até ter a consistência de champô), 1/2 chávena de água, 1 colher de chá de sumo de limão, 3 gotas de extrato de "tea tree", 1/4 chávena de vinagre

Método: Misture a água com o sabão. Adicione os restantes ingredientes até ligarem. Guarde numa garrafa. Use o equivalente a 2 colheres de sopa em cada lavagem.

2. Detergente da roupa

Muitos dos detergentes comerciais possuem aditivos tóxicos que são irritantes para a pele.

Ingredientes: 1 barra de sabão de barbeiro, 1/2 chávena de cristais de soda cáustica, 1/2 chávena de bórax, também conhecido como borato de sódio ou tetraborato de sódio (opcional).

Método: Misture bem o sabão e a soda cáustica. Transfira para um recipiente com tampa e guarde. Coloque uma colher de sopa por lavagem - 2 se a roupa estiver muito suja.

Dica: pode também usar nozes de lavagem (provenientes da Índia), que são multiusos (desde detergente para roupa, louça, sabonete, champô e são reutilizáveis, de preferência no mesmo dia)

3. Lava-vidros

Ingredientes: 1/4 chávena de vinagre branco, 4 chávenas de água quente

Método: Muito simples. Misture o vinagre e a água num borrifador. Use na limpeza de vidros e espelhos com um tecido seco e limpo (que não deixe pelos) ou com jornal.

Para tirar nódoas de carpetes misture iguais quantidades de vinagre e água num borrifador e aplique na nódoa fresca. Depois de embebida por vários minutos esfregue com uma escova ou esponja com água morna ensaboadas.

4. Polidor de móveis de madeira

Ingredientes: óleo essencial de limão e 1/2 chávena de água morna

Método: Adicione umas gotas de óleo de limão na água quebnte, mexa bem e borribe um pano de algodão. Passe o pano nos móveis. Passe o lustro nos móveis com um pano de algodão seco.

5. Lava tudo

Para uso em azulejos, espelhos, janelas e superfícies de casas de banho e cozinhas em geral.

Ingredientes: 1/2 chávena de vinagre, 1/4 chávena de bicarbonato de soda e 2 litros de água

Método: Misture todos os ingredientes num balde. Transfira para um borrifador e guarde.

Ao lavar as escadas do seu prédio, não se esqueça que a água suja deve ser lançada na sanita para ser tratada na ETAR pois, se lançada no passeio entra no sistema de águas pluviais e vai diretamente para o rio...ora muitos baldes...!

Veja agora os ingredientes em geral que pode comprar numa mercearia/supermercado ou drogaria:

Sumo de limão: limpa superfícies, retira nódoas e desodoriza

1. Corte a meio e deixe no frigorífico para absorver os cheiros.

2. Misture com sal e limpe cobre e latão.

3. Misture com água e branqueie os tecidos brancos e torne mais vivas as cores.

Bicarbonato de soda

Desodoriza. Quando misturado com água produz uma solução alcalina que dissolve sujidade e gordura.

1. Use seco para retirar nódoas das carpetes (ex. vinho tinto) e marcas de superfícies.

2. Bom para lavar cortinas de chuveiro.

Vinagre

Muitos usos. Limpa superfícies, retira nódoas, retira calcário, retira gordura, desodoriza e atua como desinfetante suave. Diluído em água é bom para limpar vidros.

Azeite

Usa-se em pequenas quantidades para nutrir a madeira dos móveis e retirar dedadas em peças metálicas.

Óleo de "tea tree" (da árvore do chá)

Antisséptico, desinfetante. Muito bom para controlar o mofo e bolor.

Dilua como desodorizante para roupa com cheiro a mofo.

Luz do sol

Branqueador. Excelente para clarear as fraldas dos bebés. E é gratuito!

Ana Cristina Costa



Associação Social e Cultural "Dona Paterna"

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 22º, alínea c) dos estatutos convoco a Assembleia Geral da Associação Social e Cultural "Dona Paterna", a reunir em 1ª convocação, em sessão ordinária, no próximo dia 30 de novembro de 2018, pelas 20:30h, na sede desta Associação, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informação sobre a atividade da associação
2. Discussão e aprovação do Plano de Atividades e Orçamento para o ano 2019;
3. Alargamento do ERPI;

Não se verificando quórum, a Assembleia reunirá trinta minutos mais tarde, com qualquer número de associados.

Pademe, 01 de novembro de 2018

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Patrícia José Gomes Ferraz



CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Mesa da Assembleia-Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, por este meio, nos termos do disposto na alínea a) do nº 2 do artº 22º do Compromisso, bem como no artº 7º do Regulamento Eleitoral da Instituição, convoca todos os Irmãos, com capacidade eleitoral, para participarem na Assembleia-Geral Eleitoral, que terá lugar, em sessão ordinária, na sala superior do edifício do antigo Hospital da Misericórdia, sito no número 122 da Rua Nova de Melo, na Vila e concelho de Melgaço, pelas 15:00 horas do dia 1 de Dezembro de 2018, e com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único - Eleição dos Órgãos Sociais para o quadriénio 2019-2022

Notas:

1) O período de votação decorrerá entre as 15:00 horas e as 19:00 horas;

2) Após o encerramento da(s) urna(s) proceder-se-á à contagem e apuramento dos votos, sendo os resultados afixados de imediato.

Melgaço, 29 de Outubro 2018

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Aprígio Manuel da Costa

De uma religião de obrigações e proibições a uma vida cristã fonte de alegria e felicidade

«Felizes de nós, Israel, porque nos foi revelado o que agrada a Deus». (Bar 4, 4)

A Carta Pastoral do bispo de Viana, com data de 15 de Agosto e as suas 112 páginas, escarpeliza muito da situação da Diocese de Viana, passados 40 anos da sua fundação. Comparando a situação em 1977 com a de hoje, escreve: «... o número e entusiasmo das pessoas envolvidas tem acentuadamente decrescido, em paralelo com o desaparecimento dos mais idosos». (p. 13) Daí a pergunta: «Será que a Diocese, em vez de crescer e se consolidar, não está afinal, principalmente nos últimos anos, a definir e, mantendo-se a tendência, até em vias de desaparecer? Nesse caso, que sentido faz celebrar o seu nascimento, quando é para o seu fim que caminhamos a passos largos?». (p. 12-13) O grande risco, creio, não é que desapareça, mas que se torne irrelevante quanto ao dinamismo evangelizador e com muito do seu património edificado a cair em ruínas.

Claro que há várias causas que ajudam a explicar este fenómeno, que é generalizado em toda a Europa. E disso sabem bem os nossos emigrantes.

Depois de enumerar algumas das causas do decréscimo de prática religiosa, apresenta algumas «Oportunidades para a evangelização»: os pais que, apesar de tudo, ainda pedem os sacramentos da Iniciação Cristã; os noivos que se casam pela igreja; os que, na doença, pedem a Unção dos Enfermos e, na morte, um funeral cristão; os muitos que não perdem uma festa ou romaria. E, ancorando-se nas afirmações do Papa Francisco sobre a piedade popular, corrobora as suas palavras: «somos convidados a encorajá-la (a piedade popular) e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada». Reforça, ainda, com o facto de ter sido também uma das directivas do Sínodo Diocesano de 2006.

De tudo isto, surge um desafio: «... responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com respostas alienantes ou com um Jesus Cristo desencarnado e sem compromisso com o outro». (p. 22) Depois de apontar o exemplo do padroeiro São Teotónio e tendo como guia o evangelista São Lucas, o evangelista do próximo ano litúrgico, entra na segunda parte, realçando a importância decisiva dos discípulos que Jesus chama e envia como suas testemunhas. E serão testemunhas, não tanto pelo que dizem, mas sobretudo pelo

«que fazem, com a mesma paixão do samaritano e do pai do filho pródigo». (p. 42)

Na terceira parte, assinalaria a referência à insistência dos papas na importância decisiva «do encontro com Jesus Cristo» para se poder operar uma verdadeira evangelização. Só quando este encontro se converte «em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada de autorreferencialidade», afirma, citando o Papa Francisco. (p. 51)

São Paulo VI chamou há muito a atenção para a importância do testemunho de vida na proclamação do evangelho: «Suponhamos um cristão ou um grupo de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e acolhimento, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que não se vê e que não seria capaz sequer de imaginar». (p. 53) Costumo chamar a esta atitude, que deve especialmente brilhar em nós, sacerdotes, o 'sacramento do acolhimento' ou oitavo sacramento, aquele que abre a porta para que todos os outros possam ter sentido. Aliás, Dom Anacleto sintetiza muito bem: «sejam conquistados pelo Evangelho que experimentam na brandura e respeito com que são tratados, a brandura e o respeito próprios do amor de Cristo e patentes no modo como O confessamos como Senhor». (p.55)

Não seria tão pessimista!

Claro que, sendo mais de 9 ou 10, já são muitos, mas não no sentido em que aparece na seguinte frase: «em relação aos sacerdotes, fala-se da falta de zelo pastoral e apostólico da parte de muitos. Sobre tudo, se eles próprios nem na formação projectada para eles participam, nalguns casos de modo sistemático». (p. 61)

Vem, depois, uma constatação: a catequese tem fracassado, porque, terminadas as festas, acaba a prática religiosa, que aliás foi sempre muito pouca. Daí a advertência: «Preste-se especial atenção à preparação dos formadores – principalmente a espiritual. Que ensinem o que antes, no estudo, vivenciaram, designadamente pela oração. Mas que seja uma oração em que rezam também pelos formandos... amem-nos com o amor

recebido de Cristo, privilegiando para isso o contacto 'pessoa a pessoa', de reconhecida eficácia na evangelização». (p. 63)

Questiona, depois, a maneira menos digna como são celebradas muitas missas, a ponto de afirmar: «uns dirão que são muitas as celebrações, eu direi que são demais. Por isso as questões surgem umas atrás das outras: Não será de sacrificar a quantidade à qualidade, numa época em que é tão fácil a mobilidade e a deslocação?... (p. 69) Aqui faria um grande reparo: Dom Anacleto parece desconhecer a diferença entre morar numa cidade com transportes públicos abundantes para a periferia, e penso em Braga onde, no máximo de 15 minutos, qualquer pessoa pode estar no centro da cidade, utilizando os meios públicos, e por exemplo o caso de Melgaço, sem transportes públicos e com aldeias dispersas e distantes.

Particpei em algumas celebrações na Igreja das Carvalhiças, de Quinta-Feira Santa, Sexta e Vigília Pascal. Eram celebrações bem preparadas e muito dignas, com um bom coro. Das paróquias convidadas a estar presentes: Penso, Remoães e Prado, quase ninguém, para além dos integrantes do grupo coral. Da própria Vila eram também poucas. Eu próprio ficava desolado com tão pouca gente presente em celebrações de tanto significado. Pelo que, se a aposta tem de ser em eucaristias bem preparadas e melhor vividas, não creio que a solução esteja em suprimir em certas aldeias e convidar as pessoas a deslocarem-se a outras paróquias. Já há uma ou outra pessoa que faz isso, mas, para se tornar uma realidade das comunidades em causa, tem de haver outro caminho e outro modo de ir cativando as pessoas. Os idosos, em geral, não conduzem e têm sempre muita relutância em pedir a outros para lhes darem boleia. Ou se pensa com cabeça em organizar um meio de transporte mais ou menos público, com essa finalidade, ou não passará de um frustrado desejo.

Como lidar com os conflitos?

Os conflitos no interior das comunidades cristãs são «gerados e alimentados por 'várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, (...) desejos de impor as próprias ideias a todo o custo». E tudo isto, «porque caprichos pessoais se sobrepõem à vontade de Deus e ao bem do seu povo. Quem se aguenta em comunidades assim?», pergunta o bispo de Viana. (p. 73)

E toca mesmo na ferida: «... há conflitos entre sacerdotes e suas co-

munidades, tantas vezes por coisas de Deus, que, em vez de unir, dividem». Indo mais fundo: «Conflitos há também entre sacerdotes, designadamente do mesmo Presbitério. Quanta inveja e distância mútua! Quantos preconceitos e suspeições infundadas! Quantos mexericos e boatos inventados! Quanta maledicência e infâmia propositadamente ofensiva! Quanto ódio e quanta vingança arrasadora! Mas, onde está então a correcção fraterna? Não nos deu o Senhor pés para nos encontrarmos e mãos para nos unirmos, mãos que ele ungiu com a energia do seu Espírito? ... o que nos une como consagrados ao Senhor são os gostos e interesses pessoais ou a suprema vontade de Deus e o bem irrecusável do seu povo?» (p. 73)

Dom Anacleto continua a análise da situação, quer no referente à condigna retribuição para viver com dignidade, quer ao que denomina de escândalo, o de quem se apropria das esmolas das missas pluriintencionais, sugerindo se comunique às comunidades as quantias remetidas para a Cúria Diocesana referentes a tais intenções de missa. (p. 77)

Na quarta parte, falando dos destinatários do Evangelho, que são todos os homens e o Homem na sua integralidade e na concreta situação de vida em que se encontra, diz que o catequista não pode falar de Deus como Pai e apoiar-se na figura do pai terreno, se a experiência que a criança tem do pai ou da mãe for menos positiva. Algo de parecido se daria com o sacerdote «que prega, designadamente na Missa, sem 'conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus'. Não será também por isso, que tantas homilias, em vez de prender os fiéis, acabam por fazê-los sofrer, a eles e aos próprios pregadores; 'uns a ouvir e outros a falar?», questiona citando o Papa Francisco. (p. 82)

Renova a insistência na necessidade de a evangelização ser feita pessoa a pessoa, como o fez Cristo com Nicodemos, a Samaritana, Simão, o fariseu e tantos outros. Isto, especialmente, se «a comunicação é feita com amizade e respeito, próprio do amor constitutivo do Evangelho. De tal modo que, antes de anunciado por palavras, já o está a ser pela vida.

Para isso é fundamental conhecer a pessoa a quem se transmite. Como? O Papa Francisco sugere que se comece por um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações

pelos seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração». (p.83) Acrescenta: «Como pode imaginar-se, 'neste indispensável contacto pessoal', cada caso é um caso». (p. 83)

Será o melhor o enquadramento pastoral de Melgaço?

A distribuição de 10 paróquias a dois sacerdotes, na unidade pastoral Paulo VI, e 9 a outros dois na unidade pastoral Bartolomeu dos Mártires, incluindo também a Gavieira, será a melhor solução para propiciar tal contacto pessoal? Honestamente, creio que não. E é isso que referem muitos sacerdotes. Uma coisa é que haja unidade na pastoral em cada uma das zonas e em todo o arcepresbiterado, outra coisa é que se confiem as comunidades a duas pessoas que, indistintamente, vão a umas ou outras paróquias, sem qualquer possibilidade do tal contacto pessoal. É aliás a queixa recorrente das pessoas. Dizem que não há tempo para falarem com o pároco, que está sempre com muita pressa; falta tempo para serem visitadas por ele, sobretudo se têm doentes; para serem acompanhadas no luto; para sentirem a presença amiga quando se desfaz uma união matrimonial, etc.

Se as pessoas só podem contar com a missa de domingo ou sábado à tarde, sem horário de atendimento num dos outros dias; sem indicação de horário para atendimento de confissão e direcção espiritual; sem calendarização de visita aos doentes; sem acompanhamento dos pais que têm os filhos na catequese; sem sentirem mostras de afecto quando atingidas pela morte de um familiar ou amigo, mas tudo ficar confinado, no caso da Paulo VI à ida à Vila, o contacto pessoal é uma miragem.

Mais: a ausência de celebração de missa diária nas diferentes comunidades devia ser colmatada com momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento e distribuição da sagrada comunhão. É necessário formar ministros extraordinários da comunhão e animadores de várias ordens? Sem dúvida que é essa uma das prioridades. Mas o absentismo da prática sacramental que hoje se detecta e é reconhecido na carta pastoral não melhorará significativamente retirando mais uma missa dominical nas comunidades, chamando-as a participar noutra diferente.

Gostaria de ter lido na Carta Pastoral indicações no sentido de
Continua na pág. seguinte

Terminou o Sínodo dos Bispos dedicado aos jovens

Oportunamente daremos a conhecer mais em pormenor os pontos mais salientes do documento final do Sínodo dos Bispos que conta com 167 números.



Em geral, as informações que foram sendo divulgadas do andamento dos trabalhos davam conta de um bom ambiente de trabalho, em que os jovens, representados por 37 dos vários continentes, também puderam exprimir-se e dizer o que lhes ia na alma.

Em algo que funciona como um barómetro da solidez da vida cristã de uma pessoa, - a frequência da eucaristia dominical -, o nº 131 afirma que celebrar com nobre simplicidade e com implicação dos diferentes ministérios laicais constitui um momento essencial da conversão missionária da Igreja. Afirma-se ainda que os jovens sabem apreciar celebrações autênticas em que a beleza dos sinais, o cuidado da pregação e a impli-

cação comunitária falam realmente de Deus.

Uma melhor formação humana no domínio da afectividade e da sexualidade é uma exigência irrecusável de sempre, mas sobretudo dos nossos dias, se queremos que os jovens aceitem e se esforcem por ter comportamentos que dignificam e realizam humanamente, em vez de serem levados para experimentalismos que

deixam sempre o travo amargo da desilusão, do desencanto e da infelicidade.

O Papa Francisco insistiu em que temos de saber ouvir mais os jovens, pois tinha a impressão que, no Sínodo, lhe tinham mais enchido os ouvidos com discursos do que tinham estado à escuta das suas sugestões para fazer dos cristãos realmente verdadeiros discípulos missionários.

Continuação da pág. anterior

os sacerdotes participarem no velório dos defuntos e em se preocuparem que haja pessoas capazes de ter uma palavra de esperança nessas situações e de dinamizarem momentos públicos de oração. Os funerais são uma das melhores ocasiões de evangelização.

Creio que se devem valorizar as novenas das festas, as procissões, sobretudo as procissões de velas. Urge que haja reuniões da assembleia paroquial, que se constituam os conselhos pastorais paroquiais e que se lhes imprima vida e dinamismo; que se fomentem os pequenos grupos de oração e formação cristã em cada paróquia; que se atraiam os jovens para o que são especialistas: o uso das novas tecnologias ao serviço da evangelização, levando as pessoas a terem no seu telemóvel o 'Passo a rezar', o 'Ibreviary', a Bíblia e outras aplicações úteis. Que constituam grupos de reflexão nas paróquias e que estejam em rede com as outras do arcebispo, onde será mais fácil encontrar um sacerdote disponível para dinamizar os pontos mais difíceis, como os que têm a ver com os textos da Bíblia e outras actividades mais exigentes do ponto de vista da ortodoxia, etc.

Dom Anacleto conclui esta quarta parte insistindo sobre a necessidade de comunhão nas comunidades cristãs, «enquanto resultado e meio privilegiado da

evangelização. Que ela pertence à essência da Igreja, nunca é demais repeti-lo. Que, em sentido inverso, haja cristãos que deixam a Igreja por falta de união entre os seus membros, por incapacidade para se reconciliarem em casos de ofensas e litígios, deve no mínimo preocupar todos os outros, a começar pelos mais responsáveis». (p. 98). E sugere se aproveitem as ocasiões mais propícias, como as festas, anuais ou semanais - na Eucaristia dominical - para reforçar a comunhão. Outra bela ocasião para tal podem ser os funerais.

A quinta e última parte é a mais pequena, mas não menos importante. Realça o valor e poder da oração como energia evangelizadora. «Não pode haver evangelização sem a persistente oração da fé neste Deus. Não será isto que está a faltar a tantos cristãos da nossa diocese, inclusive sacerdotes? O Papa Francisco leva-nos a pensar quando refere que, 'sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração»: (p. 101)

Insiste ainda citando o papa Francisco: «...a melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com

amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abor-darmos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta... é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ainda ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros». (p. 103)

Será descabido pensar numa hora, na tarde de domingo, de adoração ao Santíssimo Sacramento, como se fazia outrora, mesmo que tenha de ser dinamizada por leigos? Se não for assim, que momentos propiciamos para os fiéis poderem ter momentos de adoração, como vivamente sugere o Papa?

Dom Anacleto renova os votos de que, da oração de contemplação, de intercessão e de acção de graças «resulte a tão necessária e urgente renovação» da diocese, onde renasça uma «igreja jovem e bela, missionária e acolhedora, livre, fiel e rica de amor». (pp. 108 e 109)

Há, naturalmente, outros resumos possíveis da Carta Pastoral. Este foi o que me pareceu ir mais ao cerne da mesma e que pode possibilitar a consciencialização das pessoas para aquelas atitudes que melhor podem contribuir para a renovação das paróquias e da Diocese.

Carlos Nuno Vaz

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

Horizontais: 1. Impugnar, proteção; 2. Ainda, arma branca; 3. Condimento indiano em pó, andar à roda; 4. Deitar, ramagem; 5. Escasso, símbolo químico do érbio, lista; 6. Caminho; 7. Rumo ou caminho por mar, preposição, algum; 8. Operar, animal bravo e carneiro; 9. Residir, esmurrar; 10. Onde está medida agrária; 11. Parte dianteira do navio, escasso.
Verticais: 1. Escavar, ramificação; 2. Morcão do queijo ou carne de porco, conceito que qualquer indivíduo tem de si; 3. Deter, sacar; 4. Excelente, char-rua; 5. Armadilha para pássaros, caminho rodeado de casas; 6. Contumaz; 7. Semelhante, víscera dupla, forma aportuguesada; 8. Ave rapina género falcão, exteriormente; 9. Misturar vinho, engendrar; 10. Patrão, pedra altar; 11. Mar russo das peças da asna.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras escrever em qualquer sentido a frase:

"Estamos destinados a morrer, nós e tudo quanto é nosso"

D	A	B	C	N	O	S	D	E	A
E	E	F	D	G	E	G	R	S	T
Q	E	S	Q	W	S	R	Y	T	I
U	F	Q	T	Z	X	E	C	A	U
A	V	W	U	I	G	J	V	M	I
N	C	E	D	R	N	M	B	O	N
T	X	R	O	D	T	A	N	S	B
O	O	S	S	O	N	B	D	G	V
A	S	D	F	G	H	J	K	O	M
M	O	R	R	E	R	Z	X	C	S

CHARADAS

Combinadas

- ___ + PA = Cobertura
- ___ + CA = Ambulância
- ___ + CA = Origem
- ___ + PA = Bofetada

Conceito: Nome de "dormitório"

Quadrado

= Contundir
= Poente
= Lugarejo
= Vasilha com asas
= Fazer andar à roda

PROBLEMA

Nos tracejados indicar nomes de "Animais Selvagens"

_____ A _____	_____ S _____
_____ N _____	_____ E _____
_____ I _____	_____ L _____
_____ M _____	_____ V _____
_____ A _____	_____ A _____
_____ I _____	_____ G _____
_____ S _____	_____ E _____
	_____ N _____
	_____ S _____

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo, Porto

PROBLEMA Leopardo - Elefante - Antílope - Macaco - Panda - Lince - Urso
Avestruz - Rincocerote - Gazela - Javali - Marta - Tigre - Leão
Pantera - Bisonte

CHARADAS Combinadas: CA + MA + RA + TA = CAMARATA
Quadrado: Socar - Ocaso - Casal - Asada - Rolar

1	O	P	O	R	P	A	L	A		
2	O	A	T	E	A	C	O	U		
3	C	A	R	I	L	R	O	T	A	
4	A	C	A	M	A	R	A	M	A	
5	R	A	R	O	E	R	R	O	L	
6										
7	R	O	T	A	E	M	T	A	L	
8	A	G	I	R	L	F	E	R	A	
9	M	O	R	A	R	S	O	C	A	R
10	O	A	D	U	A	R	E			
11	P	R	O	A	R	A	R	O		

SOLUÇÕES

São Paulo VI: o Papa do diálogo e construtor de pontes

Paulo VI foi o papa que mais de perto acompanhei nos mais de 3 anos que estudei em Roma, naqueles tempos de pós-comcílio, tão docemente desafiantes como marcados por conflitos na recepção do grande evento eclesial do século XX. A ele me ligam fortes laços de fiel adesão aos seus ensinamentos, que vi bem espelhados em meus tios sacerdotes, cuja fotografia tinham na sua mesa de trabalho e a cujo magistério dedicaram especial cuidado nas lides jornalísticas em que estavam envolvidos e em vários dos seus escritos.

Já em 1931, o então Giovanni Montini, apenas com 34 anos, escreveu uma frase emblemática aos universitários católicos de que era assistente: «Amarei sempre e acima de tudo a verdade, sem hesitações, restrições, compromissos, como pura liberdade e cordial fortaleza de espírito». Em 1968, ele que era filho de jornalista, concebeu e quis o hoje assinalável jornal católico da conferência episcopal italiana: «Avvenire» para ser um lugar onde o laicado opera com plena responsabilidade e em comunhão com os pastores. 3 anos depois, recebendo os redactores do referido quotidiano, disse-lhes: «Avvenire, enquanto jornal, é e deve saber ser 'centro de diálogo'. Mas é e deve saber ser também um instrumento capaz de tornar os católicos pessoas verdadeiramente boas, sábias, livres, serenas e fortes». Porque é a bondade que conduz à sabedoria da verdadeira força, como o afirma também hoje o Papa Francisco, aquela força que constrói e não destrói, que aproxima e não contrapõe, que une e não divide. E isso nos faz e torna livres e serenos.

4 anos depois de beatificado, Paulo VI foi canonizado juntamente com Monsenhor Romero, Francisco Spinelli, Vincenzo Romano, Maria Caterina Kasper, Nazaria Ignacia de Santa Teresa de Jesus e o jovem napolitano Nunzio Sulprizio, o jovem corajoso e humilde que soube encontrar Jesus no sofrimento, no silêncio e na oferta de si mesmo. Na véspera, Papa Francisco foi visitar Bento XVI, criado cardeal por Paulo VI em 1977 e o único dos cardeais por ele criados que ainda está vivo. Há 4 anos, esteve presente na beatificação. Desta vez, não podia estar por motivo de debilidade de forças físicas. Daí o Papa ter tido com ele um gesto tão fraterno como significativo.

Mas Francisco continua a evangelizar-nos com a sua vida. Aplica o que propôs acerca do que deve ser uma homilia. Tratando-se embora de uma celebração tão solene, não se afastou dos textos bíblicos da liturgia do dia. Como o faz sempre e o reiterou na Missa de encerramento do sínodo dos Jovens, em 28 de Outubro. Comentou a atitude do jovem rico que pergunta a Jesus como poderia ter em herança a vida eterna. «Jesus muda a perspectiva: deve passar da observância dos preceitos para obter uma recompensa, ao amor gratuito e total. O jovem falava em termos de pergunta e oferta, Jesus propõe-lhe uma história de amor. Pede-lhe que passe da observância das leis ao dom de si, do fazer por si ao ser com Ele. E faz-lhe uma proposta de vida de cortar a respiração: «Vende o que tens, dá-o aos pobres... e vem! Segue-me». Também a cada um de nós Jesus diz: «vem, segue-me!». Vem: não estejas parado, porque não basta não fazer nada de mal para ser de Jesus. Segue-me: não vás atrás de Jesus apenas quando te apetece, mas procura-O cada dia. Não te contentes em observar preceitos, em dar uma pequena esmola e recitar alguma oração: encontra n'Ele o Deus que te ama sempre, o sentido da tua vida, a força de te dares.

O Senhor não se perde em teorias sobre pobreza e riqueza. Vai directo à vida. Pede-te que deixes aquilo que torna pesado o teu coração, que te esvazias dos bens para lhe dares lugar a Ele, o único bem, porque não se pode seguir verdadeiramente a Jesus quando se está sobrecarregado pelas coisas. Porque se o coração estiver cheio de bens, não haverá lugar para o Senhor, que se tornará uma coisa entre as outras. Por isso é que a riqueza é perigosa e torna até difícil a salvação.

Jesus é radical: pede-te tudo. Não se contenta com umas migalhas. O nosso coração é como um íman: deixa-se atrair pelo amor, mas só se pode agarrar a uma parte e deve escolher: ou amar a Deus ou amar as riquezas do mundo. Um coração liberto de bens e que livremente ama o Senhor sempre difunde alegria, aquela alegria de que o mundo de hoje tem tanta necessidade. E a propósito cita uma frase de Paulo VI: «É no coração das suas angústias que os nossos contemporâneos têm necessidade de conhecer a alegria, de sentir o seu canto». Jesus convida-nos a voltar às fontes da alegria que são: o encontro com Ele; a escolha corajosa de arriscar para O seguir; o prazer de deixar tudo para abraçar o seu caminho. Os santos percorreram este caminho, que é o caminho da santidade: a beleza e a alegria de seguir totalmente a Jesus.

Carlos Nuno

Bolsonaro: o ovo da serpente não floresce a partir do nada

*“And therefore think him as a serpent's egg.
Which hatch'd, would, as his kind grow mischievous;
And kill him in the shell”
 (“Portanto, pense nele como um ovo de serpente.
Então chocado, iria, como tal, crescer pernicioso;
E mate-o na casca”).*

Shakespeare, in Julius Caesar.

Com a eleição de Jair Bolsonaro, com mais de 55% dos votos, Fernando Haddad diz adeus ao sonho de resgatar o Brasil de Lula, destruído pelo golpe de 2016. Não vai retomar os investimentos para a geração de emprego e combate à pobreza nem garantir melhores habitações, proteção do meio ambiente, reforma agrária e melhoria da saúde e da segurança.

Como fez quando era Ministro de Lula da Silva, Haddad não pode fazer da educação a prioridade novamente, criando o Ensino Médio Federal, da creche à universidade ou continuar o programa Saúde para todos de novo.

Porquê? Como é que os brasileiros escolhem um presidente com desprezo pelas mulheres e minorias, pelas liberdades civis e factos científicos, para não falar de simples decência?

Jair Bolsonaro é brutal na sua boçalidade. Lamenta que a tortura não tenha passado o limite e matado 30 mil presos políticos durante o regime militar.

Bolsonaro promete organizar milícias e desbasta a Amazônia...

Um editorial, o jornal *The New York Times* lamentou a escolha dos brasileiros por Bolsonaro que tem pontos de vista repulsivos. Veja-se que prefere ter um filho morto a um filho gay ou que a deputada Maria do Rosário (PT) não merecia ser estuprada por ser “muito feia”.

O meio ambiente é um dos “derrotados”. “Ele prometeu desfazer acordos de proteção às florestas tropicais para abrir mais espaço para o poderoso agronegócio brasileiro. Ameaçou retirar o país do acordo climático de Paris, acabar com o Ministério do Meio Ambiente e impedir a criação de reservas indígenas – tudo isso em um país recentemente elogiado por sua liderança na proteção ao meio ambiente.

O ovo da serpente não nasce do nada.

Que significa “O ovo da Serpente”? Socorro-me de um belo

retrato do surgimento do nazismo - *O Ovo da Serpente* (1977, com Liv Ullman e David Carradine), a partir da expressão de Brutus, em *Julius Caesar*, de Shakespeare. Utilizando um personagem americano, artista e judeu, ele mostra o lento “envenenamento” que ocorria na Alemanha. Algo inicialmente inexplicável que, aos poucos, ganha conotação e acção mais claras.

É assim com Bolsonaro: é filho da corrupção generalizada. É o ovo que chocou enquanto o PT roubou; Lula e seus pares foram a galinha que fez desabrochar este ovo.

Os do PT roubaram, roubaram por ganância. E a pior delas: com suposta perseguição política, como também cá houve quem praticasse sem pudor (porque, além de roubar, prejudicou os seus).

O ovo da serpente não nasce do zero. Bolsonaro é filho da generalizada falência política brasileira. Direita e esquerda (mais uma vez com a desculpa da Constituição) praticaram alianças opacas. Os ministros leiloavam-se entre partidos, não se escolhiam os melhores. Com governantes incapazes, entraram seitas venais, estúpidas e estupidificadoras.

O PT governou com elas e elas, unânimes, são agora aliadas de Bolsonaro. O povo brasileiro não lhes pagará só o dízimo, arrisca-se a pagar a conta completa.

A escolha pertenceu aos brasileiros.

Os brasileiros estavam cansados da corrupção, mas esqueceram que não era exclusiva do partido de Haddad (PT) mas foi por isso que Bolsonaro captou a adesão de massas empobrecidas, negros, mulheres e homossexuais.

O fascismo rejeita os valores racionalistas, iluministas e humanistas, que foram característicos do capitalismo em ascensão e dos períodos de crescimento.

O fascismo nega conquistas científicas, chegando às raías da loucura, como defesa da “Teoria”



da Terra Plana, a negação do Holocausto ou que o nazismo era de esquerda.

Pode ser antissemita, como muitos foram no passado e alguns ainda o são, ou deixarem de ser e passarem a ser islamóforos e mesmo defensores de Israel.

No Brasil, a burguesia apostou num golpe institucional, com partidização da luta contra a corrupção – típica do fascismo, com a “regeneração moral da nação”, ainda que sejam na prática corruptos até à alma – e o impeachment de Dilma Rousseff e a imposição de Michel Temer.

O fascismo pretende converter a classe trabalhadora em massa, pois “as massas populares assentam a sua existência, enquanto massas, na desorganização da classe trabalhadora. A diluição em massas precisa de um anteparo ideológico, que é a nação.

O medo é o berço do fascismo, é o mar em que navega, é o norte de sua bússola. Não é por acaso que as políticas austeritárias vigentes na Europa tem estimulado o avanço das forças fascistas.

Nessa sociedade individualizada não há solidariedade, mas é um mundo da competição total e a violência na competição social converte-se, cada vez mais, no culto da violência como fim para atingir os fins, sepultando a lei. A brutalidade é valorizada porque, parafraseando Shakespeare, a classe política brasileira — começar pelo PT — não soube matar o monstro dentro da casca.

Para saber mais sobre as eleições no Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45997508>

Costa Guimarães

Agência Mira renova-se



Manuel Mira e Fátima Mira, importantes continuadores de um negócio que já está associado à família desde 1850, prepararam-se para os desafios de uma série de serviços que tem de estar em constante adaptação para cativar novos públicos.



Hoje, o serviço funerário não tem de ter toda aquela moldura solene e sombria tradicionalmente associada, e a Agência Mira, que concentra mais do que um serviço - funerária, arte fúnebre e florista - quis mostrar que o recato ou tristeza que estão na origem da procura de alguns dos seus serviços não tem de ser agravada no momento do primeiro contacto com a agência.

Com a nova geração da família a dar sinais de interesse em fazer parte de significativas mudanças, Mira transforma-se numa marca - afinal, há quase 170 anos que o nome da família se estabeleceu como referência em Melgaço - e inaugura um luminoso e amplo espaço na Rua do Rio do Porto, no centro da vila melgacense.

Nicolau e Catarina Mira, filhos e outrora pontuais colaboradores do negócio, assumem agora um papel de maior destaque e trazem com eles a modernidade que muitos dos novos utilizadores deste serviço não dispensam. Atentos "às novas formas de comunicar o produto", que como vimos, não se limita ao serviço funerário, o novo espaço de atendimento subdivide-se em três salas e pontos de atendimento para que os serviços ganhassem o seu devido contexto, como explicou Nicolau Mira.

"Temos atendimento ao público, exposição (de arte fúnebre) e florista. Quisemos independentizar cada um dos serviços, porque também temos flores para casamentos, baptizados e outras festas, tínhamos que fazer essa distinção".

Os tempos eram outros quando o fundador deste serviço em Melgaço, José Barbosa Martins - assim como o seu filho, Nicolau Barbosa Martins e posteriormente a esposa deste, Aurora dos Anjos Martins - idealizou o serviço funerário para o concelho.

Alvaredo era a sede e base de trabalho. Fátima Mira faz parte da quarta geração da família a trabalhar neste negócio, mas recorda-se do profissionalismo do seu "tio-pai" que, apesar de ter falecido cedo, aos 51 anos de idade, "o serviço era bastante reconhecido".

"A partir do momento em que ele tomava conta, o cliente já não se preocupava com nada. Organizava tudo, desde o velório até ao cemitério. No velório, as casas eram todas adornadas com os panos pretos e na igreja, quando era um funeral rico, a ornamentação era diferente", recorda Fátima Mira.

Mais remoto parecerá a muitos o que foi um passado recente, quando nos falamos do esquife - que só o nome já merecia uma explicação - um género de maca em que se levava o defunto até perto do buraco e, aí chegado, "era despejado assim para a terra". Sem qualquer caixa ou caixão. Noutra época surge o hábito dos caixões "feitos à medida", o que implicava um carpinteiro sempre pronto para estes imprevistos, embora simples tábuas pregadas. Só mais tarde, "já noutra geração, quem forrava os caixões era a minha tia", conta Fátima Mira.

É com toda esta história presente que a agência Mira percebe que o mercado lutooso continua a mudar. E a mudança teve que ser mais do que uma reorganização do espaço físico. Depois de Alvaredo e da Rua Dr Afonso Costa, o local privilegiado do amplo piso na Rua do Rio do Porto, com 200 metros quadrados para exposição e venda, não é o único onde os serviços e montra de opções da agência podem ser solicitados.

"Tínhamos uma pessoa praticamente a fazer tudo, que era o meu pai [Manuel Mira]. Desde o contacto com o cliente até ao serviço final", observou Nicolau Mira que, apesar do esforço que representa para a sua vida pessoal, pretende inovar e dar um apoio mais próximo ao negócio.

As plataformas tecnológicas são um auxílio à nova valência do serviço, pois a internet, além de ser um rápido veículo para participações de funeral ou missas, é também um aliado nas campanhas mais imediatas. O serviço de tratamento de campas, que a agência disponibiliza, permite a qualquer potencial cliente, mesmo estando em França, nos Estados Unidos ou aqui ao pé, aceder ao site (mmira.

pt) e escolher de entre as propostas apresentadas em que dia quer que limpem ou ponham flores na campa do ente falecido. "Chegamos ao mundo digital. Dantes tínhamos que andar a espalhar os anúncios dos falecimentos porta a porta e agora, com o Facebook, em meia hora já há dezenas de partilhas", observou Nicolau Mira.

O novo site da agência servirá também para um serviço mais atento a quem, mesmo longe, queira mandar uma mensagem formal aos enlutados.

"O Memorial é a nossa primeira novidade digital. A participação de falecimento permite que as pessoas possam deixar uma homenagem escrita. Essa homenagem será depois impressa na mesma folha que é escrita manualmente no funeral, no livro de condolências. Assim a pessoa que escreve a mensagem [no site, não na partilha de Facebook] sabe que vai ser entregue", explica ainda.

Ainda nesta plataforma, o utilizador pode activar notificações para ser alertado para a missa do 7º Dia ou de homenagem à pessoa falecida.

Também a escolha de flores e o envio pode ser algo mais personalizável: Se pretender enviar flores, poderá escolher o tipo de evento ou acontecimento, tipo de flores, colocar dedicatória e escolher o layout do cartão. No fim da compra ou solicitação de serviço, o pagamento poderá também ser feito por via online, garantindo no imediato o compromisso do serviço com a agência.

No entanto, uma das grandes propostas da agência Mira é o serviço de manutenção de campas, resolvendo desde já o problema de quem está distante mas quer que "a última morada" dos seus não perca a dignidade. "É direccionado para as pessoas que estejam emigradas ou não consigam fazer o trabalho. Nós lavamos a sepultura, substituímos as flores e colocamos velas. Esse serviço tem várias periodicidades, desde semanal, até trimestral, ou semestral, temos três planos", destacou o responsável pela estratégia.

João Martinho

III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses, em Alcobaça



2018 ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL #EuropeInCulture

23-24 NOVEMBRO 2018

MOSTEIRO DE MONASTERY OF ALCOBAÇA PORTUGAL

III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses em Alcobaça
3rd International Meeting of Cistercian Abbeys in Alcobaça

Para além das fronteiras: o Património Cisterciense e a Identidade Cultural Europeia hoje
Beyond borders: the Cistercian Heritage and the European Cultural Identity today

Neste importante congresso, com mais de 30 intervenções, é de destacar a exposição da «A Rota Cisterciense Alto-Minho Galiza» pelo nosso apreciado e dedicado colaborador Dr. José Rodrigues Lima com Projeto Rota Cisterciense Alto Minho - Galiza, no dia **23 Novembro, pelas 16.30h.**

Os nossos leitores já tiveram oportunidade de ler vários textos sobre a Rota Cisterciense, com especial incidência na passagem pelo concelho de Melgaço, mais concretamente pelo Mosteiro de Fiães.

Alcobaça, local deste III Encontro, é a casa mãe das Abadias Cistercienses em Portugal. Não será por mero azar que um dos lugares da freguesia de Fiães, onde existiu o convento Cisterciense com o mesmo nome, tenha um lugar que se chama precisamente Alcobaça.

Temos a certeza que os muitos congressistas presentes vão ficar a conhecer um pouco mais do Alto Minho e da nossa linda terra de Melgaço de que o Dr. José Rodrigues Lima é um verdadeiro apaixonado.

RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreta na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

Visita aos Mosteiros da Geórgia e da Arménia

De 22 de Agosto de 2018

Tbilisi-Mtskheta: Mosteiro Jvari, Catedral Svetitskhoveli, Convento de Samtavro

Estávamos em Tbilisi, capital da Geórgia, instalados num hotel, moderno e confortável. Saímos para Mtskheta de autocarro às dez horas, quando crescia o rumor do trânsito. Das vidraças, os nossos olhos arregalavam-se, preparados para alcançar o surpreendente. A bandeira nacional, com cinco cruces vermelhas num fundo branco, meneava-se do alto das ameias da muralha. A Cidade, em pequenas colinas, volta-se para o rio Kura, que a atravessa, à maneira de balcão. Mosteiros e igrejas antigas no cimo de montanhas apontam a sua matriz cristã.

As compras pagam-se com o Lari (Gel), moeda introduzida em 1995. O Euro equivale a 2,60 Lari. A língua não se entende, mas o Inglês, nos pontos turísticos, é falado normalmente.

Ninguém fica insensível a um povo tão hospitaleiro e culto. Da sua população, actualmente de quatro milhões de habitantes, 1100 vivem em Tbilisi. O País estende-se pelos seus 69700m², com o mar Negro a Oeste; a Turquia, a Arménia e o Azerbaijão a Sul; as Repúblicas Russas a Norte e a Este.

Lembrar a sua história é ter em conta o seu vizinho mais temido, a Rússia, que a subjugou, saindo independente relativamente há pouco tempo, em 1991. A sua posição geoestratégica privilegiada, com o rio Kura ou Mtkvari no cruzamento das antigas rotas comerciais entre a Ásia e a Europa e a costa do mar Negro, fazem dela país apetecível com relativa proximidade à Europa.

Os Georgianos gostam de atribuir a sua existência a uma lenda do século V, associada ao rei Vakh tang Gorgasali de Kartli, que a conquistara aos Persas, embora Tbilisi tenha mais de 6000 anos! Segundo a lenda, quando o rei caçava, viu cair um veado ferido numa nascente de água quente sulfurosa. E como o animal se salvou, o facto foi considerado milagre. O efeito teve imediata resolução, o monarca mudou a capital de Mtskheta para Tbilisi. A explicação do nome «tbili» a significar quente, caloroso, na língua georgiana, explica do nosso ponto de vista a conjugação de dois factores: o da efabulação como elemento unificador do povo e o do pragmatismo do rei ao ver nas águas térmicas um recurso próprio a desenvolver.

Não ficou impune ao alargamento e à estratégia do domínio árabe, em 645, que a transformou

num emirado, durante quatro séculos.

Em 1122, conseguiu recuperar o seu espírito de nação com o chamado Edificador da Geórgia, o rei David: uniu-a, construiu um palácio junto da Igreja Metekhi. Convidou artistas e comerciantes arménios para o desenvolvimento de Tbilisi. A presença destes estendeu-se até ao século XX, sendo lembrados com deferência. A obra edificadora do rei prosseguiu no reinado de Tamar, sua neta, quando a Cidade contava já 80000 pessoas e recursos próprios: fabrico de armas, joalharia, couros e sedas.

Novos reveses: os Mongóis, em 1235, puseram fim ao seu apogeu, sendo, porém, atacados pela Peste Negra; e, em 1386, o temível Tamerlão destruiu-a.

Nos séculos XVII e XVIII dominaram os Persas. Tbilisi, em 1762, tornou-se capital da Geórgia Oriental semi-independente, sob o domínio do rei Erekle II. Ora este rei, aliado da Rússia, retirou as suas tropas para ir lutar contra os Turcos. Mohamed Khan, em 1795, avançou sobre a Pérsia, fez milhares de mortos, e Tbilisi foi incendiada.

Mas a Rússia, sempre à espreita, em 1800, anexou a Geórgia, e dominou-a até 1991, data em que o contexto do fim da Guerra Fria a levou à sua independência.

Embora o regime político soviético tivesse recreado a capital, segundo o modelo imperial: ruas largas e grandes praças para os seus 172000 habitantes, a Cidade tornou-se num centro de oposição ao fim do regime soviético, por um lado, e campo de batalha de guerra civil, por outro. Viveram tempos incríveis na década de noventa: apagões sucessivos de luz eléctrica; nível de vida baixo; corrupção e crimes grassaram. Para pôr termo à situação, em 2003, surgiu a Revolução Rosa. Tbilisi levantou. Chamou a si investimento, obras públicas muito modernas e recuperou edifícios antigos.

Saídos destes cenários de guerra, sobretudo do mais recente, os treze quilómetros percorridos chegaram ao fim. Estávamos em Mtskheta ou Kartli, nome dado à região West e Sul de Tbilisi. A designação vem do pai mítico do povo da Geórgia, Kartlos, o qual mandou edificar a sua casa em Mtskheta. Estávamos numa Cidade singular, o coração espiritual e cultural da Geórgia.

Visível a grande distância, no alto de um morro, está a igreja Jvari ou da Santa Cruz. Domina a Cidade. As escadas de acesso são irregulares e desgastadas pela ero-



são. São protagonistas da sua história S. Nino e o rei Mirian, primeiro cristão da Geórgia, convertido pelo Santo, no século IV. Da sua conversão, resultou o levantamento de uma grande cruz de madeira. Entre 585 e 604 nasceu uma igreja de pedra sobre a cruz mandada erguer por Stepanoz I de Kartli de estilo georgiano, designado «tetraconch»: estrutura em forma de cruz de braços simétricos com espaços arredondados entre eles. O tecto é coberto por uma cúpula assente em base octogonal. O tímpano da porta da fachada principal representa a Ascensão da Cruz. O interior, quase despido, evidencia o seu estilo, ressaltando, no centro, uma cruz de madeira esculpida e fixada num suporte.

O convento de Samtavro, mais abaixo, foi construído, em 1130. Nele estão sepultados o rei Mirian e a rainha Nana. Actualmente, parte do edifício é ocupada por religiosas.

Numa espécie de jardim, perto do Convento, situa-se uma pequena igreja Tsminda, construída no século IV.

Lá do cimo da montanha a paisagem oferece a vista geral de Mtskheta a destacar a confluência dos rios Kura e Aragvi. Fomos descendo até à Cidade, no sopé da montanha. Guarda o seu traço original: ruas ladeadas de casas

medievais a exibirem as irregulares e múltiplas varandas. Sempre a descer em direcção ao rio Kura, encontrámos a catedral, cujo nome, difícil de pronunciar, registámos: Svetitskhoveli. Apresenta já maiores proporções, pois espelha o início do período áureo da arquitectura georgiana do século XI. A estrutura, em forma de cruz alongada, é de pedra talhada, quer no interior, quer no exterior.

Está associada à túnica de Jesus, sob uma coluna quadrada, na nave central. Está decorada com frescos policromados do tempo da conversão de Kartli. Mas como veio a túnica de Jesus para Mtskheta? Dizem que Elioiz desta Cidade estava em Jerusalém no tempo da Crucificação de Jesus, e regressou a Mtskheta com ela. A irmã Sidonia agarrou-a diante dele e morreu imediatamente imbuída de fé. A túnica enterrou-se com ela, mas, com o passar dos anos, as pessoas esqueceram-se do sítio.

Quando o rei Mirian construiu a primeira igreja em Mtskheta, no século IV, a coluna de madeira projectada para ficar no centro, levantou dúvidas relativamente ao lugar preciso da sua instalação. Mas depois de S. Nino ter estado uma noite inteira em oração, a coluna deslocou-se miraculosamente para o lugar do enterro da túnica. A partir daí operaram-se muitos mila-

gres à volta daquela que se chama Svetitskhoveli, ou seja, «Coluna Vivificante». A presente construção é do século XI. É ainda uma das belas igrejas da Geórgia. Muitos monarcas têm ali os seus restos mortais.

A nossa curiosidade centrou-se na coluna, mas sentimos também a alegria da ancestralidade da Catedral.

E como o dia serenamente ia declinando, regressávamos a Tbilisi, prontos para descansar, mas presos ao que fomos vendo... Mosteiro Jvari... Convento de Samtavro... enfim, Mtskheta.

Maria Nadalete da Costa Lopes



Orçamento do Estado 2019 Despesista e eleitoralista



O Governo preparou o Orçamento do Estado numa estratégia eleitoralista, tendo em vista os sufrágios do ano que se avizinha.

Com efeito, os exemplos sucedem-se: aumentos salariais para os funcionários públicos, redução do IVA da energia, manuais escolares gratuitos até ao 12.º ano, redução dos preços dos passes sociais nos transportes públicos, investimento de 15 milhões para a floresta, com novas salas destinadas ao ensino profissional, lançamento de um programa a dez anos para aquisição de arte contemporânea, etc, etc. Trata-se de agradar às clientelas que em 2015 formaram o actual governo, PS, PC e BE (Geringonça).

Porém, o problema é que esta enxurrada de promessas ocorre numa altura em que se mantêm as fragilidades estruturais da nossa economia, que vai crescendo a um ritmo inferior ao da média europeia – Portugal registou o terceiro pior crescimento entre os países comunitários, bem longe da Irlanda ou da vizinha Espanha.

O debate parlamentar do Orçamento do Estado para 2019 decorrerá num cenário caracterizado por uma das mais elevadas dívidas públicas da União Europeia, pelo aumento da despesa pública e pelo fraco investimento reprodutivo, nada que nos permita embandeirar em arco. Não tenhamos ilusões: a situação internacional poderá agravar-se no próximo ano, em várias frentes, desde logo, pela subida das taxas de juro, pela anunciada descontinuidade do BCE, pelo risco agravado da dívida soberana italiana, pelo Brexit, mas também como reflexo da subida significativa do preço do petróleo e da diminuição do crescimento da economia, a nível europeu e mundial.

Como estaremos em condições de fazer frente a estas adversidades, caso se concretize o cenário da ‘tempestade’ antecipado por analistas internacionais como o Prof. Roubini, que previu a crise financeira de 2007-08?

Sem alarmes, corremos o risco de ser forçados a voltar a apertar o cinto, em circunstâncias porventura bem mais difíceis e incertas.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Abílio Francisco Conde, Outubro 2018

O Expresso da Malásia (3)

Sentir a vida na selva

A sensação de acordar no meio da selva tropical, numa espécie de silêncio entrecortado de sons naturais: aves, insectos, folhas a serem pisadas... Estamos na região mais preservada da Malásia: a das tribos “Orang asli”, nativa deste território, onde não consta que tenham vindo de outro lugar.

Abri os olhos, espreguei-me sob as brancas redes mosquiteiras: estas casas eram de uma só divisão, toda construída na tradição local em bambú, desde o chão ao tecto, e sobre estacas, que nos separavam do contacto com o solo. Havia no interior uma pequena separação com duche instalado- quente!!- para os visitantes turistas. Na verdade, os “Orang asli”, descendentes dos aborígenes que povoaram estas terras antes da chegada dos malaios, representam actualmente menos de um por cento da sociedade malaia e a grande maioria vive integrada num dia a dia com vivências actuais mas conservando muitas tradições e costumes ancestrais.

As casas de bambu onde dormíamos, eram construídas segundo a tradição local neste caso destinadas a turista. Vimo-las depois ao visitarmos uma aldeia local. Sempre o versátil, resistente e extraordinário bambu como material universal para casas, mesas, cadeiras, zarabatanas, vedações, andaimes, com uma criatividade espantosa.

Os alimentos que preparavam para nós eram todos confeccionados com produtos do meio envolvente e segundo receitas tradicionais. Antes de começar a refeição havia uma explicação sobre os produtos usados e descrita na sua confeção. Extraordinária sabedoria ecológica...

Caminhar sem ver onde pôr os pés

A zona de “Cameron Highlands” onde chegamos na nossa carrinha, passando por Tanah Rata, uma das principais cidades, situada a uma altitude entre 800 e 1600m acima do nível do mar e por isso com uma temperatura que raramente excede os 22°C.

Já em 1885 o governo inglês encarregou o geólogo e investigador William Cameron de fazer o levantamento geográfico desta zona, que ficou depois ligada ao seu nome. O seu desenvolvimento turístico data principalmente de 1930 e para isso muito contribuiu o seu clima ameno em zona equatorial.

Posteriormente, após estudos de investigação sobre as culturas adequadas neste clima e altitude, realizadas pelos ingleses foi considerada uma zona muito propícia à cultura do chá, pomares e flores. A cultura do chá ganhou enorme dimensão e hoje em dia as encostas onduladas estão cobertas de campos de chá a perder de vista.

Há também imensos pomares, florestas densas onde o musgo se instala sem limites, grandes áreas de cultivo, e instalações para turistas.

Um dos desafios que nos foi proposto foi subir, agora a pé, a um dos pontos altos desta zona e desfrutar de uma vista única e magnífica. Trepámos por caminhos e trilhos através da floresta equatorial, coberta de musgos espessos e pequenas pontes suspensas em plena floresta tropical: densa, compacta, cheia de plantas entrelaçadas nas árvores, sempre subindo, por vezes com o chão mole e húmido neste clima equatorial a encher-nos os ténis de lama. Alcançamos o segundo ponto mais alto da região, o monte Gunung Brinchang. Avistava-se o horizonte em todas as direcções, sempre em tons de verde a cobrir colinas e montes, sobressaindo as sucessivas colinas com as plantações, em fiadas de linhas paralelas, de plantas do chá! Lembrava um pouco as vinhas nas encostas do Douro.

Imagens que perduram na memória...

Plantações da chá a perder de vista

Torna-se incontornável uma visita às britânicas plantações de chá...

As enormes plantações pertencem à mesma família escocesa há várias gerações. Colinas e colinas com as fiadas das plantas de chá. A marca chama-se “BOH” e se pesquisarem verão a enorme variedade de chás que exportam para todo o

mundo. Com sabores a manga, ou “Earl grey with tangerine” ou com lima e gengibre...

Com direito a provas no fim!

Georgetown

Para retomarmos o caminho para norte descemos até Ipoh, a terceira cidade da Malásia para tomarmos o combóio para norte até Penang: um dos estados mais urbanizados e com mais densidade populacional e a sua capital Georgetown, uma enorme surpresa: património da Unesco desde 2007, e a segunda maior cidade da Malásia apresenta muitos edifícios ao estilo europeu, uma herança britânica com um estado de conservação variável, mas com uma arquitectura muito interessante e inesperada que no conjunto nos transporta a uma atmosfera colonial.

É uma das cidades mais visitadas da Malásia.

Foi fundada em 1786 por um capitão inglês como base da Companhia das Índias Orientais na Malásia. O seu nome vem do nome do príncipe herdeiro da coroa inglesa na época. Hoje é essencialmente uma cidade habitada por chineses e invadida por turistas.

Encontra-se cozinha muito diversa, além da chinesa, desenvolvida por indianos, malaios, tailandeses e comunidades europeias.

Além do forte, uma das suas imagens de marca é a elegante “Victoria Memorial Clock Tower” que comemora o jubileu de diamante (60 anos) do reinado da rainha Vitória e por isso tem 60 m de altura. Foi financiada por um magnate chinês.

Aqui encontramos uma grande catedral dedicada a Nossa Senhora da Assunção para atender ao grupo de católicos que para aqui se transferiram vindos de vários pontos da Ásia, aos quais se juntaram um grupo significativo de católicos descendentes de portugueses. Como a sua chegada foi na véspera de festa da Assunção, em 1786. Embora a realização da edificação tivesse sido só em 1857, a consagração manteve a memória da chegada do primeiro grupo que a desejou construir. Em 1955 foi elevada pelo Vaticano a Catedral da Diocese de Penang.

Continua na pág. seguinte



MIRA

Consigo desde 1850

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço
www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
 Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

O Expresso da Malásia (3)



Passagem feita com bambu



Criança da tribo Orang Asli



Embrulhar em folha de bananeira antes de grelhar



Deliciosas iguarias desta tribo ancestral



Casa em bambu



Casa local na floresta em bambu



A confecção das refeições



Casa do magnate do estanho



Foto de casa colonial



O maior templo budista da Malásia

Continuação da pág. anterior

Uma cidade de artistas de rua

A designada "Street Art" proliferou pelas ruas desta cidade de uma forma inesperada e, a certa altura começamos a percorrer as ruas só para as descobrir. Surpresas de criatividade umas atrás das outras, por becos e recantos. Se quiserem avaliar a projecção desta actividade nesta cidade pesquisem na internet a "Street Art" em Georgetown...

interessantes e inesperadas. Mas verdadeiramente, só visto e observado com algum pormenor.

Mundos que nos surpreendem...

Uma cidade com um fascínio muito próprio, uma das mais visitadas da Malásia, a que apetece voltar e seguir depois pela ilha de Penang fora.

Mas desta vez seguimos de comboio numa longa viagem em direcção à Tailândia.

*M. J. Lobo
Out 2018*

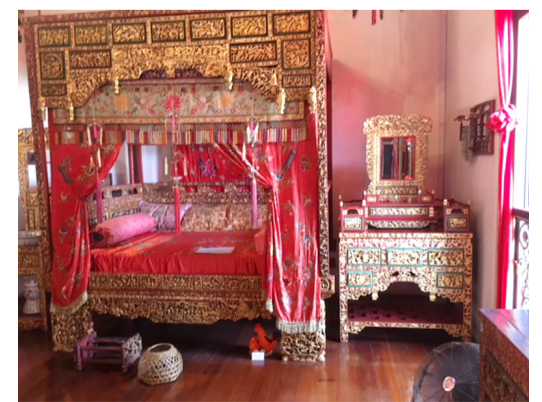


Street Art em Georgetown



O Palacete Peranakan

De entre as muitas visitas e deambulações em que esta cidade nos enreda, tive ocasião de visitar a mansão do magnata chinês que desenvolveu toda a exploração do estanho, de que a Malásia é actualmente o maior produtor mundial. Agora transformada em museu mas conservando o aspecto de uma casa de habitação tem colecções muito



Mansão do magnate do estanho